

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



Dissertação de Mestrado

**IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA:
narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãos Felisbina
Leivas**

PRISCILA DE SOUZA DE AGUIAR

Pelotas, 2014

PRISCILA DE SOUZA DE AGUIAR

**IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA:
narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãos Felisbina
Leivas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE da Faculdade de Educação/FaE pertencente a Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres

Pelotas, 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres (Orientadora)

Prof. Dr. Rogério Costa Würdig (UFPeI/FaE)

Prof.^a Dr.^a Lorena Almeida Gill (UFPeI/ICH)

Prof. Dr. Irapuã Pacheco Martins (FATEC)

Dedico este trabalho às mulheres que fizeram de mim a menina/mulher que sou. Minha mãe, sempre presente, e à memória de minha avó materna, força motriz presente dentro em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço...

... à Deus por toda sua grandeza em minha existência;

... à minha família que sempre acreditou e apostou em meus sonhos;

... às aprendizagens proporcionadas por meus dedicados professores na graduação, Rogério Würdig e Eliane Peres, estes me iniciaram na vida universitária científica;

... ao grupo de pesquisa GEPIEM e seus fomentadores, principalmente à Angelita e ao José Celório, acompanhantes de uma trajetória de novas e profundas aprendizagens;

... à professora Lorena Almeida Gill, aos professores Rogério Würdig e Irapuã Pacheco pelas contribuições ao trabalho na banca de qualificação;

... à minha amada orientadora, Lucinha, por toda compreensão e firmeza;

... às vivências e aprendizagens proporcionadas pelo Programa de Educação Tutorial (PET-Educação). Neste aprendi a partilhar ideias, saberes, diferenças, neste lutei e construí minha formação acadêmica, que me faz ser a profissional que sou;

... à amizade imprescindível de Patrícia Faria, dedicada a 20 anos, e pela força desta em minha existência;

... aos amigos que sempre estiveram me apoiando, longe ou perto, com suas palavras carinhosas e abraços acolhedores: Cristiano Silveira, Ana Lima, Larissa Bilhalba, Thaís Palmeira, Raquel Schimalfuss, Adélia Cardoso, Gerson Xavier, Moíses Faria, Adriani Calderipe;

... à querida Norma Sueli Jorge Coelho, por sua disponibilidade e atenção;

... ao Sílvio, por sua disponibilidade, carinho e apoio;

... à Associação Protetora dos Desvalidos de Jaguarão, seu presidente João Moraes e a secretária Mara Luiza Vieira pela disponibilidade de tempo e material em credibilidade à pesquisa;

... às mulheres, Ana Paula, Carla e Lenir, protagonistas da composição de meu trabalho, minha gratidão eterna.

Muito Obrigada!

Existem algumas coisas, mais que outras, que não podemos definir completamente, apenas sentir ou imaginar. (PERES e KUREK, 2008)

RESUMO

AGUIAR, Priscila de Souza de. **IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãos Felisbina Leivas**. 2014. (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Esta dissertação foi desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário, Educação e Memória (GEPIEM), situado na Linha de Pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, e aborda a temática da institucionalização de crianças no Brasil, sob a ótica de mulheres egressas do Asilo de Órfãos Felisbina Leivas, localizado em Jaguarão/RS. O trabalho aborda a História de Vida a partir dos estudos de JOSSO, o Imaginário, na perspectiva de MACHADO DA SILVA, PERES e BACHELARD, e tem como ferramentas metodológicas a Narrativa Biográfica, abordada por FERRAROTTI, e a Transcrição, abordada por CALDAS. A finalidade deste estudo ampara a apreensão das marcas vinculadas a estadia das egressas no Asilo, tomando como *corpus* de análise suas narrativas biográficas, a fim de compreender como as imagens fundadoras reverberam em suas histórias de vida, além de evidenciar os processos educativos vivenciados na instituição asilar presentes na memória das mesmas. O percurso metodológico deu-se em três instâncias: a **primeira** operacionalizou-se através de uma visita ao Asilo com a egressa, em que foram registradas imagens, fotográficas ou não, a partir de uma questão detonadora: 'Registra imagens que te marcaram positiva ou negativamente'. Na **segunda** etapa realizei a transcrição da narrativa, tornei a narrativa biográfica em uma história narrada, com a qual procurei trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato com as protagonistas da pesquisa. A **terceira**, e última, deu-se de forma a verificar e destacar dois focos de análise: imagens fundantes e processos educativos. O empírico deste trabalho apontou que a aprendizagem e incorporação das regras eram feitas pela interação; o trabalho para subsistência e higienização do Asilo era presente na rotina das meninas; a escola se fazia presente no cotidiano das meninas e é fortemente valorizada; lidar com a ausência também se fazia necessário. As imagens fundantes identificadas nas três narrativas estão fortemente associadas ao papel e a imagem de mãe, seja pela supervalorização da presença desta figura; pela percepção do abandono ou pelo reconhecimento do amor dedicado. O fundamental apontado pelo empírico da pesquisa foi que, mesmo com as dores das experiências negativas vividas no Asilo, este configurou-se, para as protagonistas desta pesquisa, como um lugar de proteção e amparo, que proporcionava segurança à quem lá tinha sua vida resguardada.

Palavras-chave: Educação. Imaginário. Narrativas biográficas. Memória.

ABSTRACT

AGUIAR, Priscila Souza de. **IMAGINATION, MEMORY AND LIFE STORIES: biographical narratives of the egresses of Felisbina Leivas orphan's Asylum**. 2014. (Mestrado) – Program Post-Graduate Education the Federal University of Pelotas, Pelotas.

The present work has been developed within the group of studies and research about Imaginary, Education and Memory (GEPIEM). It is situated in the Research Line Written Culture, Languages and Learning of Post-Graduate Program of the Federal University of Pelotas, and approaches the issue of institutionalization of children in Brazil, under the perspective of women who were in “Felisbina Leivas’ Asylum”, located in Jaguarão/RS. The research discusses the life history of the children’s egresses of institution, based on studies by JOSSO and the ‘Imaginary’, from the perspective of MACHADO DA SILVA. The objective of this work is to reconstruct, by imagination, narratives of women that spend parts of their childhood or youth in that religion asylum institution. The research seeks analyze and understand linked marks from the time that they have been stayed in the Home, taking as corpus analysis of their life histories. The biographical narratives were used as the main methodological tool to understand how the founding images, from the imagination, drive/influence living thing (a person who lives at the present time) of these women, besides to show the educational processes. The route methodological occurred in three instances: the first was operationalized by visits in the orphanage, with egresses, where have been recorded, photographic or not, images from a trigger question: 'Register images that marked you positively or negatively'. In the second, I change their biographical narratives in stories, what I call 'make history' (textualization). After transcription and textualization of narratives, I began a process of transcreation, with which I tried to bring the reader to the world of sensations caused by contact with the protagonists of the research. The third, and last, occurred so that verifies and checks two focuses: foundational images and educational practices. The empirical study showed that learning and incorporation of the rules was done by the interaction; work for maintenance and cleaning of the Home was part of the routine of girls; the school was present in their daily lives and is strongly valued; cope deal with the family's absence is also need. The founding pictures identified in the three narratives are strongly associated with the role and image of mother, and the overvaluation of the presence of this figure, the perception of abandonment or the recognition of the importance to devote love to their sons and daughters. The fundamental appointed the empirical research, was that even with all the reverses of negative experiences at Home, this was established as a place of protection, which provided security for whom there had guarded his life.

Keywords: Education. Imaginary. Biographical narrative. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Primeiro prédio que abrigou as instalações do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas (Jaguarão/RS)	30
Figura 2	Foto de ex-asiladas (documento sem data)	31
Figura 3	Segundo prédio do Lar das Meninas	33
Figura 4	Local onde se localizavam os canteiros na frente do Asilo	71
Figura 5	Local onde se localizava a praça	72
Figura 6	Raiz da árvore que A. P. relata brincar de bicicleta	73
Figura 7	Escada que dá acesso ao segundo andar do prédio	74
Figura 8	Corredor que dava acesso da cozinha ao refeitório	87
Figura 9	Local dos castigos, de baixo da escada	88
Figura 10	Corredor presente nos relatos de C	89

SUMÁRIO

SOB A CLARIDADE DA VELA	10
1 AS FOLHAS	15
1.1 INTIMAÇÕES DO IMAGINÁRIO NO PESQUISADOR	17
1.2 CRIANÇAS DESVALIDAS E INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO: Um panorama geral sobre a assistência à infância no Brasil	25
1.3 UM POUCO DA HISTÓRIA DO ASILO DE ÓRFÃS FELISBINA LEIVAS..	29
1.4 TECENDO TEIAS E NARRANDO VIDAS	34
1.4.1 Mulheres e suas vidas	39
1.5 CONSTITUIÇÃO DA PROBLEMÁTICA DE PESQUISA	40
2 AS FRUTAS	42
2.1 TRAJETO METODOLÓGICO	44
2.1.1 Caminhando em direção a compreensão	48
2.1.2 Detalhamento: as curvas do caminho	50
2.2 POR DE TRÁS DAS PAREDES: AS SEMENTES QUE ENCONTREI DO SÓTÃO AO PORÃO	53
2.2.1 Ana Paula e suas florescências	59
2.2.2 Carla e suas florescências	77
2.2.3 Dona Lenir e suas florescências	93
2.2.4 Exercício de sótão e de porão	116
3 IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas	120
REFERÊNCIAS	128
Anexos	133

SOB A CLARIDADE DA VELA

E a casa não conhece mais os dramas do universo. Às vezes o vento quebra uma telha do telhado para matar um pedestre na rua. [...] O relâmpago põe fogo por um instante nos vidros das janelas. Mas a casa não treme sob o ribombar dos trovões. Não treme conosco e por nós. Em nossas casas grudadas umas às outras, temos menos medo. (BACHELARD, 1978, p. 215)

Sob a luz de velas, é como se inicia a escrita deste trabalho. Assim sob as chamas de uma vela os pensamentos clareiam-se e vivificam-se nestas laudas que redijo, fixando-se assim no papel. Assim sucede com a cera da vela, que ao ser exposta ao calor do fogo, adquire nova forma, novo delinear, nova fixação. Assim os pensares em mim, quanto mais decantam, mais firmes se apresentam.

As imagens a qual me refiro acima são facilmente reconhecidas, identificadas – vela, fogo, decantar, calor – porém, para além dos olhos que outras imagens permeiam nossos pensares inconstantes e permanentes, que outras imagens são capazes de invadir nossa existência e fixarem-se em nossa história de vida?

Muitas são as perguntas que em mim emergiram dos devaneios a luz de velas: Em que residem nossas lembranças primevas? Em lugares? Em cheiros, sabores? Nos sonhos? Em que espaço está localizado e que importância damos ao que fomos, ao que nos constituiu? Qual o significado de nossas experiências de vida em nosso vivido – em nossa vida presente? Qual a força motriz de tais acontecimentos? Em que medida ou até que ponto, nossas experiências determinam nosso pensar e agir?

Talvez em todos os lugares. Em todas as instâncias. Essas foram algumas das perguntas que me faziam perder o sono ao pensar em escrever sobre memórias, sobre lembranças, sobre histórias de vida de mulheres egressas de uma instituição asilar.

Nesta pesquisa, desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Imaginário Educação e Memória (GEPIEM)¹, situado na Linha de Pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem do Programa de Pós-

¹ Grupo coordenado pela Prof^a Dr.^a Lúcia Maria Vaz Peres, também orientadora deste trabalho. Site do GEPIEM: <http://wp.ufpel.edu.br/gepiem/>

Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, abordo uma temática muito pesquisada em tempos atuais²: a institucionalização de crianças no Brasil. Porém meus aportes teóricos e meu olhar de análise se constituíram em outros, o Imaginário prioritariamente. Pretendo dar um novo olhar ao tratamento dado à esta temática. Aqui não trato diretamente com crianças, não falo diretamente de seu cotidiano presente nas instituições de acolhimento, me abstenho em acompanhar dia-a-dia suas experiências, não falo de políticas públicas voltadas à elas. O que estudo e aqui apresento trata-se de narrativas biográficas de mulheres³ egressas de uma instituição asilar, tendo como suporte teórico a História de Vida, estudada por Marie-Chistine Josso, como forma de apreender os processos de formação, e o Imaginário, na perspectiva de Juremir Machado da Silva, para a análise desses processos.

Intimada pelos estudos e reflexões realizadas no GEPIEM, apresento os resultados de meu esforço para compreender o trajeto inicial da história de vida de mulheres egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas, localizado em Jaguarão/RS, e a repercussão desta experiência institucional em suas vidas, de forma a evidenciar, através de narrativas biográficas pensadas pelo Imaginário, os processos educativos vivenciados na instituição asilar presentes na memória das egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas.

Tenho a narrativa biográfica como principal ferramenta de pesquisa e o Imaginário, presente nas narrativas das egressas, como propulsor das análises desta pesquisa. Importa ressaltar que se misturam as imagens dos sujeitos pesquisados e imagens presentes em meu reservatório e que se apresentam impregnadas do desejo do pesquisador. Uma espécie de imaginário operando com as imagens fundantes da memória como matrizes fundantes, potencializadoras e instauradoras deste trabalho.

Percorri através da Infância Imóvel, referida por Bachelard (1978, p. 201), lugares perdidos em nossos achados, pelas lembranças e seus valores de imagens. Voltamos à casa da infância, à moradia 'primeira', tendo a

² DEL PRIORI, 2013; RIZZINI e PILOTTI, 2011; RIZZINI, 2011; SCHUELER, 2011; IRMA RIZZINI E IRENE RIZZINI, 2004; PASSETTI, 1999; PRIORE, 1999; WÜRDIG, AGUIAR E PEREIRA, 2010.

³ Neste trabalho não aprofundo as questões de gênero presentes na constituição do lar, reconheço que poderia fazê-lo, porém opto por analisar questões relativas à formação humana presente na referida instituição.

compreensão de que “É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis” (1978, p. 201), voltamos ao passado vivido na casa que habita em nós, que habita nas egressas (protagonistas deste estudo) e em mim, pesquisadora ‘atravessada’ por seu objeto de pesquisa.

Considero este trabalho como parte integrante e fundamental em minha vida: minha cidade natal, meus familiares, meus ‘atravessamentos’, permearão este projeto a todo o momento, pois minha história de vida está diretamente ligada a instituição estudada (Asilo de Órfãs Felisbina Leivas). Lá me vejo inscrita. Minha história, minhas memórias de infância também lá estão registradas, assim como as que pesquisei. Minha proximidade com a temática estudada/pesquisada se faz presente em toda palavra aqui escrita.

O tema deste projeto de dissertação vincula-se às reflexões referentes a compreensão das histórias de vida como elemento fundamental para a redescoberta das dimensões do vivido que, por vezes, é ‘esquecido’, e que acredito ser elemento essencial para mostrar que as experiências continuam vivas em nós e seguem alimentando com força nossa busca por um viver mais significativo e pulsante (JOSSO, 2010a).

O Asilo Felisbina Leivas foi a moradia primeva das protagonistas desta pesquisa, assim que nesta escrita que ora se inicia as casas levem a reconhecer os dramas do universo, que a telha quebrada mate a sede pelo (auto) conhecimento, que o fogo ascenda a memória e evoque lembranças, que nossas vigas sejam fortes para que não fraqueje em nós a imaginação que nos ergue e nos dá segurança, mesmo que breve.

A finalidade deste estudo foi reconstituir, através de narrativas biográficas analisadas pela contribuição do Imaginário tendo como base as histórias de vida, as experiências de vida de mulheres que passaram parte de sua infância/juventude em uma instituição asilar de cunho religioso e de caráter feminino. Busquei evidenciar nesta dissertação o cotidiano, as relações, o trabalho, a educação, enfim, as sutilezas vividas no Asilo que reverberam em ações, pensamentos, posicionamentos atuais. Pretendi problematizar através do Imaginário como as imagens fundadoras influenciam o vivente (vivido

presente) de mulheres egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas e quais são os principais processos educativos apreendidos pela experiência de vida.

Para desenvolver este trabalho parto do estudo e compreensão da história das instituições de acolhimento infantil no Brasil (RIZZINI e PILOTTI, 2011; RIZZINI, 2011; SCHUELER, 2011; IRMA RIZZINI E IRENE RIZZINI, 2004; PASSETTI, 1999; DEL PRIORI, 2013); situo a instituição pesquisada e abordo seu contexto histórico-cultural (SOARES, 2004); abordo brevemente a história das mulheres (PERROT, 2012); tenho a história de vida como forma de compreensão dos processos de formação (JOSSO, 2009, 2010a, 2010b); e “firmo pé” em meus aportes teóricos do Imaginário como suporte para a análise (MACHADO DA SILVA, 2006; PERES, 1999, 2008, 2009, 2011; DURAND, 1988; BACHELARD, 1978, 2009; ARAÚJO e TEIXEIRA, 2011; KUREK, 2009). Desse modo, exponho meu lugar de pesquisadora na pesquisa e meu trajeto de constituição desta; revelo minhas pretensões para a formulação de um trajeto metodológico e por fim apresento alguns achados da pesquisa perante a análise dos dados.

Onde estão as meninas que viveram no Asilo de Órfãs Felisbina Leivas? Como se constituíram mulheres? Que influências sofreram? Como elas compreendem os processos de formação de si? Quanto da instituição está presente em suas vidas hoje? Estas são algumas questões que me propus nesta pesquisa e que agora apresento.

Inspirada na sutileza e leveza presentes nas pinturas em tecido de minha avó materna, dividi este trabalho em duas partes: As folhas e Os frutos.

Na primeira – as folhas – trago minha trajetória de vida, a qual me levou a pesquisar o que pesquiso; em seguida apresento referenciais que dão suporte à compreensão da temática abordada, desde o entendimento da história da institucionalização de crianças no Brasil, perpassando pela história das mulheres, chegando ao aporte teórico que dá sustentação à análise dos dados da pesquisa – o Imaginário; e, por fim apresento os objetivos que me levaram a resolução da questão de pesquisa.

Serão as ‘folhas’⁴ que darão ‘gás’, forma, leveza e ar (fôlego) aos estudos apresentados; aumentarão a sustentabilidade desta pesquisa; permitirão a captação (apreensão/compreensão) de novos saberes (por mim) e permitirão o conhecimento/revelação de singularidades guardadas pelas protagonistas deste projeto e registradas nestas folhas.

Na segunda parte, os ‘frutos’, evidenciarei a metodologia, a forma como procedi para encontrar e evidenciar a história de vida de mulheres egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas, os procedimentos que utilizei para desenvolvê-la e como procedi para compreender às minhas indagações.

Os ‘frutos’⁵ representam as tentativas de compreensão do universo de memórias e lembranças a mim apresentadas, é a apreensão e a análise pelo Imaginário presente nos dados. Representam o desfrutar do processo investigativo, o delinear de uma trajetória que transcorre do plantio de ideias e o semear para disseminar o produto dos frutos pelas sementes.

São as folhas e os frutos que me fizeram compreender e entrelaçar os estudos realizados e apresentados a seguir.

⁴ Enquanto parte integrante de um livro, mas que derivam, em sua etimologia, das folhas das árvores das histórias em que a Sibila escrevia suas predições em folhas de palmeiras, com isto este nome passou a se aplicar a pedaços de papel que compõem um livro. Retirado do site: Origem da palavra – Site de Etimologia, <http://origemdapalavra.com.br/> - acessado em 22/01/2014.

Sibilas são um grupo de personagens da mitologia greco-romana, descritas como sendo mulheres que possuem poderes proféticos sob inspiração de Apolo (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sibila> - acessado em: 22/01/2014).

⁵ A palavra fruta derivou de verbo, em latim, frui que quer dizer aproveitar, usar, sendo que o seu participio passado, fructus, que significa produto, fruto, proveito. Retirado do site: no site: Origem da palavra – Site de Etimologia, <http://origemdapalavra.com.br/> - acessado em 22/01/2014.

1 AS FOLHAS⁶



⁶ A imagem, acima apresentada, é uma pintura em tecido feita por minha avó, traçada com a leveza de suas mãos macias. Leveza que dedico a escrita deste trabalho.

Uma folha tranquila verdadeiramente habitada, um olhar tranquilo surpreendido na mais simples das visões, são operadores de imensidão. Essas imagens fazem crescer o mundo, crescer o verão.

Em certas horas, a poesia propaga ondas de calma. De ser imaginado, a calma se institui como uma emergência do ser, como um valor que domina, apesar dos estados subordinados do ser, apesar de um mundo conturbado. A imensidão foi aumentada pela contemplação. E a atitude contemplativa é um tamanho valor humano [...] os poemas são realidades humanas; não basta referir-se a "impressões" para explicá-las. É preciso vivê-las em sua imensidão poética. (BACHELARD, 1978, p. 334)

Ao passo que organizei e escrevi este trabalho vivenciei a imensidão da contemplação da imagem das folhas, de seus traços leves e precisos, suas cores fortes e delicadas, suas variadas formas e linearidades. Extremidades de imensos arvoredos, pequenas, grandes, finas ou grossas, elas são o 'oxigênio' de muitos seres e aqui abastecem minha imensidão poética, meu desenclausuramento.

Assim como as folhas que nascem, produzem alimento e alimentam-se, captam, trocam, o faço: faço nascer a florescência de um trabalho que é, primeiramente meu íntimo, e que é regado por concepções que o embebedam de vida e de substância, para então resultar nesta pesquisa, nestes apontamentos de mim e de outrem que se espalham e fazem assim seguir a florescer. Pois como afirma Bachelard (1978) "A casa bem enraizada gosta de ter uma ramificação sensível ao vento, um sótão que tem barulhos de folhagem" (p. 231).

Para este trabalho, nos estudos que seguimos, as imagens não reportam-se "a uma figura estática, mas, conforme nossa concepção, a uma forma de conhecimento e comunicação social, incluindo as narrativas" (PERES, 2012, p. 273), por isto ela, a imagem, se torna presente e necessária. Assim emergem imagens da casa. Casa grande, cheia de símbolos, representações religiosas (católicas), casa que hoje vejo como um espaço do vivido, espaço da memória e do imaginário.

Ao longo desta escrita e dos estudos que venho realizando no entrecruzamento entre Imaginário e História de Vida, tenho compreendido que muitos 'outros' estão presentes nos reservatórios de nossa memória que ao fim (ou ao início?) compõem o grande reservatório do que vimos sendo. Somos

feitos de imagens, de palavras, de sons, gestos, de modos de apreender o que chamamos de real.

1.1 INTIMAÇÕES DO IMAGINÁRIO NO PESQUISADOR

A cama e a cozinha: Eis o que dá sentido ao que faço

No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante.
(BACHELARD, 1978, p 202)

E neste teatro que componho agora trago a cada início de um novo ‘ato’, imagens de pinturas em tecido distintamente traçadas por minha avó. Colocando as egressas, personagens, em seu papel dominante de protagonistas deste trabalho. E assim como na pintura, passo a passo, traço a traço, linha a linha, letra a letra, desenho este que é o ser em mim, este (trabalho) que intimou pulsações que agora reverberam.

Apresento agora ao leitor reflexões acerca das intimações do Imaginário em mim que refletem em minhas ações de ‘pesquisante’, que impulsionam-me, que resultam neste trabalho. A propósito destas forças diretivas que impulsionam este trabalho, Peres (2012) afirma que “as matrizes subsumidas nas escolhas pessoais e profissionais têm suas raízes nas intimações assimiladas e acomodadas ao longo do processo de internalização e simbolização do mundo” (p. 271). São minhas reflexões sobre o que há em minha existência, o que há de mim, ao longo deste processo de interiorização e simbolização, nesta dissertação.

Impulsionada por intimações⁷ e imersa no ambiente de minha investigação faço aqui meus registros primeiros com intuito de “ajustar e consolidar percepções assíduas em minha história pessoal” (MARQUES, 2006, p. 22), que é história passada que se impõe no presente e se projeta para um futuro próximo.

⁷ Intimações, termo caro a Gilbert Durand, que se revelam ao chamado daquele que não podemos fugir. Por isso irei revelando-as ao longo desta escrita leve e densa.

Certa de que “é preciso manter um pé nas coisas do mundo que nos afeta [...] e o outro para dar conta destas em direção ao mundo dos saberes científicos” (PERES, 2011, p. 66) uni minhas intimações primeiras (realizar uma pesquisa em minha cidade natal) e as subsequentes (interesse pelos estudos sobre a infância⁸) para elaborar um projeto que pesquisasse história de vida.

Fascinada pelos estudos sobre a infância institucionalizada, a história das instituições de acolhimento de crianças no Brasil e a vida cotidiana destas nas casas-lares⁹ optei, no mestrado, por estudar histórias de vida. Histórias de vida de meninas que moraram durante sua infância/juventude em uma instituição asilar católica. Estudo que foi desenvolvido através da biografia focada em suas vivências na instituição de acolhimento. Estudo que de alguma forma estou imbricada quando escrevo sobre a história destas meninas, hoje mulheres, porque me remete intensamente às memórias de minha infância.

Minha proximidade com o lugar pesquisado se estabeleceu através de meu irmão. Ele frequentava o jardim de infância e eu, por estudar no turno da tarde, ficava com ele na escola no período da manhã. Como sem ser aluna regular eu frequentava a escola? Minha avó era cozinheira, era ela quem preparava a comida para as crianças que ficavam na ‘creche’ por turno integral.

Isto porque a instituição (Asilo de Órfãos Felisbina Leivas) após o encerramento de suas atividades como instituição acolhedora e protetora de meninas desvalidas (pós a instituição do ECA, 1990) foi substituída por uma creche, chamada ‘Casinha de Maria’. Sem a configuração de ‘Lar de meninas’, passou a atuar na educação inicial de crianças. Mantendo a ordem católica como frente, era coordenado por irmãs¹⁰ e atendia crianças na faixa etária de quatro e cinco anos.

Grandes panelas na cozinha, imensos fogões, mesa central e alta (que nunca alcancei), pratos servidos no almoço antes de ir para a escola, minha avó no canto do refeitório a observar, a louça sendo lavada com o som da água

⁸ Despertado pela participação, durante a graduação em Pedagogia (FaE/UFPel), da pesquisa ‘Infâncias Abridadas: estudos compreensivos com crianças sob a tutela do estado’, coordenada pelo Prof. Dr. Rogério Würdig.

⁹ Termo instituído para a denominação dos abrigos de acolhimento depois da implantação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), 1990.

¹⁰ Neste trabalho a palavra irmã e freira poderão ser compreendidas com o mesmo significado, já que as egressas assim as utilizam para identificar as mulheres de ordem religiosa que desempenhavam o papel de suas cuidadoras.

corrente com forte pressão. A comida! Ah, a comida era fabulosa. É minha primeira infância ou infância primeira como diz Bachelard (2009), a que vive e pulsa em mim, a que mesmo oculta pela passagem de tempos doloridos permanece intacta e transporta.

Ao meditar sobre a criança que fomos, para além de toda história de família, após haver ultrapassado a zona dos pesares, após haver dispersado todas as miragens da nostalgia, atingimos uma infância anônima, puro foco de vida, vida primeira, vida humana primeira. E essa vida está em nós [...] permanece em nós. Um sonho nos conduz até ela. A lembrança só faz reabrir a porta do sonho. [...] Tudo o que acolhe a infância tem uma virtude de origem. (BACHEARD, 2009, p. 120)

Ao iniciar meus estudos sobre o Imaginário tinha pouca compreensão sobre os motivos que de longe me aproximaram. Peça a peça o quebra-cabeça foi se montando, fazendo, organizando, não como uma imagem pronta apenas a espera por ser revelada, mas foi-se fazendo com peças que emergiram a partir da reflexão, dos pensamentos, das conversações, da imaginação, dos devaneios, das músicas e de meu imaginário in/consciente. E, neste contexto, percebi que minha história e minhas memórias de infância também lá estavam registradas, assim como as que quero pesquisar. Minha proximidade, antes inconsciente, agora faz-se presente em toda palavra aqui escrita. São vivências minhas que incitam o pesquisado.

Como invadir a origem das mulheres que viveram no Asilo sem mergulhar em minhas próprias origens? Sem fazer submergir o que me impulsiona? Eis o que aqui faço!

Lembro-me dos rostos das professoras, irmãs e crianças, sempre sorridentes, dos estudos nos dias de prova de baixo de uma imensa árvore, das brincadeiras na pracinha, dos filmes nas tardes chuvosas, dos pneus enterrados na areia grossa, da grama verdinha no imenso pátio, das lindas rosas cultivadas pelas irmãs, da sombra fresca, dos sons, dos cheiros, das cores.

São nítidas em minha memória as imagens¹¹ do lugar: camas altas de ferro com molas; quartos grandes e vazios apenas povoados por camas aparentemente sem vida, mas que ocupavam minha mente com suas histórias;

¹¹ Em anexo (B, C, D e E) apresento algumas imagens fotográficas que reuni ao longo da pesquisa e representam meu eu no lar.

corredores escuros e gelados, que ficava a observar, temerosa em desbravar; escadas frias; cozinha ensolarada; banheiros apertados; salões e corredores vazios, que em mim ecoavam. Ao escrever sinto as sensações! Ao sonhar e sentir escrevo! Mário Osório (2006) nos diz que escrever é preciso, pois neste ato – a *priori* inocente – podemos nos encontrar, “encontrar-se a si mesmo sendo mais forte do que se é [...]” (p. 45). Osório ainda refere-se ao Imaginário como um “reservatório onde se agregam as experiências do viver e donde a cada momento podem emergir, pelo ato de escrever” (Op. Cit. p. 52). Eis o que emerge!

Essa "casa" é uma espécie de casa leve que se desloca, para mim, nos sopros do tempo. Está realmente aberta ao vento de outro tempo. Diríamos que nos pode acolher em todas as manhãs de nossa vida para nos dar confiança na própria vida. (BACHELAR, 1978, p. 232)

Sopros que me aproximaram e trouxeram recordações que suscitam vida. Vida presente embriagada de ventos passados.

Escrevo na medida em que emergem em mim imagens da casa que conheço bem, da qual tenho muitas recordações que hoje coloco como referências. Como recordações-referência, conceito preconizado por Josso (2010a) que refere-se a simbólica para a constituição do autor, simbólicas em minha constituição, tanto na dimensão concreta ou visível, como na dimensão invisível – emoções, sentimentos, sentidos e valores (p. 37).

A recordação-referência (JOSSO, Op. Cit.) pode ser qualificada como experiência formadora, porque referem-se ao que foi aprendido (o saber-fazer e os conhecimentos) tornando-se daí para frente referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida, quer como experiência. Tais experiências ilustram meu complexo afetivo passado e vivido intensamente e que mesmo a muito esquecido, hoje frutificam.

Percepções minhas que se refletem no que faço e sou hoje, parafraseando Peres (2011), são meus pés nas coisas do mundo que me afetam, são as forças que me movem e que agora tomo consciência.

Nesta dissertação narrei e registrei também as percepções, imagens, histórias, lembranças, de outras pessoas e tempos, referindo-se ao mesmo lugar. Sem dúvida, são lugares que tem espaço em minha memória mesmo

com o pouco tempo que lá passei como irmã (intrusa) e mais velha de um dos alunos da creche Casinha de Maria, e que impulsionam fortemente meus atos hoje, 18 anos depois.

“É porque nos identificamos com nossas experiências, que nos fixamos nelas” (JOSSO, 2010a, p. 40). Esta é percepção que tenho hoje e que me faz escrever estas linhas que caracterizo como uma parte de minha autobiografia, que de algum modo me levaram a pesquisar o que pesquiso. Sendo que esta é propulsora deste trabalho, é parte fundamental, mas não centro de análise.

A seguir apresento imagens emergentes do exercício da escrita de minha breve narrativa biográfica. Imagens que considero fundantes na elaboração e concepção deste trabalho. Encontrar potencialidades simbólicas em minha história de vida foi o primeiro exercício simbólico para a constituição desta pesquisa, sendo assim a cama e a cozinha apresentam uma cadeia de imagens (PERES, 2012) que carrego e que aponto como fundadoras de minhas escolhas pessoais e profissionais.

A cama...

Só eu, nas minhas lembranças de outro século, posso abrir o armário que guarda ainda, só para mim, o cheiro único, o cheiro das uvas que secam sobre a sebe. (BACHELARD, 1978, p. 206)

Se fechar os olhos e pensar nas noites que dormi na cama de mola que ganhei de minha avó, posso sentir os pinicões causados pelo colchão feito de palha e o embalar causado pelas molas ao revirar-me!

Cama que sustentava meu sono de criança e que hoje sustenta minhas ambições de jovem pesquisadora. Cama que nem lembrava ter tido e que em um devaneio noturno me veio a tona na lembrança, e nela fixou-se. A primeira cama, o colchão, a palha, as molas, os pinicões, os sonhos. Cama que hoje descubro ter vindo do Asilo onde minha avó trabalhara na época.

[...] há devaneios tão profundos, devaneios que nos ajudam a descer tão profundamente em nós mesmos que nos desembaraçam da nossa história. Libertam-nos do nosso nome. Devolvem-nos, essas solidões de hoje, às solidões primeiras. Essas solidões primeiras, essas solidões de crianças, deixam em certas almas marcas indeléveis. (BACHELARD, 2009, p. 93 – 94)

O Asilo acabou tornando-se extensão de meu lar durante o curto período em que lá estive, quer seja pela sua concepção asilar – que à época não fazia muito sentido para mim a não ser recolher meninas que não tinham onde e com quem morar – pelo tempo que lá eu permanecia (por vezes o dia inteiro), pela proximidade de minha mãe com a coordenação da creche, pela presença de meu irmão como aluno ou pela presença de minha avó como cozinheira.

Bachelard (1978) afirma que a “imaginação aumenta os valores da realidade” (p. 191). Inapagáveis, permanentes, indelévels, assim vejo estas lembranças hoje e descubro que elas são propulsoras de grandes movimentos em minha vida. Este mesmo autor diz que “memória e imaginação não se deixam dissociar. Uma e outra constituem, na ordem de valores, comunhão da lembrança e da imagem” (Op. Cit., p. 200). Então estão aqui minhas memórias imagéticas, minhas imagens-lembrança, meu eu.

[...] a casa natal está fisicamente inscrita em nós. Ela é um grupo de hábitos orgânicos. A cada vinte anos, apesar de todas as escadas anônimas, reencontraríamos os reflexos da "primeira escada", não teimaríamos em permanecer num degrau um pouco alto. Todo o ser da casa se desdobraria, fiel ao nosso ser. (BACHELARD, 1978, p. 206).

Esta não foi minha casa natal, porém o que dela há em mim a faz parte essencial e que me movimentou até aqui. O exato lugar da porta da cozinha e da porta que dava acesso ao pátio, ambas hoje fechadas, o lugar onde assistíamos filmes, as salas de aula, a sala da coordenação, o salão de festas, o refeitório, a pintura muito azul e muito colorida na parede da entrada, os banheiros, a torneira da pia.

É na tentativa de visualizar, mergulhar nessa intensidade das vivências particulares e particularmente significativas que constitui meu trajeto de pesquisa. Vivências particulares que são propulsoras deste estudo. Vivência particular minha, vivências intensas das protagonistas deste trabalho. O que pulsa em mim compartilho através das imagens que se fixam na memória de quem pelo Asilo de Órfãos Felisbina Leivas passou.

O prédio onde se situava o Asilo sempre foi conhecido pelos moradores da cidade (onde residi por 19 anos e a qual pretendo regressar), como Asilo. Era uma creche, mas ‘todos’ chamavam de Asilo. Atualmente já acomodou as instalações da UNIPAMA (Universidade Federal do Pampa), mas ‘todos’ ainda

referenciam-se ao prédio como “o Asilo”. Hoje acomoda uma escola particular, e *eu* (assim como outros) sigo a chamar o lugar de *Asilo*. Parece ter-se instalado naquela cidade uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006) deste lugar, como um sítio que continua a ser presente no imaginário dos que, mesmo sem ter lá morado, vivenciavam o cotidiano de uma instituição que abrigava meninas menores desvalidas.

Este autor refere-se às cidades pequenas como um lugar “onde a vida ainda é regrada e ritmada”, esclarecendo que nestes lugares “as tradições locais são mais estáveis” (HALBWACHS, 2006, p. 162). Talvez por esta solidez das tradições locais, presente nas cidades pequenas, o evento acima relatado ainda esteja acontecendo. Cerca de 22 anos depois do encerramento de suas atividades o ‘Asilo’ ainda é o Asilo!

A cozinha...

A infância é certamente maior que a realidade. [...] o sonho é mais poderoso que o pensamento. São os poderes do inconsciente que fixam as lembranças mais distantes. (BACHELARD, 1978, p. 207)

Diante dessas imagens que permeiam minhas solidões e devaneios, e assumindo um caráter que Bachelard (1978) enuncia como ‘topoanalista’ (p. 203), me propus algumas perguntas: O Asilo traz lembranças tão significativas para quem lá morou como traz para mim? Como é visto cada espaço cheio de vida passada (ou presente)? Como as mulheres que lá viveram sentem os silêncios e gritos que emanam das lembranças do lugar, do espaço vivido?

Fixa no que me afeta e apoiada em meus estudos, percebo o Imaginário como um reservatório (MACHADO DA SILVA, 2006) do que somos e vamos sendo ao longo de nossa trajetória, pelas veredas de nossos labirintos, que nos movem, motivam, impulsionam, fundam e fundamentam nossas mais singelas ações. Em minhas representações tenho a panela (grande artefato da cozinha de minha avó) como o símbolo do que une ingredientes que dão sabor à nossa vida! Esta grande bacia semântica citada por Peres (1999), a partir de Gilbert Durand, acolhe ‘ingredientes’ que exalam intensamente seus sabores e aromas, reservando, aglomerando experiências que transcendem o temporal.

O Imaginário, como o alimento, alimenta e faz viver, vivenciar. Mostro aqui meus temperos, meu calor que aquece e faz fermentar. Nessa transcendência do tempo me faço, me constituo, pesquiso e escrevo!

Panela, cama, sonho, devaneio, escrita, são nada mais que meus vividos, que hoje revivo simbolicamente, rememoro ativamente e veementemente. Cada passo meu dentro do Asilo é um vivido rememorado, cada imagem registrada configura uma memória, uma lembrança viva dentro de mim, das quais muitas não tinham sequer consciência de sua existência amplamente significativa. Bachelard (1978) nos diz que o inconsciente permanece nos locais e que as lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem localizadas. Tão sólidas quanto a parede que hoje reveste o lugar onde fora a porta da cozinha do Asilo, tão sólidas quanto o palpitar de meu coração ao escrever estas linhas.

Pretendo captar como as imagens fundadoras influenciam o vivente (vivido presente) de mulheres egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas. Estas palpitações, estes lugares, estas memórias, lembranças, marcas sutis (ou não) que hoje estão presentes no vivente, no vivenciado cotidianamente, no deixado para trás, no esquecido que em mim pulsa.

Imersa inteiramente no campo de pesquisa, tanto ao realizá-la como ao rememorar-me, assumo a perspectiva de que a dimensão subjetiva do pesquisador interfere – e muito – na construção do objeto de estudo. São minhas metades que me impulsionam, é a partir das matrizes (PERES, 1999) que constituem minhas metades que minha proposta de pesquisa nasce e floresce. Só o vejo assim hoje, sem a inocência de quando escrevi o projeto inicial que pretendia investigar a história de mulheres.

Imaginário e imaginação como propulsores de meus conhecimentos. É no pulsar do que rememoro que faço o fazer. Enxergo a latência de minha infância em meus escritos.

Não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore sem colocar neles um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamos-os como infância. Todas essas belezas do mundo, quando as amamos agora no canto dos poetas, nós as amamos numa infância redescoberta, numa infância reanimada a partir dessa infância que está latente em cada um de nós. (BACHELARD, 2009, p. 121)

Bachelard (2009) ainda afirma que

A memória é um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações. Toda a nossa infância está por ser reimaginada. Ao reimaginá-la, temos a possibilidade de reencontrá-la na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária (p. 94).

Ruínas que restauro ao perceber que outro grupo de pesquisa não me daria a exata percepção que tenho agora.

Feitas minhas memórias adentro o mundo vivido pelas egressas, curiosa por desvelar as imagens que nelas pulsam, por conhecer as experiências que são preponderantes, pregnantes e o quanto são significativas em suas vidas.

A seguir apresento, primeiramente e brevemente, um panorama sobre a infância, sua origem e concepções; às crianças desvalidas e as instituições de acolhimento, dando ao leitor uma visão geral deste processo de assistência dada à infância; em seguida apresento a instituição e história do Asilo de Órfãos Felisbina Leivas, sua fundação, seus objetivos e funções desempenhadas.

1.2 CRIANÇAS DESVALIDAS E INSTITUIÇÕES DE ACOLHIMENTO: um panorama geral sobre a assistência à infância no Brasil

Vastos são os estudos sobre a história da institucionalização infantil no Brasil (conforme autores e estudos já citados), bem como é crescente o interesse sobre investigações referentes às infâncias e suas constituições.

Estudos discutem e evidenciam a vivência institucional, as legislações vigentes, sendo que alguns destes estudos apontam prejuízos ao desenvolvimento das crianças (WATHIER e DELL'AGLIO, 2007), enquanto outros indicam que a institucionalização pode ser uma alternativa positiva quando o ambiente familiar é desorganizado e/ou caótico (MOTA e MATOS, 2008). Tais estudos nos auxiliam a compreender os mais variados modos de ser criança nestes espaços, bem como os modos como elas (crianças/infâncias) foram inscritas em imagens sociais, historicamente construídas (SARMENTO, 2007).

O historiador dos estudos sobre a infância e a família, Philippe Ariés (1981) aponta que na Idade Média não havia uma separação entre o que seria

adequado para as crianças e o que seria específico da vida dos adultos, o que referencia o "não lugar" que, durante anos, a criança ocupou. O autor chegou a essa conclusão através de seu estudo, de cunho etnográfico, que aborda a história da família e das crianças da era medieval até a modernidade, no qual observou as representações da infância no contexto Europeu.

Em seu estudo Ariés evidencia a indissociabilidade existente entre a vida adulta e a vida das crianças. Adultos e crianças partilhavam dos mesmos espaços, não havia separação, ambos partilhavam seus cotidianos, suas aprendizagens, suas festas, seus rituais, jogos, suas moradias, seus trabalhos, a vida religiosa, pois todas as atividades sociais eram coletivizadas. A pesquisa deste autor mostrou que as crianças recebiam tratamento diferenciado apenas nos primeiros anos de vida, enquanto ainda dependiam de cuidados específicos para sobreviver, assim as crianças passavam do colo para o independente mundo dos adultos, onde a transmissão do conhecimento (educação) acontecia no convívio em sociedade.

O autor afirma que embora na sociedade medieval o sentimento em relação à infância não existisse, não significava que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. Ele esclarece que

O sentimento da infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes. (ARIÉS, 1981, p. 155)

A preocupação com a atenção à esta fase inicial da vida passa a ser diferenciada a partir de um novo significado de infância, de família, de sociedade e de educação. Com a emergência deste novo significado passa-se a reservar as crianças da vida dos adultos, ou seja, o que antes era feito conjuntamente passa a ser reservado ou às crianças ou aos adultos. A conjugação familiar e a sociedade como um todo passam a considerar a infância como um período especial de desenvolvimento, no qual a criança deve ter suas peculiaridades respeitadas, requerendo proteção e cuidado. Nas palavras do autor

[...] a criança desde muito cedo escapava à sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, depois de adulta, o que nem sempre acontecia. A família não podia portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. Isso não significava que os pais não amassem seus filhos: eles se ocupavam de suas crianças menos por elas mesmas, pelo apego que lhes tinham, do que pela contribuição que essas crianças podiam trazer à obra comum, ao estabelecimento da família. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental.

A partir do século XV, as realidades e os sentimentos da família se transformaria [...] Dessa época em diante [...] a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola. A escola deixou de ser reservada aos clérigos para se tornar o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao do adulto. [...] Essa evolução correspondeu a uma necessidade nova de rigor moral da parte dos educadores, a uma preocupação de isolar a juventude do mundo sujo dos adultos para mantê-la na inocência primitiva, a um desenho de treiná-la para melhor resistir às tentações dos adultos. Mas ela correspondeu também a uma preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de ficar mais perto deles e de não abandoná-los mais. (Op. Cit. p. 231)

Como vimos, o surgimento de instituições específicas para o trato com a infância, como a escola, colaborou para o distanciamento entre as atividades destinadas às crianças e aos adultos. Jogos, trabalho, brincadeiras, comemorações passam a ser específicas à sua faixa etária.

A infância passa, aos poucos, a ter um novo caráter. Antes vista como um adulto em miniatura, a criança passa a ser vista como um ser em desenvolvimento, um cidadão que ‘virá a ser’, um ser incompleto que precisa de proteção e amparo, carinho e instrução.

Com a manifestação deste novo significado de infância, que precisaria de proteção e orientação, a família passou a ter um papel central, com mencionado, para a ‘criação e orientação’ de bons cidadãos (RIZZINI, 2011).

No Brasil a escolarização e a emergência da vida privada (familiar) chegaram tardiamente, contudo a sociedade, vagarosamente, passou a investir em instituições que auxiliassem as famílias com a difícil tarefa que lhes é cabida. Em suas diversas formas, públicas e privadas, de assistência, abrigo e/ou asilamento, as instituições educativas se destacaram como instrumentos modelares para a promoção dos ideais de civilização, então almejados pelas elites políticas e intelectuais, que disputaram projetos de construção de nação e de formação do povo (SCHUELER, 2011).

A infância adquiriu formas variadas. Conceitos como: infância desvalida, infância abandonada, infância delincente, emergiram e a forma de educação

asilar se constituiu em um dos equipamentos desenvolvidos para lidar com essa grande diversidade de sujeitos (SCHUELER, 2011).

Segundo Passetti (1999) a dureza da vida dos brasileiros que moravam em periferias, pós proclamação da República, levou os pais a abandonarem cada vez mais seus filhos. Esses em suas famílias vivenciavam carências culturais, psíquicas, sociais e econômicas, tendo, na maioria dos casos, com única saída possível a institucionalização e o acolhimento destes filhos em locais que se pautavam à proteção de pobres e desvalidos.

Segundo os estudos de Borrione e Chaves (2004) as instituições de proteção à infância no Brasil surgiram em decorrência de um conjunto de fatores. Entre estes fatores os referidos autores citam cinco. São eles: (1) o surgimento do sentimento de infância (antes inexistente) e a concepção da infância como um período particular do desenvolvimento da criança, passando a criança a ser considerada como um indivíduo que possui direitos e necessita de cuidados especiais e proteção dos adultos para sua íntegra formação; (2) a tentativa de evitar o infanticídio e o aborto, já que o abandono decorria essencialmente de questões financeiras e/ou morais (pobreza e/ou ilegitimidade da criança filha de mães solteiras); (3) o desconforto social e religioso, numa sociedade católica ao contato com crianças perambulando sozinhas pela cidade ou com os corpos expostos nas ruas, sujeitas às intempéries da natureza e aos ataques de animais; (4) a preocupação em evitar a marginalização, a prostituição e a criminalidade das crianças abandonadas; e, posteriormente, (5) a necessidade de educar, corrigir, disciplinar e controlar as crianças pobres e desamparadas para que se tornassem cidadãos úteis à sociedade.

Como podemos ver o abrigo destas crianças, sob a tutela do Estado, é resultante de um longo processo histórico e político bastante tenso, ora tratando as crianças como menores delinquentes, que necessitam ser corrigidos, ora como menores carentes, que necessitam de subsídios básicos para a subsistência (VERGARA, 1992; RIZZINI, 2004).

Foi neste cenário que, em 25 de dezembro de 1938, foi criado o “Asilo de Órfãs Felisbina Leivas”, que serviu à comunidade Jaguareense por mais de 50 anos, acolhendo “as órfãs e meninas desvalidas deste município” (Estatuto

da Associação Protetora dos Desvalidos, 1939, p. 6), com intuito de protegê-las e ampará-las.

1.3 UM POUCO DA HISTÓRIA DO ASILO DE ÓRFÃS FELISBINA LEIVAS

Idealizado pelo Coronel Augusto César de Leivas, o Asilo de Órfãs Felisbina Leivas teve sua primeira sede inaugurada em 25 de dezembro de 1938 e fazia parte da Associação Protetora dos Desvalidos (ADP). Esta Associação foi idealizada e fundada pelo Coronel, fundada em 16 de abril de 1904, tinha a finalidade de “

[...] proteger os mendigos e órfãos desvalidos deste município, de acordo com as bases oferecidas por seu doador e fundador, as quais ficam fazendo parte integrante destes estatutos. (Art. 2º. Do Estatuto da Associação Protetora dos Desvalidos em Jaguarão, 1904, p. 4)

Desde sua fundação a ADP foi organizada para abrigar velhos e órfãos da cidade. Sua subsistência era essencialmente baseada em doações da elite Jaguareense e de seu fundador. Sua autonomia foi adquirida com o passar dos anos, sendo que as diretorias que pela ADP passaram lhe garantiram a ampliação e o suporte necessário para a sequência de seu funcionamento.

De 1904 à 1938, muitas foram as modificações nos estatutos da Associação em suas estruturas, muitas foram as estratégias elaboradas por seus diretores para ultrapassar as muitas crises enfrentadas. Apenas em sua 11ª diretoria o primeiro prédio do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas, específico para meninas, foi então inaugurado.

Neste prédio residiram os sonhos de uma das protagonistas desta pesquisa. Bachelard (1978) diz que a casa natal é sempre habitada. Habitada por sonhos, anseios, angústias, medos, alegrias, devaneios, intimidades. Lenir é seu nome e 68 anos sua idade.

Sempre rodeada por flores e frutos, assim era o Asilo. Por vezes flores espinhosas e frutos sem nutrientes. O sótão é visível e o porão submerge no imaginário do pesquisado e do pesquisador. Sótão visível como as folha verdes que vivificam, porão profundo como as raízes que alimentam. Nas poéticas

palavras de Bachelard (1978) “Descer ao porão é sonhar” (p. 293) e é no sótão que “os medos se "racionalizam" facilmente” (p. 209).

[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. (Op. Cit. p. 202)



Figura 1 – Primeiro prédio que abrigou as instalações do Asilo de Órfãos Felisbina Leivas (Jaguarão/RS).

Fonte: Arsenal de documentos da APD.

O Asilo de Órfãos Felisbina Leivas (que posteriormente passou a ser nomeado de Lar de Meninas Felisbina Leivas) passou a funcionar com dezessete internas, as quais, até então, estavam sob a guarda de uma senhora. Em 11 de fevereiro de 1939 chegaram na instituição quatro Irmãs Franciscanas que ficaram encarregadas pelo cuidado e educação das jovens. Isto deu-se graças ao convênio entre a APD e a Sociedade Caritativa e Literária São Francisco de Assis. Assim o Asilo, e as meninas abrigadas que lá viviam, passaram a ser orientados pela ótica Cristã das Irmãs Franciscanas (SOARES, 2004).

O Asilo foi administrado pelas diretorias da Associação Protetora dos Desvalidos, formadas por membros da sociedade local. Entre seus principais diretores estão: Gabriel Gonçalves da Silva (1935 – 1953); Odilo Marques Gonçalves (1957 – 1959); Moacyr Prestes Bretanha (1965 – 1969); Eduardo Alvares de Souza Soares (1977 – 1979); entre outros ilustres da elite Jaguareense.



Figura 2 – Foto de ex-asiladas (documento sem data).
Fonte: Arsenal de documentos da APD.

A Porta! A porta é todo um cosmos do Entreaberto. Isto é, ao menos uma imagem-príncipe, a origem de um devaneio onde se acumulam desejos e tentações, a tentação de abrir o ser no seu âmago, o desejo de conquistar todos os seres reticentes. A porta esquematiza duas possibilidades fortes, que classificam claramente dois tipos de devaneios. Às vezes, ei-la bem fechada, aferrolhada, fechada com cadeado. Às vezes, ei-la aberta, ou seja, escancarada. (BACHELARD, 1978, p.342)

Jovens meninas, devidamente uniformizadas, postas em frente a uma imensa porta, devidamente posicionadas na escadaria. Porta que ao passo que as protege, dá segurança, as tranca, as aprisiona. Por ela adentramos o universo habitado por estas jovens meninas. Meninas com postura, semblante e roupas similares: “Um xadrez bonito assim, com uma camisa branca”, era a véstia retratada por uma das protagonistas que logo apresentarei. Das menores às maiores, postas em posição de sentido é como fica o registro da imagem fotográfica, mas o que esta moradia representa às moradoras que a tem em sua intimidade como lar?

Durante muitos anos a instituição assumiu o papel da família e da sociedade, tendo a responsabilidade de ajudar no bem estar daqueles que necessitavam, assim compreendida em meados da década de 30. Assim, a ADP originou-se em uma sociedade preocupada com o amparo de suas meninas pobres, tendo no Coronel Augusto Leivas seu mentor. No livro ‘Um século de beneficência’ (SOARES, 2004) tem-se, no discurso de inauguração

da associação, realizado por Adolpho Broquá, um forte teor de caridade e do intuito da instituição, refletindo o sentimento e a intenção da instituição.

A Caridade é o extremado caminho de S. Vicente de Paula, levando o conforto a todas as almas com a prática de suas excelsas virtudes, derramando com abundância a bondade de seu coração, acalentando nos braços a infância desvalida.

[...]

A Caridade, meus Senhores, é o único sentimento em cuja prática a criatura humana revela toda a sua grandeza, toda a nobreza da alma e um conjunto de condições que a apresenta como uma natureza superior, liberta de sentimentos ruins e bastardos.

[...]

Tudo passa, tudo se esquece, tudo corrói a ação de tempo, implacável inimigo que não perdoa, que não transige, que tudo devasta!

Abatem-se as terras, mudam-se os seios dos mares, ficam-se gerações, tudo tende a engolfar-se no nada, no esquecimento; só ficam de pé as obras de caridade porque vivem perenes nos corações, porque o seu exemplo frutifica, como frutificam as árvores de boa seiva. (BROQUÁ apud SOARES, 2004, p. 38)

Segundo Rizzini (2011) “a ideia de caridade adquiriu a conotação de uma virtude de cunho humanitário [...] sendo designada por uma variedade de termos, tais como compaixão, misericórdia, beneficência, benevolência e filantropia” (p. 92). A autora complementa a ideia dizendo que

O surgimento deste tipo de caridade pode ser entendido como um traço das sociedades modernas, resultante de uma percepção da desigualdade social, o que faria brotar a compaixão diante da miséria humana. (Op. Cit., p. 92)

Eduardo Alvares de Souza Soares – diretor da APD durante os anos de 1977 a 1979 – explicita um dos principais objetivos da instituição: auxiliar a sociedade jaguareense amparando seus velhos e órfãos desvalidas, povo carente, desamparado, que necessita de ajuda filantrópica (SOARES, 2004, p. 33).

Inaugurado em 10 de janeiro de 1959, o segundo prédio, agora não mais nomeado de Asilo e sim de “Lar de meninas Felisbina Leivas”, configurou-se em um prédio mais amplo e oferecia melhores condições de moradia às meninas abrigadas. A conclusão de sua obra contemporizou mais de 10 anos, esta foi iniciada em 1948 e concluída apenas em 1959, a lentidão na realização da construção, segundo Soares (2004), é reflexo das crises da época na cidade.

O asilo de órfãos, abandonados ou desvalidos, [...] tornou-se uma prática corrente no século XIX, quando teve impulso a ideia de

propiciar a educação industrial aos meninos e educação doméstica às meninas, preparando-os(as) para ocupar seu lugar na sociedade. (RIZZINI e PILOTTI, 2011, p. 20)



Figura 3 – Segundo prédio do Lar das Meninas.
Fonte: Imagem retirado do livro de SOARES – 2004, p 86.

Ampliar e qualificar o atendimento às meninas foi o propósito da criação deste novo Lar. Imensas janelas, andar superior, amplos e arejados quartos, pracinha... Com nova roupagem é assim que vejo o novo Lar. Porém adentrando às portas (que seguem imensas) poderemos encontrar corredores quentes e rostos apaziguados?

Duas são as protagonistas que completam este trabalho que residiram neste segundo prédio e partilham suas experiências. Ana Paula, 39 anos; Carla, 31 anos.

A partir da leitura dos relatórios das atividades do Lar, das planilhas de divisões das tarefas executadas pelas meninas no Lar e pela leitura do livro de Soares (2004) sobre a história da instituição, fica claro que o intuito deste era proteger através do acolhimento e preparar pela instrução recebida pelas irmãs. Estudos, atividades manuais e domésticas, orações, faziam parte da rotina das meninas do Lar.

Nestes espaços de institucionalização foi onde se constituíram as histórias de vida de que trato neste trabalho, espaço partilhado pelas meninas abrigadas.

1.4 TECENDO TEIAS E NARRANDO VIDAS

A imaginação aumenta os valores da realidade. (BACHELARD, 1978, p. 199)

Trabalhar com narrativas circunstanciadas, com fonte nas histórias de vida me cativa e me faz querer conhecer sempre mais. Trabalhar com o Imaginário e com histórias de vida mantém acesa a chama que clareia e aumenta o grau de minha limitada visão.

Impregnada pelos estudos do Imaginário, minha visão, ou as lentes de meu óculos¹², se tornam mais potentes, assim como meus impulsos pensantes, isto na medida em que compreendo que “o ser humano é movido pelos imaginários que engendra” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 7), que é portador de um reservatório de sentidos, emoções, vestígios, sentimentos, afetos, imagens, símbolos e valores. É pelo Imaginário que o homem constrói-se, e constrói, cultura. Sendo assim é por meio do Imaginário que o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece a si mesmo (Op. Cit. p. 14).

Re – mexer, virar, construir, erguer, contar, parte das histórias de vida de mulheres com experiência institucional asilar foi motivação primeva deste trabalho. O que há nesta bagagem de vida que as faz singulares? Quais sonhos e esperanças carregam consigo? Que venturas e desventuras ocorreram entre as paredes do Asilo?¹³

Inquietações que me propus a compreender através das narrativas enunciadas, tendo o Imaginário como óculos para análise e propulsor das mais variadas formas de se constituir como ser humano que se apóia em múltiplas bagagens (experiências de vida), sejam elas coletivas, individuais, culturais e/ou sociais, para ser o que se é, para agir e pensar como se pensa.

Para tal, assumo o conceito de Imaginário proposto por Machado da Silva (2006). Ele refere-se ao Imaginário como um

[...] reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal,

¹² Cangalhas, como diria minha avó!

¹³ Poderia aqui acrescentar questões relacionadas a formação feminina ofertada no lar, porém, como já mencionado, este não é o foco de análise deste projeto.

sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo.

[...]

Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos. (Op. Cit., p. 11 – 12)

Sendo o Imaginário este reservatório que agrega, junta, une, acumula nossas experiências e que, o sendo move, impulsiona, joga, movimentando nossas ações, tentei, com este referencial, ‘revirar’ esta reserva motriz e desvendar quais são os vividos mais marcantes/significativos na história de vida das protagonistas desta pesquisa (egressas do Asilo de Órfãos Felisbina Leivas) que emergem em seu vivente, ou seja, em seu vivido presente.

A realização deste estudo pautou-se na importância de valorizar os conhecimentos das pessoas pelas pessoas (PERES, 2008), ou seja, das egressas pelas egressas. Para viabilizar essa estratégia, optei pelas narrativas biográficas como fonte importante para compor a história de suas vidas, bem como mostrar os percursos da vida pessoal de cada sujeito identificado pela pesquisa.

A narrativa está presente no mito, lenda, fábula, conto, novela, epopéia, história, tragédia, drama, comédia, mímica, pintura [...], vitrais de janelas, cinema [...] está presente em cada idade, em cada lugar, em cada sociedade; ela começa com a própria história de Humanidade e nunca existiu em nenhum lugar e em tempo nenhum, um povo sem narrativa [...] a narrativa é internacional, trans-histórica, trans-cultural: **ela está simplesmente ali, como a própria.** (BARTHES, 1993, apud PERES, 2008, p. 312, grifo do autor)

As análises da interpretação das histórias de vida narradas e registradas permitiram colocar em evidência a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida (JOSSO, 2010a). Vida que nos é cara pelos detalhes do vivido, pela sutileza dos laços estabelecidos, pela fúria, pelos sentimentos deixados e trazidos, vividos como se lá (no passado) ainda estivéssemos, pelas imagens, em nós, indelévelis.

Trabalhar com memórias é lidar com um “processo vivo, atual, renovável e dinâmico” (DELGADO, 2010, p. 17), que se renova e amplifica constantemente. Segundo a autora

A memória, [...] é um cabedal infinito, onde múltiplas variáveis – temporais, topográficas, individuais, coletivas – dialogam entre si, muitas vezes revelando lembranças, algumas vezes, de forma

explícita, outras vezes de forma velada, chegando em alguns casos a ocultá-las pela camada protetora que o próprio ser humano cria ao supor, inconscientemente, que assim está se protegendo das dores, dos traumas e das emoções que marcaram sua vida. (Op. Cit., p. 16)

Sendo assim o que é lembrado e expresso é sempre fruto de ressignificações, é o passado posto no presente, com suas sujeições e lançado para o futuro. Ao recordar fatos e situações, o sujeito imprime significações singulares. Como afirma Abrahão “Narrar a sua história de vida a outrem significa revelar o sentido da sua vida” (2006, p. 150). Ela ainda afirma que em trabalhos que envolvem memória o pesquisador deve ser

[...] consciente de que o ato narrativo se estriba na memória do narrador e que a significação que o narrador deu ao fato no momento de seu acontecimento é ressignificada no momento da enunciação desse fato, em virtude de que a memória é reconstrutiva, além de ser seletiva, mercê não só do tempo transcorrido e das diferentes ressignificações que o sujeito da narração imprime aos fatos ao longo do tempo [...] (Op. Cit., p. 151)

Mais que ressignificação, Bachelard (2009) nos fala na possibilidade de reimaginarmos nossa infância a partir de nosso amontoado de memória. Ele aponta a permanência de um núcleo de infância na alma humana, uma “infância imóvel, mas para sempre viva” (p. 94), permanente em nosso Imaginário (reservatório-motor). Para ele memória e imaginação se sobrepõe ao darmos às lembranças a atmosfera de imagens, e é nessa “união que podemos dizer que revivemos o nosso passado” (Op. Cit. p. 99).

Desde sua fundação o Asilo recebeu muitas meninas (crianças) e jovens (mulheres) que lá viveram durante anos de sua vida. Meninas que ingressaram, permaneceram e saíram do Asilo levando consigo marcas da institucionalização em um ambiente feminino e religioso. Marcas, lembranças, recordações que formam um cabedal particular, único, intransferível.

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugida. O sentimento precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição [...] Mas o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo e o fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens [...] O vínculo com a outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância. (BOSI, 1994, p. 21 – 22)

Ouvidos atentos, aliás, olhos e ouvidos! É inspirada nas palavras de Ecléa Bosi (Op. Cit.) que falo de memórias, de lembranças, do forte vínculo com outras épocas, não tão distantes, porém essencialmente significativas na vida das mulheres desta pesquisa. Não como anciãs, mas como mulheres que buscam clarear suas águas turvas no presente de suas vidas, mostrando/adquirindo a consciência de sua vida, do processo de sua formação, que terão em meus ouvidos e olhos atentos, ressonância. Ouvidos e olhos que atentaram às mais sutis passagens vividas no Asilo, e que, iluminados pela chama do imaginário, se esforçaram a perceber os silêncios.

Neste contexto as histórias de vida foram propulsoras do conhecimento e ponto de partida para que se evidenciem recordações do Asilo que a posteriori serão identificadas (ou não) como referências, como recordação referência, compreendida por Josso (2010a) como uma experiência formadora/fundadora na medida em que o que foi apreendido (internalizado) serve “quer como referência a numerosíssimas situações do gênero, quer como acontecimento existencial único e decisivo na simbólica orientadora de uma vida” (Op. Cit., p. 37).

Procurei evidenciar neste trabalho acontecimentos que marcaram a vidas das egressas do Lar sobremaneira a ponto de se tornarem um acontecimento que é referência para outros, tamanha sua significação. Josso esclarece que

A história de vida relatada é uma mediação do conhecimento de si na sua existencialidade, que possibilita que o autor reflita e se conscientize sobre diferentes registros de expressão e de representação de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação. (2009, p. 121)

Assim o fiz ao refletir sobre minha formação e sobre minhas memórias, sobre a história de vida que me constitui, assim o fiz com as egressas, apostei que nas histórias tecidas no interior do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas iria encontrar o pluralismo que constitui o ser humano. Pluralismo presente no imaginário, na imaginação que cria e dá sentido à existência e resulta neste trabalho.

Agrego a esta percepção outro conceito pautado por Josso (2010b), que é o “momento-charneira” o qual refere-se aos momentos na vida em que há

uma quebra de paradigmas, em que acontece algum fato que nos move intensamente a ponto de mudar, de passar a valorizar outrem. Segundo a autora na narrativa existem períodos articulados que agregam fatos considerados formadores, assim sendo

A articulação entre esses períodos efetua-se em torno de “momentos-charneira”, designados como tal porque o sujeito escolheu – sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de se comportar, e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente, e/ou de pensar em si por meio de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com situações de conflito, e/ou com mudanças de estatuto social, e/ou com relações humanas particularmente intensas, e/ou com acontecimentos socioculturais (familiares, profissionais, políticos, econômicos). (Op. Cit., p 70)

Neste viés o Imaginário assume o papel de aumentar o valor da realidade. Real e Imaginário, um vem a complementar o outro. Como esclarece Machado da Silva (2006) “o imaginário é uma introjeção do real” (p. 9), dele partilhamos com outros, com um outro que é antes, durante e depois, portanto atemporal, ancestral. Dele partilhamos ao passo que o formamos, constituímos, fomentamos.

O imaginário [...] ganha força mostrando que não se distancia do real, mas sim que está considerando elementos que dão ao real mais complexidade. A imaginação ganha um lugar de destaque porque passa a ser vista como necessária para a vida humana, não por falar de “coisas que não existem”, mas porque essas “coisas” criam sentido para a existência, participam do real. (KUREK, 2009, p. 35)

Nesta complexidade que se dá ao real pelo Imaginário que serão tecidas as narrativas e observadas as significações das experiências vividas no Asilo. Serão partes (minhas e das egressas, mais delas do que minhas) que se entrelaçarão, que caminharão rumo ao sentido de nossa existência. Teias que serão tecidas – fio a fio, passo a passo, lembrança a lembrança – através das narrativas da percepção de si e de sua passagem pelo Asilo, para a reflexão e compreensão de si, de sua identidade pelo Imaginário.

Nessas teias que se tecem as histórias de vida advindas do emaranhado de lembranças, que podem estar presentes e que nos fazem ser o que somos, o que nos forma. Refletir sobre o que somos, sobre o que nos constituiu, compreender as teias de relações sociais, pessoais, estabelecidas no Asilo foi o que tentei fazer à luz do Imaginário.

1.4.1 Mulheres e suas vidas

À luz do imaginário clareiam-se história de vida de mulheres. Vida de mulheres. Imaginário que permeia a vida de mulheres.

Mulheres singulares e detentoras de uma história de vida que lhes foi encarcerada, tornada invisível. Na atualidade as mulheres e suas histórias vêm se evidenciando e garantindo seu espaço com veemência. A história e seus historiadores (homens), durante muito tempo, encadearam a história das mulheres e a destinaram a uma obscuridade, as confinaram em um “silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2012, p. 16). A autora explicita que “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma sociedade tranquila” (Op. Cit. p. 17).

Poucos eram os que, nos séculos XVIII e XIX, defendiam os direitos das mulheres, e por consequência desta invisibilidade feminina, poucos eram os que se propunham a registrar sua história. Perrot (2012) cita três fatores históricos que consagram o advento da história das mulheres. São eles: o científico – que condiz a emersão da família no pensamento social, que por consequência deu a emersão à questão da mulher como sujeito ativo na sociedade; o sociológico: o aumento da presença das mulheres na universidade, primeiramente como estudantes, depois ampliando seu espaço como docentes, isto somente após a 2ª guerra mundial; e por fim os fatores políticos: que referem-se aos grandes movimentos instaurados em favor da libertação das mulheres. A partir dos anos 1970 a discussão sobre os saberes produzidos sobre as mulheres e a hegemonia masculina afetou as ciências sociais e humanas “Assim nasceu o desejo de um outro relato, de uma outra história” (Op. Cit. p. 20).

Emerge, pois uma nova história, a que é contada pelos sujeitos que a vivenciaram, não mais pela construção do imaginário dos homens, mas pela ação das mulheres em prol de sua própria história.

Estudar a história de mulheres abarcava uma vasta e oculta história, que durante anos ficou dissolvida no seio da família. Falar de mulher era falar de família, de filhos, de confinamento, de casa, mas este panorama mudou. Falar-escrever sobre mulheres é abordar de sujeitos ativos em uma sociedade

austera como a nossa; é falar, mesmo que implicitamente, de suas lutas, seu trajeto na história da humanidade, sua sensibilidade, suas transformações, partimos “de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida provada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação” (PERROT, 2012, p. 15).

Durante nossa vida na constituição de nossa individualidade, sejamos homens ou mulheres, lembranças, memórias, recordações, são nossos ‘eternos’ companheiros. Fazemos referência ao que vivemos, ao que fomos, as experiências que passamos, impreterivelmente, seja com o intuito de reviver um momento passado no presente, ou o de fazer menção às experiências como negativas/positivas. Estamos sempre a recordar, a reviver, a reimaginar, a reconstruir, somos um amontoado de experiências que nos fazem ser o que somos, agir como agimos e, diria eu, pensar como pensamos.

Intimidade do ser que não esquece, que vive a reviver! Ser que vive as lembranças, ser que lembra ao tentar esquecer... Lembranças são pedacinhos da memória, são resquícios do vivido. Adriana Falcão (2001) diz que “Lembrança é quando, mesmo sem autorização, o seu pensamento representa um capítulo”.

Ao invadir a intimidades de mulheres pretendo despertar nelas a autoridade em representar seus capítulos, seu Imaginário, suas vidas.

1.5 CONSTITUIÇÃO DA PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

Perguntar e responder pressupõem a apreensão e a análise de um conhecimento imediato (por meio da percepção, do julgamento, da memória ou da imaginação) de um objeto relativamente simples, que por sua presença à consciência nos impulsiona sempre para fora e para frente de nós próprios. (PERES, 1999, p. 14)

Compreender o que um fato específico (do passado), bem localizado na memória, pode refletir no agir de hoje requer uma análise cuidadosa, requer um olhar atento, e, ao meu ver, uma imaginação ativa e viva para os detalhes que por vezes podem passar despercebidos.

Procurei captar o quão profundas podem ter sido as marcas deixadas pela institucionalização nestas mulheres, no sentido de compreender o ser humano na situação de guarda de si (ter-se guardado por alguém). Guarda e vigia de seus fazeres e pensares, pelas experiências vividas cujo pano de fundo foi o dia-a-dia no Lar. Ou seja, o cotidiano de uma instituição asilar, de acolhimento, regido por freiras franciscanas.

Os asilos marcaram uma época histórica no Brasil no que tange o acolhimento de crianças, com suas doutrinas e metodologias, marcando profundamente a vida de quem por ventura obteve esta experiência, como referenciado em capítulos anteriores. Com o aprofundamento dos estudos das vivências, neste caso específico, de mulheres que passaram parte de sua vida no Asilo de Órfãs Felisbina Leivas foi possível refletir e problematizar acerca do papel da educação de crianças que passaram/passam, atualmente, pela experiência da institucionalização em casas lares e sobre o imprescindível investimento que deve ser feito para que estas crianças obtenham uma educação de qualidade.

Nesta perspectiva, esta dissertação tentou apreender marcas vinculadas a estadia das egressas no Lar, tomando como *corpus* de análise suas narrativas biográficas como abordagem metodológica, a fim de compreender como as imagens fundadoras, a partir do Imaginário, impulsionam/influenciam suas histórias de e na vida. E também evidenciar os processos educativos vivenciados na instituição asilar presentes na memória das mesmas.

Para que tais objetivos fossem alcançados busquei desvelar as memórias das egressas a fim de compreender a repercussão da institucionalização em suas vidas, identificando quais as imagens fundadoras, do Asilo, impulsionam a vida dessas egressas.

2 AS FRUTAS



No centro está a semente que é *mais quente* que toda a maçã. Esse calor condensado, esse cálido bem-estar amado pelos homens, faz que **a imagem passe do nível da imagem que se vê para o nível da imagem que se vive**. A imaginação se sente reconfortada por esse germe que alimenta um sal vegetativo. A maçã, a fruta, não é mais o valor primeiro. O verdadeiro valor dinâmico é a semente. É a semente que paradoxalmente faz a maçã, que lhe dá seus sucos balsâmicos, sua força conservadora. A semente não nasce apenas em terno berço, sob a proteção da massa da fruta. Ela é que produz o calor vital. (BACHELARD, 1978, p. 296, grifo meu)

Nas belas palavras de Bachelard, vivo as imagens que aqui apresento neste novo início. Uvas, pêssegos e laranjas que contêm a leveza das folhas e a força da promessa de novo fruto com a semente. Estes simbolizam, neste trabalho, o esforço em produzir, condensar e frutificar os dados colhidos e analisados.

A representação que tenho das frutas, bem como das folhas, as fazem adquirir um grau simbólico, a apreensão que tenho destas imagens as fazem singulares para mim. Como afirma Machado da Silva (2006) “O homem só existe na realidade imaginal. Não há vida simbólica fora do imaginário” (p. 7). São imagens que vivo simbolicamente.

E é neste real vivido no Asilo que agora adentro mais densamente. Neste Imaginário de representações presentes nas narrativas das egressas e que foi construído individual e coletivamente tornando-se intransferível, na medida em que pertence ao indivíduo e as conexões deste com suas experiências. Reafirmo com isto que todo ser é submetido a um Imaginário preexistente ao passo que é um inseminador de imaginários (MACHADO DA SILVA, op. Cit. p. 9), sendo assim “O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes” (Op. Cit. p. 8).

Colher as imagens do Lar presentes nas narrativas das egressas foi imprescindível nesta pesquisa para poder identificar seus Imaginários como motores em suas vidas. Reservatórios constituídos no mesmo *lócus*, o Asilo, porém distintos pela apreensão e representação que cada egressa dá às suas experiências.

E foi na travessia do processo metodológico que tal apreensão do pesquisador aconteceu. Machado da Silva (Op. Cit.) diz que o pesquisador do imaginário deve ser um pouco de antropólogo, fotógrafo, repórter, cronista e

até romancista para poder (ou tentar) captar e narrar a fluência, o extraordinário e a complexidade do vivido (Op. Cit. p. 73). Iniciei meus passos carregada de flores e frutos.

2.1 TRAJETO METODOLÓGICO

É à região de intimidade, na região em que a carga psíquica é dominante, que consagramos nossas pesquisas.
(BACHELARD, 1978, p. 205)

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, ou seja desenvolve-se em uma situação natural e é rica em dados descritivos tendo um plano aberto e flexível focalizando a realidade de forma complexa e contextualizada, e apresenta uma abordagem de estudo de caso, o qual possui como principal característica o interesse no particular, no singular que tem valor em si mesmo (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A ciência do Imaginário e sobretudo seus estudos critica toda hermenêutica “reduzora” onde a interpretação se resume a um único ponto de vista. Por isto tais estudos propõe uma hermenêutica “instauradora”, a qual busca amplificar, abrir possibilidades de ler determinado fenômeno sem julgar e/ou prescrever.

Sendo assim Gilbert Durand¹⁴ propôs o método de convergência que, na leitura de Peres (1999), constitui a busca por estabelecer relações entre as diferentes modalidades de coleta de dados utilizados no trabalho de campo, que para este trabalho foram: as narrativas biográficas, as histórias transcritas e as imagens fotográficas. Isto na tentativa de visualizar a presença de imagens pregnantes e os grandes eixos norteadores presentes nas narrativas biográficas de onde pude identificar as imagens fundantes e os processos educativos.

¹⁴ Gilbert Durand é um antropólogo e Filósofo francês, que é um dos fundadores do CENTRO DE PESQUISA SOBRE O IMAGINÁRIO, localizado em Grenoble (França), na Universidade a qual ele pertenceu. Atualmente seus estudos começam ganhar maior espaço e atenção de estudiosos e pesquisadores de várias áreas de pesquisa sobre o imaginário. Durand recebeu forte influência de mestres como: Gaston Bachelard, C. G. Jung, Henry Corbin, Georges Dumézil, Lévi-Strauss, entre outros (PERES, 1999).

As intimações que os sujeitos sofrem do meio em que estão enraizados se relacionam diretamente com todo o repertório do imaginário que nós vamos incorporando ao longo da nossa trajetória de vida. Com isso, como já visto, o Imaginário se caracteriza por esta vasta gama de imagens que pertencem ao nosso reservatório e que são alicerce de nossas ações. Peres (1999), em seu estudo de doutoramento, pontua que

O conjunto de imagens e suas relações constitui para Durand, o *capital pensado pelo homo sapiens* o qual aparece-nos como um denominador fundamental onde convergem todas as criações do nosso pensamento. (Op. Cit., p. 43)

Disposta a evidenciar os processos educativos das egressas desenvolvidos na instituição asilar e presentes na memória das egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas a partir de suas narrativas, utilizei-me das narrativas como ferramenta de pesquisa, a qual caracterizo como biográfica, tendo sua gênese nas histórias de vida.

Adentrando as narrativas biográficas tive como intuito principal identificar os processos educativos presentes nos fatos narrados, este visto como toda a formação que o sujeito teve durante sua vida a partir da interação com o meio, dentro e fora da escola. Neste caso, o Asilo é encarado como grande reservatório que vamos acumulando ao longo do trajeto de autoformação, dos conhecimentos adquiridos e que são motores existenciais, questão que está relacionada ao Imaginário que incorporamos em nossa experiência de vida.

Processos estes que estão conectados às intimações que sofremos e que estão relacionadas a como vamos constituir o nosso imaginário sobre as coisas, o mundo e sobre nós mesmos. Imaginário este que se relaciona com intimações que advém do cosmo, social, do psíquico.

Na leitura de Peres (1999) “O imaginário e os símbolos, na vida humana, são uma espécie de ‘malha’ onde são tecidas as relações dos homens no e com o mundo; consigo próprios, com outros homens e com as “coisas” demandadas pela cultura” (p. 25-26), sendo assim a imaginação, que produz significação, atribui sentido simbólico acerca de tudo o que nos cerca. Assim, ele (o Imaginário) é por natureza produzido e produtor de sentido, cuja exegese está numa raiz de camadas muito profundas, antropológicas (Op. Cit., p. 16).

Percebi que a tarefa da memória (através das lembranças) revela fatos de histórias vividas, acontecimentos que de alguma forma foram demasiado marcantes, ciente de que a “história de nossa infância não é psicologicamente datada. As datas são repostas a posteriori; vêm dos outros, de outro lugar, de um tempo diverso daquele que se viveu. Pertencem exatamente ao tempo em que se conta” (BACHELARD, 2009, p. 100). Busco as matizes psicológicas mais sutis (BACHELARD, 1978). Sutis no ser, no agir, na memória, nas lembranças, nas falas, nas lágrimas, ora minhas ora das egressas que lá (no Asilo) são meninas, jovens.

A história de vida surge, neste contexto, como mola propulsora de experiências significativas para quem narra, na medida em que ela ajusta-se como um

método de investigação-ação que procura estimular a autoformação, na medida em que o esforço pessoal de explicação de uma dada trajetória de vida obriga a uma grande implicação e contribui para uma tomada de consciência individual e coletiva. (PINEAU apud NÓVOA, 2010, p. 167)

Propulsora de pensamentos, imagens, sentimentos e conscientização do quanto suas vivências asilares deixaram marcas e que refletem em sua vida hoje. Foi através das histórias de vida narradas pelas egressas que se deu a constituição do objeto de pesquisa.

Valorizo as narrativas biográficas como ferramenta metodológica, pois através delas

[...] as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confortam a vida cotidiana normal. (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 91)

Assim as narrativas biográficas servirão de “material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem” (JOSSO, 2010a, p. 35) que decorrem das lembranças do vivido na instituição. Mais que isso, servirão para desvelar um universo pouco transitado, por vezes nebuloso, escuro e escurecido, que são os Asilos.

Neste sentido processos de formação, conhecimento e aprendizagem se colocam em meu horizonte como um pressuposto de que todas as práticas

sociais de interação implicam em processos educativos, portanto, toda e qualquer prática, e aqui me refiro a práticas humanas, como requer o campo da Educação, dentro das Ciências Humanas, são educativas.

Abrahão (2006) aponta a potencialidade da narrativa dando a ela uma tríplice dimensão: como fenômeno – o ato de narrar-se – que contem a totalidade de uma experiência de vida; como método de investigação, as histórias de vida constituem-se com base em narrativas produzidas com a intencionalidade de construir uma memória pessoal e coletiva; e como processo de ressignificação do vivido, possibilitando a maior clarificação do conhecimento de si. Sendo assim as narrativas, utilizadas neste trabalho exercerão as funções de proporcionar a compreensão da solidez de uma experiência de vida ressignificando o vivido de quem narra e irão constituir uma memória do lugar em questão, para além do individual.

As narrativas constituem-se de elementos que trazem uma forte gama de significado pessoal ao narrador, e articulam presente, passado e futuro, sendo que

[...] o passado não é estável; ele não acode à memória nem com os mesmos traços, nem com a mesma luz. Apenas se vê apanhado numa rede de valores humanos, nos valores da intimidade de um ser que não esquece, o passado aparece na dupla potência do espírito que se lembra e da alma que se alimenta de sua fidelidade. (BACHELARD, 2009, p. 99)

Histórias individuais que darão norte para a compreensão do coletivo.

Partindo do universo singular de cada sujeito desta pesquisa busquei compreender o território amplo, das pequenas e significativas experiências vividas no Asilo para as repercussões destas na vida em sociedade. Procurei reflexos das marcas deixadas pela institucionalização no vivido presente, acreditando que “o individuo é a reapropriação **singular** do **universal social** e histórico que o rodeia, **podemos conhecer** o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTTI, 2010, p. 45, grifo do autor).

Fiz uma leitura deste espaço institucional e dos processos educativos que lá se estabeleceram através das biografias, para tanto reafirmo com Bachelard (1978) que “No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante” (p. 202). Leitura esta que

partiu das experiências dominantes, das imagens pregnantes presentes nas narrativas biográficas, partindo da compreensão de que

O passado rememorado não é simplesmente um passado da percepção. [...] A imaginação matiza desde a origem os quadros que gostará de rever. Para ir aos arquivos da memória, importa reencontrar, para além dos fatos, valores. [...] Para reviver os valores do passado, é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, na paz de um grande repouso. Então a Memória e a Imaginação rivalizam para nos devolver as imagens que se ligam à nossa vida. (BACHELARD, 2009, p. 99)

O que se passa do ponto de vista do sujeito será balizador desta pesquisa para que se possa compreender o processo de constituição da pessoa (sua história de vida) como ser humano em constante formação.

2.1.1 Caminhando em direção a compreensão

Uma das preocupações presentes desde o início da pesquisa foi a de como localizar as egressas do Asilo que há muito teve suas portas fechadas. Meus primeiros passos, já na elaboração do projeto para a seleção do mestrado, foram neste sentido. Entrar em contato com a instituição – Associação Protetora dos Desvalidos (ADP) – foi meu primeiro movimento.

Com o aceite e autorização para a elaboração do projeto de pesquisa por parte da ADP, tive acesso aos documentos do Lar de Meninas Felisbina Leivas. Iniciei então uma garimpagem nos documentos que me foram colocados a disposição¹⁵.

Meu primeiro interesse foi pela história da instituição. Passei a conhecer o movimento social filantrópico que almejava pesquisar, conheci a história da ADP e suas várias ações em prol da proteção dos desvalidos da cidade através do livro “Associação Protetora dos Desvalidos – Um Século de Beneficência”, de autoria do escritor Jaguareense Eduardo Alvares de Souza Soares, livro este escrito em 2004 em comemoração ao centenário da Associação Beneficente Cel. Augusto César de Leivas (1904 – 2004) e ao sesquicentenário do nascimento de Augusto César de Leivas (1854 – 2004).

¹⁵ Em anexo (F, G, H, I, J e K) alguns dos documentos que dispus para tal garimpagem inicial.

Este livro proporcionou-me situar historicamente a associação e a posterior construção dos prédios do Asilo que serviram de abrigo às meninas, o primeiro inaugurado em 1938 e o segundo em 1959¹⁶.

Deu-se início então a uma nova garimpagem, a seleção e procura das egressas. Com o ‘Livro para o registro das órfãs do Asilo Felisbina Leivas’¹⁷ em mãos iniciei um processo de seleção das egressas, o número de meninas (hoje mulheres/idosas) era grande e vastas as possibilidades.

Impregnada pela história do lugar, da construção dos prédios, dos anos que se passaram até sua concretização, tinha a ideia inicial de selecionar seis participantes para a pesquisa, sendo três que viveram suas experiências no primeiro prédio e três no segundo.

Com esta ideia em mente e o livro dos registros em mãos fui a procura, nos escuros, de mulheres que gostariam de participar da pesquisa. Tarefa nada fácil. Em várias visitas à ADP conversei com a secretária, com o presidente, com antigas funcionárias e percebi que meu garimpo deveria ser feito pela conversa, pelo diálogo na cidade pequena, pelas histórias quase comuns, como que com uma memória coletiva de um lugar que é reconhecido por todos moradores, pois como afirma Duvignaud

a memória individual existe, mas está enraizada em diferentes contextos que a simultaneidade ou a contingência aproxima por um instante. A rememoração pessoal está situada na encruzilhada das redes de solidariedades múltiplas em que estamos envolvidos. (DUVIGNAUD apud HALBWACHS, 2006, p. 12)

Nesta encruzilhada em que me encontrava, minha nova estratégia foi seguir as pistas dadas por antigos funcionários do Asilo, pelo presidente e pela secretária. Encontrei três senhoras que residiram no primeiro prédio e três mulheres que residiram no segundo.

¹⁶ O acesso aos documentos da ADP tais como: Relatórios anuais de atividades; Os Estatutos da ADP; As fichas de inscrição para o lar; Declarações de entrada e saída do lar; Ficha de estudo social; entre outros, contribuíram para a elaboração deste trabalho Anexo F (Ficha de Estudo Social), Anexo G (Documento que registra a saída de Carla do Asilo sob responsabilidade de seu tutor), Anexo H (Capa do livro em que eram feitos os registros de entrada e saída da egressa do lar), Anexo I (Termo de abertura do livro de registro), Anexo J (Folha de registro da entrada e saída da egressa Carla Rejane Almeida) e Anexo K (Listagem das meninas conforme sua data de nascimento e a série que frequentavam).

¹⁷ Neste livro eram registrados os dados das meninas ao ingressarem no asilo, nas palavras contidas no livro “Registro do movimento das meninas amparadas neste asilo”. Os dados contidos no livro eram: data de entrada; nome da internada; filiação; nacionalidade; cor; idade; órfã; nome de quem a internou e observações.

Ao iniciar o contato com as egressas confirmei minhas hipóteses de que a bagagem de informação sobre o tempo vivido no Asilo era vasta e densa e reduzido seria o tempo que eu teria de fazer uma densa análise em um corpus amplo de intensos dados. Após a primeira visita ao Asilo, realizada com a egressa Ana Paula, refleti e decidi reduzir o número de participantes da pesquisa, que fixou-se em três: duas que residiram no segundo prédio e uma que residiu no segundo.

As protagonistas deste trabalho são: Ana Paula, Carla e Lenir. Três mulheres com suas histórias pessoais partilhando da coletividade das vivências no Asilo, no Lar, em seus lares. Seus nomes foram mantidos com suas autorizações, são suas vidas, seus depoimentos, suas experiências de vida retratadas a partir de meu/nosso olhar.

Como já mencionado as narrativas foram meu principal suporte metodológico, pois como afirmam Jovchelivitch e Bauer “Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa” (2002, p. 91).

2.1.2 Detalhamento: as curvas do caminho

Na **primeira etapa** da pesquisa o trabalho operacionalizou-se através de uma visita minha ao Asilo acompanhada da egressa, em que foram registradas imagens fotográficas, a partir de uma questão detonadora (PERES, 1999): ‘Registra imagens que te marcaram positiva ou negativamente’.

Ana Paula e Carla realizaram a visita. Lenir¹⁸, a mais velha das entrevistadas, optou por narrar sua história em sua casa. Tanto as visitas ao Lar como a entrevista no aconchego de casa partiram da mesma questão, e pontuo não terem sido diferentes em seus conteúdos, apenas na forma como foram realizadas, pois

Não se vê aquilo que não está no olhar. Ver não é fenômeno ótico ou biológico. Faz parte da maneira como se codifica e se decodifica o mundo que nos circunda. Ver é codificar e decodificar. É antes de tudo, maneira de interpretar, de dar sentido, de criar e reconhecer

¹⁸ As protagonistas desta pesquisa autorizaram a utilização de seus verdadeiros nomes. O modelo de autorização está no anexo L.

conexões e mediações entre instâncias ônticas. (CALDAS, 1999, p. 28)

O que vimos e sentimos durante as narrativas estava no olhar, não apenas no que se via, mas principalmente no que sentíamos. Vi o reviver delas ao falarem de suas memórias, ao reviverem e ressignificarem suas trajetórias de vida.

Partindo desta questão detonadora, com um gravador e uma câmera em mãos, um caminho na memória da egressa e no prédio do Asilo foi trilhado. Com as duas primeiras egressas (as mais novas da pesquisa que residiram no primeiro prédio do Lar) o caminho foi o mesmo: iniciamos nosso percurso na entrada do Asilo, pelo portão, e passamos por todos os cômodos que de alguma forma eram recordados. Durante este percurso minha interferência foi a mínima possível, por vezes elas questionavam a relevância de suas recordações, eu apenas reafirmava a questão inicial e esclarecia que tudo era importante, até mesmo as lembranças consideradas, por elas, singelas.

Percebi que durante o trajeto elas pontuaram precisamente os lugares, “Aqui eram os canteiros antigamente” (Ana Paula); “Aqui a gente recebia os pais da gente” (Carla). Esta precisão nos locais mostra o quão fortes foram as marcas deixadas, pois ambas relataram ser a primeira vez que regressam ao prédio após sua saída, o que media uns 20 anos sem voltar ao lugar em que passaram uma parte de sua vida.

Tal visita pode ser considerada como uma volta ao tempo, um regresso às origens, que foi devidamente registrada, oral e imageticamente. O objetivo desta primeira narrativa biográfica foi de reconstruir, através do diálogo do entrevistador com o entrevistado, a trajetória de vida dos sujeitos em questão (DELGADO, 2010).

Tais imagens serão o pano de fundo para a constituição de narrativas biográficas, as quais serão constituídas por recordações significativas a partir de sua pregnância na narrativa.

Falar das próprias experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, [...] o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. [...] nesse *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência [...] (JOSSO, 2010a, p. 47–48, grifo do autor)

Poderia ter realizado esta lembrança em um lugar sugerido pela egressa, um lugar confortável, sem as interferências que a rua e as pessoas presentes no local pudessem vir a causar. Porém optei por ir com a egressa até o referido lugar para que houvesse uma maior mobilização das lembranças.

O que pretendia era resgatar as imagens fundadoras destas egressas. Imagens fundantes em sua trajetória de vida (JOSSO, 2010a), que as impulsionam a ser o que são, a fazerem o que fazem, o que a posteriori, se efetivou através das narrativas biográficas.

Dentro do método de pesquisa biográfico, explicitado por Franco Ferrarotti (2010), tais narrativas são consideradas matérias primas, “materiais biográficos primários, isto é, as narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por um investigador no quadro de uma interação primária (*face to face*)” (p. 47, grifo do autor).

Ainda segundo Ferrarotti (Op. Cit.) as narrativas de acontecimentos ou de vida é um ato de totalização sintetizada de experiências vividas.

Uma narrativa biográfica não é um relatório de “acontecimentos”, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista), por meio de uma narrativa-interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diríamos antes que narra uma interação presente por intermédio de uma vida. (p. 46)

Com a egressa mais velha, Lenir, residente do primeiro prédio do Lar, a narrativa foi marcada pelos lugares da mesma forma como com as primeiras, eram lugares presos em sua memória, precisamente lembrados, e a cada nova lembrança de um novo acontecimento um novo local era recordado e descrito com detalhes. Nesta última narrativa minha intervenção foi maior, além da pergunta detonadora, fiz indagações sobre os cômodos da casa, sobre a escola, sobre as freiras, a rotina, conforme a história ia desvelando-se para mim eu ia adentrando a ela. Como Abrahão afirma a história da vida não é só uma transmissão de informações, mas uma construção da qual participa o próprio investigador, segundo ela isto “caracteriza o processo de pesquisa que consiste em ‘fazer surgir’ histórias de vida em planos históricos ricos de significado [...]” (2006, p. 154).

Na **segunda etapa** da pesquisa transcrevi as três narrativas e iniciei o processo de transformá-las em história. Foi um processo prazeroso e recompensador, pois a leitura das narrativas foi extremamente densa, o que me impregnou das vivências do Lar. Recebi uma narrativa e devolvi a elas uma história, como forma de exercitar a hermenêutica instauradora usando a degravação para ampliar e reelaborar os dados coletados. Histórias de uma vida... Uma narrativa de um trecho de uma história de vida.

Tornei a narrativa biográfica uma história, o que chamei de ‘historiorizar’. Processo este que Meihy denomina de textualização, que consiste na organização da narrativa obedecendo a estruturação de um texto, fazendo-se a soma dos assuntos que constituem um determinado argumento pela aglutinação de palavras-chave. Com isto as indagações se incorporaram às narrativas a mim concedidas, a voz do entrevistador foi anulada dando espaço à fala dos narradores, fazendo a “rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literalmente agradável” (MEIHY apud CALDAS, 1999, p. 105).

A passagem do oral para o escrito não se faz de uma oralidade esquemática, teórica, primitiva, para uma escrita civilizada, mumificada, distanciada, cartorial ou científica, mas de uma oralidade viva e vivida, múltipla e polifônica, dialógica em seu desenvolvimento e constituição, para uma escrita ficcional, aberta, virtual, que potencializa a oralidade e o vivido [...] (CALDAS, 1999, p. 104)

Após a transcrição e textualização da narrativa, iniciei um processo de transcrição, que segundo Meihy (apud Caldas, 1999, p. 7) procura trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato do pesquisador com os protagonistas da pesquisa, trata-se de uma ficcionalidade viva, as sensações migram “do texto para a interpretação; assim como ‘a aura do momento da gravação’ já foi, ao longo do processo, internalizada desde os primeiros trabalhos de criação do texto” (CALDAS, 1999, p. 108).

Ponto este processo de transcriar uma narrativa biográfica como um grande e potente exercício de Imaginação criadora, em que ao falar do outro falo de mim. Foram minhas opções teóricas, metodológicas e de escrita que apresentaram o outro, apresentaram as mulheres desta pesquisa e sua vida institucional. Neste viés Timm (2012) afirma que

Mostro-me com as palavras que escolho para apresentar da narração de si que dele ouvi. Digo de mim pela forma como o apresento na construção de meus registros e escritas, pelas escolhas que faço daquilo que imagino que deva ser preservado e comunicado de sua narrativa. São escolhas e estas refletem, inexoravelmente, que as faz. (p. 180)

Com isto voltar os dados, antes coletados e posteriormente organizados, à elas se fez essencial, colocar em cheque minhas opções para reafirmar, ou não, o que pensei e registrei foi meu próximo passo. Não será apenas meu olhar presente nas narrativas transcritas, textualizadas e “transcriadas” (MEIHY apud CALDAS, 1999), mas será este visto e carregado da leitura crítica de quem as concedeu anteriormente a luz dos estudos do Imaginário. Minha leitura das histórias de vida, assim, foi acrescida do olhar de quem as viveu.

Ressalto, neste sentido, a importância da “comunhão dos olhares” entre pesquisador e pesquisado (TIMM, 2012, p. 168, 169, 170), evidencio e priorizo o respeito ao compartilhar a história que é do outro.

O retorno das narrativas biográficas às egressas pautou-se na seguinte questão: O que das experiências narradas você pensa estar presente em você hoje?

A partir desta questão selecionamos – eu e a egressa – fatos pregnantes que emanaram da narrativa transcrita. Fatos que elas consideraram como constitutivos de sua história de vida constituíram a sistematização e organização dos dados. Assim compus um “material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como ‘experiências’ significativas das suas aprendizagens, [...] e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural” (JOSSO, 2010a, p. 47).

Foi na tentativa de visualizar, mergulhar nessa intensidade das vivências particulares e particularmente significativas que constituí meu trajeto metodológico, primeiramente, como já mencionei, com uma visita realizada à instituição, onde a egressa fez o registro de imagens marcantes, em seguida com a construção de uma narrativa e finalmente com o compartilhamento e reflexão das experiências narradas com a egressa.

Sendo assim uma das características desta pesquisa é a de ser uma investigação-ação, ao colocar o sujeito em prol da análise e percepção de sua própria história, de seus próprios vividos, de sua própria história de vida.

A **terceira**, e última etapa, deu-se de forma a verificar e destacar das narrativas, das imagens e das histórias, dois focos de análise: imagens fundantes (JOSSO, 2010a) e processos educativos.

Utilizo-me da compreensão acerca do Imaginário e seu papel fundante em nossas vidas como modo sensível de perceber as experiências das egressas do Asilo, como fundamentais em suas vidas cotidianas; das narrativas de história de vida para tecer a fio condutor da pesquisa; na compreensão das imagens (registradas ou rememoradas) como potentes e impulsionadoras do vivido; na compreensão dos aportes fenomenológicos como forma de ação, reação, atitude frente ao fenômeno estudado. Olhar aguçado, sensível, abrangente, registrado pelas imagens e legitimado nas narrativas.

2.2 POR DE TRÁS DAS PAREDES: AS SEMENTES QUE ENCONTREI DO SÓTÃO AO PORÃO

[...] a casa não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos. Quando, na nova casa, voltam as lembranças das antigas moradas, viajamos até o país da Infância Imóvel, imóvel como o Imemorial. Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar as lembranças deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida. (BACHELARD, 1978, p. 201)

Neste capítulo apresento as protagonistas desta pesquisa – Ana Paula, Carla e Dona Lenir – suas essências, seus vividos enquanto egressas do Lar Felisbina Leivas, suas narrativas e a apreensão que delas tive.

A proposta deste trabalho não foi fazer um estudo sistemático dos lugares físicos revisitados, o que Bachelard nomeia por ‘topoanálise’ (1978, p. 202), mas sim localizar e situar as lembranças do Asilo enquanto Lar, enquanto

moradia, enquanto espaço verdadeiramente habitado que nos traz a essência da noção de casa, de Lar, de abrigo (BACHELARD, 1978, p. 200, 205).

Do sótão ao porão, cada sujeito que no Lar viveu, carrega consigo, como que aprisionado em suas memórias, recordações que estarão presentes em seu Imaginário (formado pelo individual e coletivo) e que serão propulsoras de suas ações no presente – “reservatório motor” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 11). Suas águas passarão em lugares diferentes, mas terão resquícios do lugar por onde um dia passaram.

Voltando a este passado vivido no Asilo e que se vivifica na vida das egressas podemos compreender que a função desempenhada pelo Asilo de Órfãs Felisbina Leivas – a partir do olhar construído através dos estudos realizados nos documentos da instituição, nos relatórios das atividades, e a partir do relato das egressas e das pessoas que conheciam o cotidiano da instituição com quem tive contato para a realização desta pesquisa – mostrou-se fundamental na vida de muitas famílias carentes de Jaguarão/RS e de suas meninas, ditas ‘desvalidas’, pois durante muitos anos a instituição tomou o papel da família, papel este incorporado pela igreja e pela sociedade, que juntos assumiram a responsabilidade de ajudar a estabelecer o bem estar daqueles que necessitavam. Nas palavras da egressa Ana Paula “se tem uma coisa boa que eu passei na minha vida foi ter ido pro Lar” (16/06/2012)

Refletindo sobre esta função social do Asilo, sobre a importância das experiências da infância para a vida adulta, sobre o reservatório formado pelas imagens constituintes destas egressas, sobre a importância da auto-reflexão para a consciência de si, apresento minhas leituras das narrativas. Apresento minha visão e interpretação, ancorada pelo Imaginário, das narrativas a mim apresentadas. São leituras e olhares, meus e delas¹⁹, sobre uma narrativa biográfica que ajuda-nos a perceber as singularidades da vida.

Segundo Abrahão tal interpretação se dá em duas dimensões: a pessoal e a contextual, ela as explica:

¹⁹ Meus: como pesquisadora interessada e disposta a desvelar o universos do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas e o que suas egressas lá apreenderam e carregam consigo. Delas: inspiradoras e protagonistas desta, autoras de suas narrativas biográficas e motivadas, pela pesquisa, a possibilidade de ressignificar e dar um novo olhar às suas experiências pela lembrança do fato vivido.

A interpretação do investigador representa uma leitura do material narrado para além das narrativas, no esforço de compreender o objeto de estudo em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador – que representa as individualidades – e na perspectiva da dimensão contextual da qual essas individualidades são produto/produtoras. (ABRAHÃO, 2006, p. 156)

Nas escritas desta pesquisa apresento a necessidade de expressão das individualidades de nosso tempo, é a partir das narrativas biográficas que apresento o cotidiano asilar em meados dos anos 50 e 80, duas épocas distintas de um mesmo Lar, são olhares individuais das egressas sobre o mesmo lugar. São individualidades que compõe o social e o coletivo do Lar.

Ao escrever sobre as memórias das egressas do Lar, sobre suas lembranças da infância, apreendo as imagens apresentadas a mim como uma re-apresentação do vivido. Ao construir suas narrativas, os sujeitos criam imagens de si que constitui uma instância da realidade relativa a representação que tem de si e de sua vida, sobretudo às escolhas feitas no decorrer de sua vida e aos valores que apresentam (CATARINI E VICENTINI, apud. SOUZA, 2009, p. 153).

Durante todo o processo de transcrição, textualização e transcrição (MEIHY apud CALDAS, 1999) das narrativas das egressas pude apreender imagens que são pregnantas, imagens que aparecem com força e que são recorrentes. São imagens fortes do Lar, imagens que avalio como referência, como recordações fundantes (JOSSO, 2010a), devido à intensidade e pregnância com que aparecem na fala das protagonistas.

Muitas foram as fotografias que encontrei pelo caminho, sendo que estas foram importantes para mim como pesquisadora, pois a compreensão deste passado, meu e do Lar, fez-se também através destas. Minha memória ativou-se pela visita ao Lar e pelas fotografias que busquei e as que até mim chegaram, as do Lar deram-me a possibilidade de olhar atentamente os detalhes e procurar o que nelas haveria de significativo. Portanto compreendo as imagens fotográficas, presentes neste trabalho, como detonadoras, pois entendo que a leitura visual do mundo viabiliza a compreensão para além de um conjunto de dados materiais ou fatos isolados (BRANDÃO, 2012, p. 14). Bachelard, ao falar de imaginação e de imagens, afirma que

As verdadeiras imagens são gravuras. A imaginação grava-se em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam

recordações vividas, para se tornarem lembranças da imaginação.
(BACHELARD, 1978, p. 217)

Neste sentido a realidade depende, principalmente, dos nossos desejos que, em parte, são derivados das intimações do meio. As imagens são matérias dinâmicas, derivadas da nossa participação ativa no mundo, um prolongamento dos corpos, onde (com)vivemos de forma singular (BACHELARD, op. Cit.).

A análise das singularidades e das principais características dos trajetos que atravessam várias etapas da vida das egressas permite identificar, o que denomino de eixos de análise, com base nos quais se estruturam as diferentes fases e as dinâmicas dos percursos das mulheres. Para cada egressa destaquei eixos que permitiram a identificação de imagens fundadoras e de processos educativos.

Para tal identificação realizei um trabalho de divisão das narrativas transcritas de acordo com quatro eixos de análise – escola e trabalho, família, escola e eu. A partir desta síntese²⁰ pude compreender quais eram os processos educativos prementes nas narrativas das três egressas.

Os eixos de análise emergiram das narrativas conforme a impregnação por mim sofrida. Quanto mais eu apreendia as relações que se passavam no Lar e que se significavam nas narrativas, mais claro se fazia a emergência das relações sociais fundantes das experiências lá vividas. Percebi que todas as vivências do Lar se faziam a partir das relações sociais que lá estavam postas. Tornaram-se evidentes as relações entre as meninas e delas com as irmãs, a relação com a escola e o trabalho, com a família e consigo mesmas. A partir desta apreensão dividi os eixos da seguinte forma (conforme anexo A): Escola e Trabalho; Família; Pares e Eu. Estes eixos me serviram de patamar para a evidência dos processos educativos expressos nas narrativas.

Apresentarei, primeiramente, as egressas individualmente com suas narrativas transcritas, os destaques que dei a suas narrativas e as imagens apreendidas a partir da leitura e análise das narrativas, dando ênfase às que considere como fundantes em sua história de vida. Após apresento as

²⁰ No anexo A está presente a síntese do trabalho de análise dos eixos para chegar aos processos educativos.

convergências feita a partir da leitura dos eixos de análise, dando destaque aos processos educativos que pude evidenciar.

2.2.1 Ana Paula e suas florescências

Ana Paula²¹ tem 39 anos, é mãe de dois filhos, ingressou na instituição com quatro anos (quando perdeu sua mãe) e lá permaneceu durante 10 anos. Ela e os quatro irmãos foram encaminhados para os lares da cidade, de meninos e meninas, após o falecimento de sua mãe, e é com serenidade que ela relata sua trajetória de vida no Lar durante a narrativa. Fala que vai e vem conforme as lembranças.

Com uma câmera na mão lá estava A.P. revivendo, vendo e registrando todos locais de sua infância. Infância no lar que durou dez anos. Dez anos vividos no Asilo que ela denomina como um período muito bom de sua vida. Muito bom!

Na fala de A.P. este olhar, esta percepção do Asilo se torna evidente. É recorrente em sua narrativa a valorização do Lar. *“Olha se tem uma coisa boa que eu passei na minha vida foi ter ido pro Lar”*; *“[...] foi a melhor coisa da minha vida!”* (A.P. 16/06/2012).

A visita ao local onde situava-se o Lar com A.P. ocorreu no dia 16 de junho, no ano de 2012²². Neste dia foram registradas as imagens fotográficas e a narrativa. O dia estava ensolarado e os raios solares reluziam assim como os sorrisos de A.P. ao realizar a visita. As lembranças de sua antiga moradia foram revividas e a cada cenário, as cenas e os personagens deste período vivido no Lar eram recontados. O que evidenciou-se era que a moradia do passado tornara-se imperecível e mantida em seu papel dominante (BACHELARD, 1978).

No processo de textualização e transcrição²³ da narrativa optei por nomear cada subtítulo pelo que efetivamente ele vai apresentar, organizei a

²¹ A partir deste ponto sempre que me referir no texto a egressa Ana Paula constará a abreviatura A.P.

²² A narrativa ocorreu em um encontro meu com a egressa no prédio em que situava-se o Lar.

²³ MEIHY apud CALDAS, 1999.

narrativa conforme a aglutinação dos fatos relatados²⁴. O primeiro denomina-se **‘Entre horta e animais’** e trata do trabalho realizado no Lar pelas meninas; o segundo tem o nome de **‘Entre brincadeiras’** e relata as atividades lúdicas vivenciadas no Lar; já o terceiro chama-se **‘Entre divisões e rotinas’** e relata a divisão do trabalho entre as meninas e a rotina diária de atividades; a quarta **‘Entre sentimentos maternos: Irmã Irena’** expõe a forte relação entre a egressa (Ana Paula) e uma das irmãs; e por fim teremos **‘Entre a saída da casa e reflexões’** que aborda a forma de saída da egressa da casa e alguns de seus pareceres sobre a instituição em sua vida.

Apresentarei agora in locu a narrativa transcrita de A.P. e em seguida retornarei no texto para mostrar a apreensão²⁵ que tive da narrativa a partir da aglutinação dos fatos relatados.

ENTRE PORCOS, CANTEIROS, MORANGOS E TRAVESSURAS

Entre horta e animais

E aqui eram os canteiros antigamente.

As freiras vendiam rosas e tudo aqui. A gente virava canteiro, capinava. Tinha canteiros e vacas para tirar o leite. Eu ia junto com a irmã Irena, que era uma irmã que me criou desde pequena, ajudava a tirar leite de manhã sabe. Ah teve a história dum porco, que quase matei o porco.

Eu era muito medonha, sapeca, e ao mesmo tempo a que menos ficava de castigo, porque a Irmã Irena me defendia muito.

Então nós brincávamos no pátio de noitezinha. Nós íamos lá pro setor de trás e um dia eu disse para as gurias: “Gurias vamos lá brincar de esconder!?” E fomos, e entramos dentro do chiqueiro

²⁴ Este processo de aglutinação dos acontecimentos se repetiu na transcrição (MEIHY apud CALDAS, 1999) das três narrativas.

²⁵ Os trechos da narrativa negritados serão posteriormente analisados.

dos porcos e começamos a apertar o porco. E tinha as portinhas para eles passarem de um lado para o outro do chiqueiro e uma hora um porco que eu apertei ficou entalado na porta e minha irmã chegou: “Paula o que tu fizeste? Foi tu que entalou o porco”? O porco entalou e não havia jeito de sair nem para um lado nem para o outro. Quando foi de manhã cedo fui lá para ver se o porco tinha morrido ou estava vivo. O porco tinha saído não sei como. Eu disse: “Ainda bem, porque se eu tivesse matado o porco ia ficar de castigo certo”!

Na frente do Lar tudo era canteiro e atrás também. Era canteiros e mais canteiros. Na horta tinha morangos, tinha de tudo um pouquinho. E tudo a gente fazia, tudo a gente comia, era morango, verduras...

E a gente brincava muito nos canteiros. A gente brincava de esconder e comia muito morango. Na horta a gente brincava de esconder, se deitava em cima dos morangos e comia os morangos!

E em tempos de finados elas as irmãs vendiam muitas flores. Elas investiam o dinheiro em alguma coisa para nós mesmos. Era água, era luz, era um monte de gente para comer.

Tinha um tanquezinho onde nós lavávamos nossa roupa e estendíamos nos arames. A gente lavava: calcinha, meia, peças íntimas. As outras roupas iam para lavanderia, que eram uniformes, essas coisas iam para lavanderia.

Tinha um galinheiro. De um lado tudo era hortas com coisas de comer, do outro era o negócio das vacas e do outro lado era o chiqueiro dos porcos que a gente fazia as artes, fazia a bagunça toda a gurizada, mas era bom, muito bom mesmo.

Aquí na frente tudo era flôr, lá atrás que era a plântação, verduras, morango, frutas e tudo. Em baixo daquela árvore matavam os porcos, carneavam e faziam sabão, murcílha, patê essas coisas tudo fazia aquí.

Ah nós nos divertíamos, achávamos um máximo matar os porcos e a gente comia, porque criavam os porcos pro sustento da casa, assim como as vacas. Das vacas a gente tomava leite de manhã, depois de tardezínha tomava de novo.

Os pinheiros nós pegavam para colocar no salão do refeitório no natal. A gente enfeitava, colocava luz, tinha um presépio enorme, um pinheiro muito grande e a gente fazia as festas de natal.

Nós comíamos bastante. E então na época de natal as irmãs se juntavam e faziam uns bolinhos loucos de bom que a gente comia um monte, e elas colocavam aqueles merengüinhos por cima e aquelas coisínhas coloridas, enfeitavam, então a gente achava um máximo quando chegava natal, porque adorávamos aquelas coisas...

Entre brincadeiras

Tinha uma pracínha, então nós achávamos um máximo, porque tinha um 'coisa' de motos e nós cantávamos uma música dos motoqueiros de antigamente que era um máximo. Tinha escorregador e cavalinho, então nós brigávamos muito porque nós éramos uma cambada de criança para pouco balanço. Então quando nós soltávamos na hora do recreio, depois da merenda para brincar, nós íamos correndo: "Eu vou pegar primeiro o

balanço”! Nós brincávamos de cavalinho, de balanço e sempre cantando a música da moto, é uma coisa que eu nunca esqueci.

Tinha uma sala que era usada quando a gente fazia as festas de noite. A irmã botava aqueles disco do Balão Mágico e a gente amava aquele tempo, a gente cantava, dançava, a irmã botava um sonzinho e a gente fazia a festa. Depois que a gente descansava daquela função toda, era a hora do lazer a gente ia para lá e dançava e brincava, era o lugar dos brinquedos, da bagunça da gente.

Época assim de natal vinha o pessoal que ajudava. Vinham e pegavam a gente. Nós nos apresentávamos, uma se vestia de Jesus, outra de Maria e fazia a festa, ganhávamos muitos presentes, a gente ganhava muito presente!

Vinha o papai Noel, então uns dias antes dele vir perguntavam: “Como é que está se comportando fulaninha”?

Tinha uma amiga minha que era muito medonha, então todos os anos ela ganhava uma ‘varinha’ do papai Noel porque era a mais medonha de todas. Claro de brinquedo! “Ela não se comportou com a irmã: ganhou uma varinha” Eu sempre me safava, eu era medonha, mas ganhava muito presente, então no meu aniversário eu ganhava mais, ganhava sempre presentes bons, aí as gurias diziam: “As ‘fulanas’ em tal mês ganharam presente melhor do que a gente”.

Às vezes eu ficava de castigo! Elas tiravam o que a gente gostava, a gente não brincava daí! Geralmente o castigo era não brincar, mas as vezes a gente ficava... as vezes... as gurias, era muito difícil de eu ficar... mas as gurias ficavam ajoelhadas uns minutinhos de castigo, só as que aprontavam muito! A Andréia

minha amiga era muito medonha, era a pior de todas, pobrezinha da Andréia. A Andréia era tri medonha, mas bom eu nunca ganhei varinha, nunca ganhei, nunca apanhei.

Vinham doações pro Lar. Vinha brinquedo, vinha muita coisa boa, então a irmã Irena sempre me chamava primeiro porque eu era a mimosa dela: “Paulinha vem aqui que chegou tal coisa”. Aí eu ia! Então era: “Paulinha vem cá, toma isso aqui para tí”, então eu sempre ganhava, eu era a mimosa. Eu era medonha, eu era muito medonha, mas era mimada e as gurias diziam: “A Paula é mimada”. Sempre fui mimada.

Uma vez ganhamos uma bicicleta, uma bicicleta muito antiga. Quando veio aquela bicicleta nós ficamos faceiras, a gente nem sabia andar, mas era muita criança e uma brigalhada por causa da bicicleta, que era uma só e umas quarenta crianças, mas até que depois eu consegui pegar e saí andando. A gente andava na volta da árvore! E aí a gente brincava e se sentava na árvore para conversar com as velhinhas, mas era bah, tri massa, bah e eu gostava muito daqui!

Me lembro de uma festa que teve, era eu, minha irmã e uma amiga da minha irmã fazendo concorrência de quem comia mais bolo. Eu era menor e as gurias maiores, eu peguei e comi mais bolo que as gurias, a amiga da minha irmã foi no banheiro e passou mal, desmaiou de tanto que comeu, daí eu penso: “Mas, que horror, eu pequenininha não passei mal, a amiga da minha irmã que era uma baita guria, passou mal”.

Quando tinham as festas vinham presentes, a gente ganhava muito presente. Bom depois que eu perdi a minha mãe nunca tive festa, e no Lar a gente tinha festa de natal, de aniversário. Na

páscoa a gente ganhava muita coisa também, bastante coisa a gente ganhava. Eu fui ganhar presente no Lar porque meu pai não tinha e depois nunca foi um pai presente nem nada.

Entre divisões e rotinas

E lá em cima a gente dormia.

A gente subia a escada que dava acesso ao nosso dormitório, nós fazíamos fila para subir. Tinha as camas e antes de deitar tinha que rezar, todas as noites ajoelhado na sua cama, cada uma na sua cama, rezava.

Era o dormitório das menores e das maiores, separado. De um lado era o das maiores, do outro lado era o das menores. Conforme quantos anos a pessoa fazia mudava de quarto.

Esse espaço era o lugar que as irmãs faziam o lanche delas, aqui elas tomavam café, as freiras só, a gente não entrava aqui, a gente quando queria falar com elas subia a escada, batia na porta e falava: “Irmã tal coisa”, só quando precisava... quando tocava a campainha e uma de nós atendia e era para falar com elas a gente batia e nem entrava, aqui era só delas. Até o banheiro era só delas. A gente não entrava aqui, a gente não podia.

Tinha o lugar da costura que nós colocávamos nossas roupas. Bem tipo guarda-roupa. Era de todo mundo junto, cada uma tinha o seu número, eu tinha o número 4. Vinha muita roupa de doações e a irmã dividia as roupas de forma igual para as meninas.

No lugar das costuras a gente entrava, mas era muito pouco. A irmã chamava, a irmã Edelmira: “Ana Paula vem cá que chegou roupa, vem experimentar umas roupinhas”! Aí se servia em mim eu pegava e já colocava no número 4.

Quando as doações ficavam grandes eram arrumadas, ajustadas ou aumentadas. A gente vinha e ajudava porque cada setor, cada área tinha as suas ajudantes, uma ajudava na cozinha, outra no refeitório para botar a comida na mesa, outras ajudavam na costura, daí todo mundo tinha uma tarefa para fazer, umas varriam o lugar que a gente estudava.

As camas eram de ferro e tinha um bidê do lado, cada uma tinha que estender a sua. De manhã a gente se levantava, 6 e meia por aí. As freiras chamavam e a gente tinha que levantar, lavar os dentes, depois descia a escada tomava e café no refeitório.

Tinha as gurias que lavavam a louça, porque quem estudava de manhã só trabalhava na tarde, quem estudava de tarde só trabalhava de manhã, para turma não se atrasar tanto para manhã quanto para tarde para ir pro colégio.

Então tinha as gurias que ajudavam na cozinha, tinha a dona Santa, que é amiga minha até hoje, ela era cozinheira. Tinham as gurias que ajudavam na lavanderia, na horta, tudo era dividido, mas muito legal era. Era muito bom mesmo.

O meu setor sempre era na horta com as minhas amigas. A gente virava canteiro... Finais de semana eu ficava aqui, porque meu pai morava para fora e a gente não tinha o que comer em casa, nas férias a gente ficava aqui também, eu e a minha irmã. A minha irmã veio para cá comigo, só que ela saiu primeiro. Nas férias eu ficava aqui com a irmã Irena com as outras irmãs.

Nós íamos sozinhas pro colégio. Eu estudava de tarde, eu entrava a 1h e meia e soltava as 5 e meia. Quando voltávamos da

escola a gente brincava, depois jantava ou elas faziam comer alguma coisa.

Aquí era o quarto das freiras, cada freira tinha o seu quarto. Nós não tínhamos acesso aos locais que eram delas, a gente não tinha acesso aos quartos, era só delas mesmo.

A gente gostava muito de descer a escada porque a gente via o movimento na rua, quando chegava alguém a gente subia as escadas e ficava de pé: “Quem será que tá na porta”?! Ah bem coisa de criança mesmo!

E tinha o Asilo das velhinhas. Esse era só das velhinhas. A gente ia visitá-las, a gente mexia muito com elas, pobrezinhas.

Tinha o refeitório que era comprido. E aquí faziam as festas para gente. A gente sentava de quatro sempre.

A gente tomava café da manhã, fazia o almoço no refeitório, já o lanche das 10 que a gente tinha, a gente fazia a volta pela porta que dá acesso para rua, batia o sino e a gente saía e fazia a fila pelo lado de fora e pegava: banana, suco, uma bolachinha, alguma coisa, pegava na porta da cozinha e sentava no pátio, porque tinha bancos e tudo. No refeitório fazíamos: de manhã o café da manhã, meio dia almoço e de noite janta. Aos domingos a gente tomava sempre chá com cuca.

Tenho horror de chá com cuca de tanto que eu tomei! Tem uma amiga da turma do Lar que diz: “Ai Paula como tu é metida a rica, tu não tomas chá com cuca”, “Não tomo de tanto que eu tomei nas freiras”” Morango então eu não posso nem ver de tanto que eu comia, a gente brincava de esconder se deitava em cima dos morangos e comia os morangos!

Entre sentimentos maternos: Irmã Irena

Tinha a irmã Irena, a irmã que me criou. Todas eu poderia dizer, mas a que me apeguei muito foi ela. Porque eu vim para cá com quatro anos quando perdi minha mãe, então me apeguei nela, foi minha mãe aqui.

A irmã Irena ensinava a gente a fazer os temas de noitezinha... Nosso uniforme era saíinha azulzinha com blusinha branca.

Eu perdi minha mãe cedo, aqui era muito bom... Bah foi a melhor coisa da minha vida! Eu me lembro de quando a irmã Irena morreu, que era para mim a minha mãe, eu me lembro quando ela adoeceu... Chorei tanto, tanto porque ela era, para mim, a minha mãe, foi quem me acolheu aqui. De tristeza essa foi a maior, que bah quando ela não estava para mim era a gota d'água.

Ela foi o meu suporte aqui. Depois que ela se foi eu nunca mais tive contato com ela, mas sempre perguntava para as irmãs que vinham da cidade onde ela estava morando. Quando ela morreu foi triste porque eu não pude ir!

Ela foi minha mãe aqui, porque eu vim para cá com quatro saí daqui com 14 anos. Sem mãe né... Então eu digo bah quem tem mãe tem que agradecer porque mãe é tudo!

Entre a saída da casa e reflexões

Saí daqui com 14 anos e peguei a trabalhar com a Darlise, onde estou até hoje. No início eu ia só final de semana, depois foi indo, foi indo, até que me pegarem para morar com eles.

Minha irmã foi trabalhar em casa de família também. E minha outra irmã mora em Curitiba, um casal também pegou ela, pegaram para criar, são os dindos dela, ela ficou um tempo morando aqui em Jaguarão, depois foram para Pelotas, e até hoje ela tá lá com eles, com a filha dela e tudo, a gente tem bastante contato, é legal.

Aquí foi minha família, foi minha casa, eu saí daqui com 14 anos e fui trabalhar de babá. Foi assim: eles vieram aquí (no Lar) porque as filhas deles queriam uma pretinha para ser babá, então minha patroa veio e se apaixonou por mim. Depois comecei a ir final de semana, final de semana, quando vê já comecei a ficar morando lá.

Eu digo para os meus filhos: “Olha que tem que cuidar da mãe, porque mãe é tudo, a gente sabe que tem mães que não são mães, mas...” Eu digo para eles: “As que são”! Mais do que eu faço, todo dia trabalhando para dar tudo para eles, tem que dar valor porque é brabo tu não ter mãe.

Com quatro anos perdi a mãe e não tive apoio de pai, meu pai não nos deu bola, nunca nos deu bola, nem veio nos visitar, tivemos que vir para cá eu e meus irmãos, nós nos separamos, meus irmãos foram pro Lar dos meninos.

Eu e minhas duas irmãs viemos para cá, porque perdi a mãe pequena e todos tinham que trabalhar. Eu era a menor. Tive que vir para cá com elas, mas não me arrependo de ter vindo porque bah foi a melhor coisa.

Foi bom para mim. Conheci gurias legais, amigas, hoje várias ainda me dou bem. As vezes a gente se encontra e fica relembrando: “Ah te lembra não sei o que lá do Lar”? Então a

gente relembra coisas boas que a gente passou aqui, claro que a gente tinha que trabalhar, tinha que fazer alguma coisa pela vida né.

Hoje eu penso e falo que é raro ver alguma menina daqui, de todas que foram criadas com a gente, que saiu e virou a cabeça. Se virou foi porque quis, porque no Lar a gente teve apoio, a gente brincava, a gente trabalhava, a gente tinha festa, tinha direito à tudo. Eu não tinha mãe, as nossas amigas tinham mãe, mas igual vieram para cá, no final de semana iam para as mães para os pais delas, mas dia de semana a gente se juntava e era legal, então a gente se divertia bastante eu e as gurias.

Eu digo para o meu filho de 13 anos e para minha filha de 12: “Olha se tem uma coisa boa que eu passei na minha vida foi ter ido pro Lar, por causa que hoje não ia ter essa gurizada nas drogas”. Eu penso isso. E eu digo assim...

... mas era bah, era tri massa, bah e eu gostava muito daqui!

Ana Paula, 16-06-2012

Segue a leitura que fiz a partir de cada aglutinação dos fatos relatados da narrativa transcrita (MEIHY apud CALDAS, 1999) de A.P.

- Entre horta e animais

Os relatos sobre o trabalho na horta, sobre o trato com os animais é fortemente presente na narrativa de A.P. Ela relata com detalhes os momentos vividos nestes lugares, seja com os animais, como no episódio do porco, seja no meio às frutas, legumes e flores, como o relato da brincadeira de esconde-esconde entre os morangos²⁶.

²⁶ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 63.

O tom dos relatos do trabalho na narrativa é o de que este era imprescindível para a subsistência do Lar e das meninas. Ela menciona que as flores eram cultivadas e vendidas para que houvesse o mantimento do Lar, para garantir o bem estar das meninas que lá moravam²⁷.

Este era o espaço onde se situavam os jardins com as flores plantadas e cultivadas pelas meninas e vendidas pelas freiras. Bachelard diz que “Ao lado da terra cavada, os sonhos não têm limite” (1978, p. 209).



Figura 4 – Local onde se localizavam os canteiros em frente ao Asilo.

Fonte: Fotografia registrada pela protagonista A.P. em 16/06/2012.

Ela relata as refeições realizadas com os mantimentos que vinham de seu trabalho com os animais – como o leite – e na horta – como os legumes e frutas.

- Entre brincadeiras e travessuras

Vários são os relatos sobre os brinquedos e as brincadeiras no Lar. Na horta entre os canteiros, na praça, nos ambientes específicos (sala de brinquedos), nas festas, nas traquinagens de criança. Apesar de todo sofrimento relatado por A.P. ao ser deixada no Lar pelo pai, após o falecimento de sua mãe, ela sempre afirma que foi muito bom ter vivido no Lar.

Sua risada ecoa pelos corredores do Asilo durante a visita ao relatar os momentos de brincadeiras e travessuras.

²⁷ Relatos presentes na narrativa transcrita de A.P. p. 62, 63, 64.

A fotografia a seguir, registrada por A.P., mostra o local onde se localizava a pracinha²⁸.



Figura 5 – Local onde se localizava a praça.

Fonte: Fotografia registrada pela protagonista A.P. em 16/06/2012.

As festas, sejam de datas comemorativas do calendário católico, sejam dos aniversários, são narradas com entusiasmo por A.P. Ela menciona que para as festas de natal, por exemplo, o Lar sempre recebia doações e que as meninas que moravam no Lar preparavam uma encenação do presépio.

Para além da apresentação natalina do presépio é relatado a presença do Papai Noel para a distribuição de presentes, segundo a egressa no natal antes de vir o Papai Noel era feita a seguinte pergunta: “*Como é que está se comportando fulaninha*”? (A.P. 16/06/2012). Ela segue o relato esclarecendo que as meninas que não tivesse obedecido as irmãs no Lar durante o ano ganhavam como repressão a seu mau comportamento uma varinha: “*Claro de brinquedo! Ela não se comportou com a irmã: ganhou uma varinha*”²⁹ (A.P. 16/06/2012).

Outro relato que prende a atenção em sua narrativa é o do dia em que as meninas ganharam uma bicicleta³⁰. A.P. fala com entusiasmo da felicidade em andar pela primeira vez em cima de duas rodas.

²⁸ Relatos presentes na narrativa transcrita de A.P. p. 64, 65.

²⁹ Relato presente na narrativa transcrita de A.p. p. 65.

³⁰ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 66.

A fotografia registra a imensa árvore relatada na narrativa de A.P. situada entre o prédio que abrigava as meninas do Lar e o Asilo de idosos.



Figura 6 – Raiz da árvore que A.P. relata brincar de bicicleta.

Fonte: Fotografia registrada pela protagonista A.P. em 16/06/2012.

Ao passo que descreve as brincadeiras surgem as narrativas dos castigos, por vezes subsumidos no entusiasmo do relato. Poucas são as vezes em que estes aparecem. Além da varinha como punição pelo mau comportamento A.P. menciona como castigo a privação das atividades que a menina – moradora do Lar – mais gostasse, geralmente elas ficavam sem brincar e menciona brevemente uma punição mais severa, como ficar alguns minutinhos de joelhos. Quando ela se percebe falando sobre punições faz questão de ressaltar que eram raras e que ela quase nunca as havia recebido³¹.

- Entre divisões e rotina

A.P. relata com detalhes o cotidiano da instituição, desde a hora em que as meninas acordavam até a hora de irem dormir. A escada presente na fotografia a seguir dava acesso aos dormitórios, onde as meninas ficavam enfileiradas, após escovar os dentes, para subir e realizarem suas orações antes de deitar para dormir.

³¹ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 65.



Figura 7 – Escada que dá acesso ao segundo andar do prédio.
Fonte: Fotografia registrada pela protagonista A.P. em 16/06/2012.

Podemos perceber pelas narrativas que a rotina da instituição envolvia desde o estudo, passando pelas refeições e chegando ao trabalho. Rotina³² regrada e vigiada pelas irmãs do Asilo. Hábitos que envolviam cumprimento rígido de afazeres domésticos, tais como: auxiliar na cozinha, nas costuras ou na lavanderia, cuidar da horta e dos animais, lavar sua roupa íntima, manter sua cama organizada, entre outros.

Para além da rotina diária A.P. conta sobre as especificidades dos lugares, sobre a ocupação dos lugares no prédio³³. Ela relata, ao longo da visita, quem ocupava cada lugar, quem poderia ou não entrar neste ou naquele espaço. Esta divisão garantia às irmãs privacidade e controle sobre as meninas.

- Entre sentimentos maternos: Irmã Irena

Para além das imagens congeladas na fotografia apreendo outras imagens na fala de A.P. uma representação de mãe muito forte. Sua reflexão sobre sua experiência de vida antes, durante e depois do Lar, a faz pontuar

³² Relatos presentes na narrativa transcrita de A.P. p. 67, 68, 69.

³³ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 67.

fortemente sua representação de mãe, como sendo aquela que protege, ampara, conforta. A necessidade deste amparo materno se faz intensamente presente.

Esta figura de mãe protetora descrita por A.P. pode ser identificada como propulsora, como fundante na vida dessa egressa, ao passo que ela relata sua experiência e suas atitudes em relação à esta. Ela faz uma forte relação de sua experiência de vida sem a presença física de sua mãe com o que pontua como ensinamento para seus filhos.

Como vimos na narrativa A.P. se apegou a uma das irmãs do Asilo que a criou, ela deposita nesta irmã a figura de mãe. Seu relato sobre seu ingresso no Lar, sobre a perda de sua mãe e sobre a perda de contado com a irmã Irena³⁴ são emocionantes, e é entre lágrimas que ela o contou.

Outra ligação muito forte expressa se refere ao laço estabelecido entre as meninas que moravam no Lar, uma mais que outras, porém A.P. se refere sempre a elas com carinho e como amigas. Conta sobre brincadeiras, sobre competições, sobre brigas, sobre traquinagens, mas sempre com tom de satisfação pelo vivido. A pesar da dor da perda de sua mãe A.P. sempre expressa seu contentamento de ter tido a oportunidade de ter vivido no Lar.

- Entre a saída da casa e reflexões

Durante dez anos a egressa viveu no Lar. Muitas foram as experiências que lá foram vivenciadas. Sua saída foi para trabalhar com uma família de classe média que necessitava de seus serviços³⁵. É nítido em seu discurso a gratidão que ela tem à família que a 'pegou' para morar com eles. Tanto ela como suas irmãs foram morar em casa de famílias após sua saída do Asilo.

Outra inferência que se pode fazer a partir de seus relatos é a relação das meninas com a instituição católica. Ela menciona as missas realizadas na capela do Asilo, lembra dos padres que a realizavam, das orações feitas todos os dias ao pé da cama. Todos estes relatos são feitos ao passo que o caminhar pelo Asilo se faz, ao passar pelo local onde se localizava a capela ela

³⁴ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 70.

³⁵ Relatos presentes na narrativa transcrita de A.P. p. 70, 71.

menciona o que recorda, ao falar da rotina lembra-se de orar todas as noites, mas todos estes fatos aparecem com pouca significância em sua narrativa.

Percebo que A.P. tem consciência da importância de sua vida no Asilo devido à sua experiência de vida, esta era sua única alternativa. Ela conta sobre seu pai³⁶ e seu pouco interesse pela criação dos filhos. O Lar foi sua casa, sua primeira casa, que a acolheu com suas irmãs e a deu a oportunidade de seguir.

Ela reflete sobre as amigadas³⁷ que criou, que cultiva atualmente, e sobre a boa conduta que tem como pessoa até hoje, a qual atribui a boa criação obtida no Lar.

Estas são as imagens que destaquei do relato de A.P. e que considerei como relevantes em sua narrativa e em sua vida. São as percepções que a egressa tem do Lar e que apresentam hoje sobre si e uma parte de sua história de vida.

Seu ingresso no Lar foi motivado pelo que considerei como sua maior perda durante a infância, sua mãe. É muito forte e relevante durante todo seu relato o sentimento de valorização da presença da mãe para uma criança. A.P. afirma a partir da falta que esta presença lhe fez, mesmo com a presença forte de irmã Irena em sua vida ela relata o quão foram difíceis seus momentos devido a esta grande perda, passando com veemência esta valoração aos seus dois filhos.

Retomando os conceitos de Bachelard referentes à casa enquanto moradia e com grande valor de proteção do ser mais íntimo (1978), identifico na narrativa de A.P. a imagem do Lar, enquanto casa, moradia primeira, casa natal, como protetor, que amparou, acolheu, instruiu, orientou e por vezes reprimiu, e assim se tornou fundante na vida da egressa. Conforme afirma Bachelard “se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa nos permite sonhar em paz” (1978, p. 201). A moradia e a imaginação estão, na escrita do autor, intimamente ligadas, pois é em nosso Imaginário que os sentimentos relativos à moradia residem.

³⁶ Relato presente na narrativa transcrita de A.P. p. 71.

³⁷ Relatos presentes na narrativa transcrita de A.P. p. 71, 72.

Queremos simplesmente mostrar que desde que a vida se abriga, se protege, se cobre, se esconde, a imaginação simpatiza com o ser que habita o espaço protegido. A imaginação vive a proteção, em todos os matizes de segurança, desde a vida existente nas conchas mais materiais até as dissimulações mais sutis que existem no simples mimetismo das superfícies. (BACHELARD, 1978, p. 283)

Vida regrada com rotina estipulada por outrem, responsabilidade com afazeres domésticos, estudo na escola com reforço escolar no asilo, convívio com aparente harmonia entre as meninas, relação de poder fortemente marcada pelas irmãs, forte relação com o trabalho para a subsistência, brincadeiras nos momentos de lazer para refugiar-se, forte sentimento de gratidão pelo amparo recebido no Lar, valorização do apreendido, são imagens que apreendo da leitura da primeira história narrada a mim.

2.2.2 Carla e suas florescências

Carla³⁸ tem 31 anos e é mãe de dois meninos. Sua permanência na casa teve duração de dois anos, o que ela julga pouco tempo, em suas palavras: *"Eu morei pouco tempo no asilo, morei dos 7 aos 9 anos. Ah, mas teve gente que viveu a vida toda nisso aqui"* (C. 25/08/2012). Ela foi levada para o Lar por sua mãe e lá permaneceu até seu tutor (padrinho) ter condições de criá-la.

C. foi a segunda egressa da pesquisa a adentrar o asilo. Nossa visita³⁹ deu-se em uma manhã fria de agosto, mais precisamente no dia 25 de agosto de 2012. Sua fala foi inicialmente de impacto, do registro de seus sofrimentos. Seu relato foi carregado das lembranças do trabalho realizado por ela no Lar, do desgosto pela comida oferecida e de reconhecimento por suas aprendizagens. Conforme os passos dados no asilo ela foi revelando, para além das dores, as alegrias lá vivenciadas.

Cada lugar foi recordado por C. com exatidão, desde o castigo de baixo da escada, até a sala escura cheia de *"quadros de gente morta"* (C. 25/08/2012), chegando aos bidês que ficavam ao lado da cama com um

³⁸ A partir deste ponto sempre que me referir no texto a egressa Carla constará a abreviatura C.

³⁹ A narrativa da egressa deu-se em uma visita minha e dela ao prédio onde situava-se o Lar.

boneco que era apenas de enfeite. Assim como na narrativa da A.P., durante o processo de transcrição da narrativa de C. os subtítulos foram nomeados conforme a condensação dos fatos narrados. Encontrei como principais imagens: **Refeitório e cozinha – comida e castigo**, que apresenta os relatos referentes aos castigos relacionados a comida; **Sala de estudo – ofício e tarefas**, que relata a divisão das tarefas realizadas no Lar e dos estudos, tanto da escola como as aprendizagens ofertadas pelo Lar (como costura, por exemplo); **Cômodos – do quarto ao banheiro**, neste subitem apresento os lugares ocupados por C. no Lar e por ela detalhados em sua narrativa; por último apresento o que intitulei de: **Lar – família, amigos e dores**, o qual se refere à algumas reflexões da egressa a respeito de sua estadia no Lar, das experiências que considera mais significativas e de algumas experiências que ela considera fundantes em sua vida.

Apresentarei agora a narrativa transcrita de C. e em seguida retornarei no texto para mostrar a apreensão a partir da aglutinação⁴⁰ dos fatos relatados.

PASSO A PASSO: O ASILO FELISBINA LEIVAS E SEUS ESPAÇOS

Nós tínhamos que plantar, capinar, tudo era nós que fazíamos, aquelas freiras eram preguiçosas. Me fizeram trabalhar tanto que hoje eu sou preguiçosa.

Eu morei pouco tempo no Asilo, morei dos 7 aos 9 anos. Ah, mas teve gente que viveu a vida toda nisso aqui.

Na recepção tinha um sofá, uma mesa, umas imagens. Não lembro que tipo de imagens, eu sei que tinha umas imagens, porque elas eram católicas. Aqui a gente recebia os pais da gente, aqui no rol de entrada.

⁴⁰ Os trechos da narrativa negritados serão posteriormente analisados.

Refeitório e cozinha - comida e castigo

Tinha o refeitório, e a gente ficava tudo em fila, nós todas, elas passavam de lá para cá com os pratos das comidas delas. Primeiro sempre o delas. Aí elas subiam. Depois que elas subiam com os pratos delas a gente entrava para comer.

Ah eu padeci muito aqui porque desde pequena eu sou nojenta para comer. A comida era boa, mas não sei, tinha polenta e eu odiava polenta e eu ia de castigo quando tinha polenta. Quando não comia ia de castigo, ficava sem comer até comer aquilo, quando era polenta eu já dizia: "Bom vou ficar uns dias sem comer"! Horrível! Não tinha um jeito de comer outras coisas, elas não deixavam. Ou tu comias ou tu comias, não tinha opção. Tinha que comer porque se não ia ser aquilo na janta, aquilo no café da manhã, até tu comer. Mas era boa a comida até, eu não lembro muito, eu lembro só da polenta que eu odiava. O café era bom, era café com leite e pão e doce.

E tinha uma sala de castigo, mas era um escritório. Era castigo no escuro, porque isso daqui imagina de noite para uma criança é enorme, aí elas te botavam em baixo das escadas ou nessa sala estranha que tinha uns seis quadros de gente morta e aí elas te botavam ali sentada e parecia que as pessoas dos quadros te olhavam, aqueles quadros olhavam para gente! Que quadro de gente parece que olha né! Aquilo era pavoroso!

A gente brincava no pátio. Tinha uma freira que era bem alemã, ela era grandona, ela parava na porta da cozinha que dava pro pátio e gritava a gente para pegar banana. Era o lanche, de tarde assim quando a gente estava brincando.

Quando tinha conflitos elas botavam a gente a velar os velhinhos, porque do lado era o asilo de idosos, se dava coincidência de no dia do morrer algum velhinho sem família, quem velava era as que estavam de castigo.

Eu veleí! Que horror! Veleí de ficar toda noite sentadinha ali. O caixão, as velas e nós ali!

Quando nós brigávamos ou não queríamos comer alguma coisa que a gente não gostava, qualquer coisa era motivo de castigo, era muita disciplina, porque eram freiras e qualquer coisa que a gente fazia a gente ia de castigo.

Eu fui de castigo de baixo da escada. Um dia mijei na cama e escondi. Eu arrumei, porque cada uma estendia a sua cama, aí eu vi: Ah mijei na cama! Aí tapei tudo direitinho e uma guria viu e falou, aí eu fiquei de castigo, fui para baixo da escada. Eu nunca descobri quem me denunciou.

Sala de estudo - ofício e tarefas

Tinham várias salas, uma era de brincar, de aprender a fazer tricô, crochê, jogar pedrinha no chão. Outra era a sala de estudar. Aqui tinha um monte de coisa. Elas ensinavam, davam reforço. Seis horas da tarde era a hora de estudar.

Durante a semana eu ia para a escola, era no Gedeão, bem pertinho. A gente comia frutas da fruteira Rui Passos, que era passada para escola. Quando tinha essas polentas ao meio dia, que éramos eu e outra guria, a Silvana que mora no bairro Kenidy, que nós não comíamos, nós comíamos as frutas estragadas da fruteira, nós fazíamos qualquer coisa, criança!

Tinha a sala que a gente brincava. A outra era mais para aprender, só que a gente brincava, a gente era criança, acho que era por isso que nós íamos de castigo. E aqui era de brincar mesmo, aqui tinha um monte de brinquedo.

Esse corredor aqui nós encerávamos. Tudo! A gente se divertia porque a gente botava as roupas no chão uma sentava e as outras puxavam, isso aqui olha parecia ser maior!

A gente levantava 6 horas da manhã, cada uma estendia a sua cama e fazia uma fila... a gente ia pro banheiro escovava os dentes, se arrumava e ia tomar café, as mais velhas que estudavam de manhã iam pro colégio e as menores, eu e outras nos dividíamos: umas iam pro pátio, outras limpavam o dormitório, outras faziam o café.

Eu limpava o dormitório verde, tinha uma amiga minha que limpava o de cor rosa, depois todas nós encerávamos o chão e limpávamos os banheiros. Isto todos os dias, só encerar que não era todos os dias, era um dia sim e um dia não. As que tinham colégio de manhã iam pro colégio, as que eram pequenas iam pro colégio de tarde. As que tinham aula de manhã vinham de tarde e limpavam o resto, a louça do almoço e iam para horta de novo.

A gente limpava o corredor e era massa quando tinha que lustrar que uma puxava a outra, era bom. As outras iam capinar, plantar. Minha função era limpar o dormitório. Era assim: eu acho que era uns quinze dias para cada um e ia fazendo rodízio entre as tarefas. Eu nunca trabalhei na cozinha porque eu era pequena aí não me botavam na cozinha.

Nós chegávamos umas cinco horas da tarde do colégio e nós brincávamos um pouco aqui no pátio, era trí bom de brincar. Elas

davam banana, fruta, seis horas nós íamos fazer os temas, quando terminava os temas, nós íamos para igreja rezar, nós jantávamos, sempre era sopa de noite, mesmo com calor era sempre sopa, nós jantávamos e brincávamos até umas nove horas, depois íamos dormir. Todos os dias.

Tarefas era arrumar a cama, encerrar, capinar... Limpar a igreja, a capelinha que tinha lá.

Tinha a igreja... Fazia tempo que eu não entrava aqui, desde pequena. Eu nunca mais tinha entrado aqui.

Na capela tinha uma porta no fundo que dava acesso para sala do castigo. Tu imaginas como não era sinistro! Era do lado da igreja, igreja é sinistro! Aquela sala que ficavam os quadros das pessoas mortas! Pessoas que fundaram, que fizeram o asilo.

Cômodos e sentimentos - do quarto ao banheiro

O quarto era um dormitório e todo mundo dormia junto. Cada uma tinha a sua cama, tinha verde e rosa, a cama era igual, a colcha era igual... O meu era verde. Cada uma tinha a sua cama, o bidê do lado da cama e um boneco em cima do bidê. Não podia brincar com aquele boneco, era só enfeite. O meu era um Pinóquio de pano, só a cabeça do boneco de pano, era bonitinho!

O nosso quarto era desse lado... era uma peça enorme. E ficavam juntas todas as meninas, tinha uma parede que separava que era o quarto de uma irmã, do outro lado era o outro dormitório.

Tinha um banheiro e tinha uma prateleira de colocar os sapatos da gente, cada uma tinha um número. O meu número era 24. Eu lembro porque convivi dois anos com aquele número. Tinha

uma parte que era nossas roupas, era uma peça e cada uma tinha um número para não pegar a roupa da outra.

Todos os dias tinha uma hora para brincar antes de dormir, lá era bom. Tinha uma peça cheia de brinquedos que doavam pra gente. Tinha a parte de costurar que era boa também, umas costuravam e as outras jogavam pedrinha. A gente catava as mais redondinhas e nós jogávamos, a gente fazia competição. Era tri bom!

A gente brincava daquela brincadeira que uma pessoa fica de costas e as outras vem vindo, vem vindo: 'Mamãe posso ir'? De caçador a gente brincava e as grandes brincavam com as pequenas.

As grandes judiavam, mas tinha uma que te cuidava, tu entravas no Lar e a freira te apresentava: "Essa aqui é a fulana". E aí diziam, quem vai ficar de responsável dela? A menina que ia com a tua cara ficava de responsável.

A que gostava de mim era muito louca, ela foi expulsa do Lar, mas ela era tri minha amiga, ela cuidava de mim, mas se botava nas freiras, aí mandaram ela embora, foi para outra cidade, nunca mais vi ela.

Lá em cima era proibido subir, porque era os quartos delas.

As irmãs cuidavam de nós. Eram as mães da gente. Cuidavam, se a gente estava doente elas cuidavam. Tinha a Catí, que mora no bairro Kenidy, ela colocou um feijão de brincadeira no ouvido e não falou para ninguém e claro brotou! Um dia ela chorou toda noite com dor de dente e não queria que nós falássemos para as freiras, nós falamos igual. Fizeram o possível e

o impossível por ela, levaram ela para Pelotas e fizeram tratamento, pediam doação, curaram o ouvido dela.

Lar - família, amigos e dores

Os pais da gente não queriam a gente, aí botavam no Lar... Ou a família queria e não tinha condições, aí para não passar fome botavam lá.

Era como uma família, porque nós morávamos todos juntos. Nós éramos uma família sim!

Nós tínhamos festa junina, as irmãs que faziam, traziam o Lar de meninos, juntavam os meninos e as meninas para fazer a festa, aí era bom. Era divertido!

Fiz amigos lá, mas hoje eu não tenho, tenho conhecidas que a gente cumprimenta e tudo, mas amigas...

No Lar a gente era amiga, brigávamos bastante também... As mães velhas mandavam nas menores. Eu era menor, tinha uma mãe velha que era responsável por mim, Suzi era o nome dela, ela era muito brava, ela brigava, brigava até com as freiras, com todo mundo, aí expulsaram ela, mas ela era minha amiga. Ela me cuidava, tinha ciúmes de mim, se agarrava a pau com as outras, era furiosa...

A relação com as freiras era boa. Tinha a Maria de Jesus, a irmã Maria de Jesus, uma bem pretinha que tocava violão. A irmã Irene que era uma bem velhinha, ela era muito velhinha, tinha uns 90 e poucos anos, mas ela era muito boazinha. Tinha a irmã da cozinha que era uma alemã, chegava a falar enrolado, ela era carrasca, mas era boa também. Tinha uma que ensinava a gente a costurar.

Quem colocava de castigo era a madre superior, eu nem me lembro o nome dela, as outras faziam queixa para ela, porque a gente não podia entrar no dormitório delas, que era lá em cima, era proibido entrar.

Nosso quarto era lá em cima, mas do outro lado, tem o lado de cá e lado de lá, o delas era o do lado de lá, bem na entrada ali que tem a escada, era proibido entrar.

Deixa eu ver... costurar era bom, a hora da missa era boa, o padre Jaime, ele era muito nosso amigo, um gordinho de óculos, ele era muito nosso amigo, era bom.

Tinha viagem, nós viajamos uma vez pro Laranjal, passamos o dia inteiro em Pelotas e depois fomos para praia. Lembro das freiras tomando banho de roupa!

Era bom...

Ruim era ficar longe de casa, as mães velhas que judiavam, os castigos eram brabos, a comida, mas de mães era bom, deu para aguentar lá.

Os meus familiares iam toda a sexta me pegar. Todas as sextas-feiras os pais iam pegar a gente, ou alguma família levava, alguma que sustentava lá o Lar, mas levavam para babá, as gurias pensavam que era para curtir, mas não, era para trabalhar de babá! No Natal vinham os ricos e pegavam as que não tinham família, as que tinham família ficavam de cara: "Tu foste pros ricos, me conta como é que era lá"! Na época a gente achava legal, mas agora eu sei que levavam elas para fazer de empregada, para trabalhar de graça, olha que barbada: ia no Lar e levava, festa de rico, fazia ajudar, limpar e as gurias achavam bom porque não tinham família. Para eles viajarem, levavam as

mais velhas. Eu sempre fui para casa e na segunda quando tinha que voltar pro Lar era horrível.

A saudade de casa era muito ruim! Ficar uma semana longe da família né, morando com um monte de gente mais velha do que tu.

Foi uma experiência de vida para mim em todos os sentidos, Deus me livre eu não abandono meus filhos, não esqueço eles no colégio nunca! Bah tá louco! Deus me livre ver eles passarem trabalho sem mãe, sem pai... longe de casa. Por mais que sejam boas as pessoas, é ruim. É essa a lição que eu tenho: nunca abandonar os filhos. Quem faz filho cria, se tiver que passar fome que seja do teu lado, não manda para nenhuma casa: ah porque comigo tá passando isso... É desculpa! Não existe isso aí: Ah eu dei meu filho porque ele estava passando trabalho! Filho nenhum aceita isso, ele pode nascer em baixo da ponte se tu deres teu filho para uma família rica ele vai te julgar. Então isso aí eu aprendi: a não dar os filhos, cria do jeito que for! Essa é uma lição. Não existe isso: eu te dei, mas te dei para uma família rica. Não! Cria do jeito que dá! Dá um pão de vez em quando, eles acostutam, criança acostuma.

Carla, 25-08-2012

A seguir apresento a leitura que fiz da narrativa transcrita (MEIHY apud CALDAS, 1999) de C.

- Refeitório e cozinha – comida e castigo

É presente nos relatos da C. a autoridade das irmãs e o respeito das meninas para com elas. Ela menciona a prioridade das irmãs frente às meninas que moravam no Lar: *“Primeiro sempre o delas. Aí elas subiam. Depois que*

elas subiam com os pratos delas a gente entrava para comer” (C. 25/08/2012). Bem como o pertencimento e domínio dos lugares, cada qual ocupava seu lugar *“a gente não podia entrar no dormitório delas, que era lá em cima, era proibido entrar” (C. 25/08/2012).*

A seguir a fotografia registrada por C. em sua visita do corredor que dava acesso da cozinha ao refeitório, local onde as meninas faziam fila antes de receber suas refeições. Corredor carregado de recordações.



Figura 8 – Corredor que dava acesso da cozinha ao refeitório.
Fonte: Fotografia registrada pela protagonista C. em 25/08/2012.

C. relata que os momentos de refeição eram, por vezes, turbulentos. Ter que ingerir alimentos sem gostar ou querer para ela era penoso a ponto de preferir receber uma punição a ter que realizar a refeição⁴¹. Ao mesmo tempo ela relata gostar da comida que, segundo apreendo dos relatos, era farta e variada, com lanches no meio da manhã e da tarde, entre as brincadeiras no pátio da instituição, além do café da manhã, almoço e janta. Esta última, segundo C. era sempre sopa *“sempre era sopa de noite, mesmo com calor era sempre sopa” (C. 25/08/2012).*

⁴¹ Relatos presentes na narrativa transcrita de C. p. 80, 81.

Em seus relatos C. associa as lembranças das irmãs às suas funções no asilo. A irmã da costura, a irmã da cozinha, a responsável pelo reforço escolar, a madre superior. Em sua fala: *“Tinha uma freira que era bem alemã, ela era grandona, ela parava na porta da cozinha que dava pro pátio e gritava a gente para pegar banana”* (irmã responsável pela cozinha); *“Tinham uma que ensinava a gente a costurar”*; *“Quem colocava de castigo era a madre superior”* (C. 25/08/2012). As irmãs a quem ela mais se afeiçãoou ela recorda o nome além da sua função no Lar, são duas que ela relata com mais veemência: Irmã Maria de Jesus e Irmã Irena. A primeira era *“bem pretinha que tocava violão”*, a segunda *“era uma bem velhinha, ela era muito velhinha, tinha uns 90 e poucos anos, mas ela era muito boazinha”* (C. 25/08/2012).

Durante sua narrativa são recorrentes os relatos sobre os castigos. Eles ocorriam em vários momentos e por diferentes motivos, desde o não querer comer, passando pelas teimosias e chegando às brigas entre as internas. As irmãs que eram responsáveis por cuidar das meninas, segundo C., faziam queixas para a Madre Superior e ela designava qual seria o castigo⁴².

Temos na fotografia registrada pela egressa o exato local em que a noite e os castigos ficavam mais escuros.



Figura 9 – Local dos castigos, de baixo da escada.

Fonte: Fotografia registrada pela protagonista C. em 25/08/2012.

⁴² Relatos presentes na narrativa transcrita de C. p. 81, 82.

- Sala de estudo – ofício e tarefas

Conforme vai tecendo sua narrativa C. vai fazendo uma avaliação e reflexão de suas experiências do Lar, ela reconhece suas travessuras e revela que as atitudes das irmãs frente às traquinagens dela e das meninas eram no sentido de conter e manter a ordem.

A tarefa que C. relata várias vezes durante nossos passos dentro do asilo é a de encerar o corredor⁴³. Ao relatar ela ficou parada a olhar para ele como se revivesse os momentos que ali viveu. Ela ria em silêncio no exato local de onde registrou a fotografia que segue.



Figura 10 – Corredor presente nos relatos de C.

Fonte: Fotografia registrada pela protagonista C. em 25/08/2012.

Ela narra a rotina do Lar com detalhes de horário e de funções⁴⁴. Funções das irmãs e das asiladas, horários distintos para brincar, estudar, comer e desempenhar as tarefas.

Percebo que havia algumas tarefas que eram desempenhadas de forma individual, enquanto outras eram coletivas. Além de estender sua cama, C. era responsável por manter um dos dormitórios limpos e, junto com outras meninas, encerar o corredor, como ela estudava no turno da tarde, era pela manhã que ela executava suas funções.

Ela menciona as brincadeiras que ela recorda realizar. Pelos relatos percebemos a simplicidade dos brinquedos: brincava de cinco Marias com

⁴³ Relatos presentes na narrativa transcrita de C. p. 82, 83.

⁴⁴ Relatos presentes na narrativa transcrita de C. p. 82, 83.

pedrinhas; de fazer competições deste jogo com as colegas; de brincar no pátio enorme do asilo; e com brinquedos que ficavam em uma sala. Ela lembra que uma hora antes de dormir todas brincavam nesta sala. Fora as brincadeiras que envolviam as ‘grandes’ e as ‘pequenas’: *“A gente brincava daquela brincadeira que uma pessoa fica de costas e as outras vem vindo, vem vindo: ‘Mamãe posso ir’? De caçador a gente brincava e as grandes brincavam com as pequenas”* (C. 25/08/2012).

Aparece com menor intensidade nos relatos a relação da egressa com a igreja. Ela apenas menciona que tinha que limpar a capela e que tinham alguns momentos em que elas realizavam suas orações. Embora mencione que a igreja era um lugar ‘sinistro’, sua relação com a instituição católica aparente, em seus relatos, não interfere com grande significância em sua estadia no Lar, bem como não parece deixar muitas recordações significantes. Ela chega a mencionar que era bom ter este contato com a igreja: *“Deixa eu ver... costurar era bom, a hora da missa era boa, o padre Jaime, ele era muito nosso amigo, um gordinho de óculos, ele era muito nosso amigo, era bom”* (C. 25/08/2012).

- Cômodos e sentimentos – do quarto ao banheiro

Neste item aglutinei as colocações de C. referentes a exatidão dos locais por ela identificados. O que chama atenção neste item são as referências que ela faz a postura do Lar frente às meninas e a igualdade de tratamento e de condições, o que era para uma, era exatamente para a outra *“a cama era igual, a colcha era igual”* (C. 25/08/2012), ela refere-se que *“cada uma tinha a sua cama, o bidê do lado da cama e um boneco em cima do bidê”* (C. 25/08/2012), tudo que lhes era proporcionado era feito de forma, aparentemente, igual.

Assim como o tratamento e as condições de vida, o espaço por elas ocupado era partilhado, cada uma possuía um número com o qual suas roupas e pertences eram etiquetados para que assim não houvessem trocas⁴⁵.

Em alguns lugares o acesso era proibido, como no quarto das irmãs. Quando entramos em um dos quartos, C. riu e comentou que sempre quis saber o que tinha por detrás daquelas portas. Entre a hierarquia dos andares

⁴⁵ Relato presente na narrativa transcrita de C. p. 84.

de cima e de baixo do prédio ela relata a relação hierárquica com as meninas e com as irmãs durante todo percurso que traçamos⁴⁶.

Durante toda sua fala ela recorda de várias mulheres que ela conheceu no Lar, como reside em uma cidade pequena (Jaguarão) sabe onde as ex-colegas moram e esta recordação é recorrente em sua narrativa. Ela sabe onde trabalha, o que estudou, quantos filhos tem, em que bairro mora, quais são as condições de vida de várias meninas/mulheres que residiram com ela no Lar. Percebo em sua fala que a identificação dela com as histórias de vida de outras egressas as aproximam, é um sentimento de pertencimento, de identidade, como se somente elas soubessem exatamente o que passaram.

- Lar – família, amigos e dores

C. diz, em sua narrativa, que o Lar, durante o tempo em que lá permaneceu, era *“como uma família, porque nós morávamos todos junto. Nós éramos uma família sim!”* (C. 25/08/2012). O fato de conviverem diariamente leva a egressa a acreditar que o Lar foi uma família para si, porém ela fala expões que estar no Lar significava estar afastado de sua família, ela revela que *“os pais da gente não queriam a gente, aí botavam no Lar... Ou a família queria e não tinha condições, aí para não passar fome botavam lá”* (C. 25/08/2012). Esta imagem de abandono perdura durante toda a fala dela, para ela a pior parte de estar no Lar era voltar depois do final de semana passado em casa com sua família⁴⁷.

C. foi abandonada pela mãe, mas tinha presente em sua vida, seus familiares. Estes a retiravam do Lar para que ela passasse o final de semana em casa. Todos os finais de semana. Ela relata nunca ter ficado durante o fim de semana no Lar. Seu Padrinho foi quem conseguiu sua guarda e tirá-la do Lar, dois anos depois de seu ingresso. Ela revela que o mais dolorido durante estes dois anos era a saudade de casa, ficar no Lar convivendo diariamente, dividindo refeições, brincadeiras, angústias, medos, alegrias, partilhando sua vida com pessoas que não conhecia, que não pertenciam ao seu ambiente familiar: *“A saudade de casa era muito ruim! Ficar uma semana longe da*

⁴⁶ Relato presente na narrativa transcrita de C. p. 85.

⁴⁷ Relato presente na narrativa transcrita de C. p. 87.

família né, morando com um monte de gente mais velha do que tu” (C. 25/08/2012).

Diferentemente de A.P., C. não relata ter comemorado festas, como Natal e Páscoa, por exemplo. Ela apenas narra que em época de festa Junina os Lares, dos meninos e das meninas, uniam-se para realizar tal comemoração, ela frisa que era muito bom: *“Nós tínhamos festa junina, elas que faziam, traziam o Lar de meninos, juntavam os meninos e as meninas para fazer a festa, aí era bom. Era divertido” (C. 25/08/2012).*

A vida durante o período que esteve no Lar é encarada com serenidade pela egressa. Ela coloca em evidência suas vivências sem constrangimento ou rancor, relatando e refletindo sobre sua história de vida do Lar e quais experiências lhe fazem ser o que é hoje. Ela narra os castigos sofridos perante a violação das regras estipuladas pelas irmãs, sua rejeição às comidas oferecidas, os trabalhos (manuais e domésticos) que realizava, as brincadeiras e a interação com as meninas do Lar, a rotina diária, o estudo no Lar e na escola, a relação com as irmãs e com a igreja, relata com precisão os lugares em que eram realizadas as tarefas, onde ela podia adentrar e onde era expressamente proibido, fala das dores causadas pela saudade de sua família e de sua casa e reflete sobre o que apreendeu nesta experiência⁴⁸.

C. é possuidora de um sorriso largo, assim como seu dorso. Muitos foram os relatos cômicos de suas vivências no Lar, apesar das dores ela demonstra quietude ao falar de sua vida. Porém pude perceber que a resignificação que despontou com mais força foi a imagem de abandono.

Este peso que ela carrega consigo é muito significativo, a ponto de fechar o sorriso que transparece em seus lábios. Ter sido rejeitada pela mãe é uma tristeza que lhe faz refletir, ao passo que reflete sobre a criação de seus filhos. É muito claro em seu relato a rejeição frente a atitude de sua mãe, esta ausência lhe é muito cara, não pela falta de afeto, pelo acolhimento, e sim pelo abandono, o que lhe faz repudiar esse comportamento em outras mulheres/mães. Frente a isto, esta é a imagem que considero fundante na vida desta protagonista, pela pregnância deste abandono em sua vida e em sua narrativa biográfica.

⁴⁸ Relato presente na narrativa transcrita de C. p. 87, 88.

2.2.3 Dona Lenir e suas florescências

Dona Lenir⁴⁹, como a chamo, tem 68 anos, é mãe de dois homens e considero que ela, das mulheres pesquisadas neste trabalho, é a egressa que tem hoje as marcas mais densas e intensas de sua experiência asilar, pois nas reflexões acerca de sua história de vida ela atribui ao Lar muitas significações em sua vida hoje.

D.L. foi a última egressa a adentrar o Asilo através de suas memórias. Sua entrevista narrada ocorreu em sua casa, que situa-se atrás de uma pequena loja na zona central da cidade. Loja da qual a egressa é proprietária e que relata ter trabalhado muito e muito tempo para conquistá-la. Esta narrativa ocorreu no dia 22 de julho de 2013.

Sua mãe a deixou com sua irmã no Lar quando ainda eram bem pequenas, ela relata que seu pai faleceu logo após seu nascimento e que embora ele fosse rico sua mãe não teve condições de criá-las, pois elas eram ilegítimas, foram concebidas fora do casamento. Nas palavras dela: *“Eu nasci e ele morreu. Minha mãe [...] trabalhava em numa casa de família, de gente rica daqui, foi essa gente rica que conseguiu para colocar eu e minha irmã no Asilo”* (D.L. 22/07/2013).

A narrativa de D.L. não foi realizada no Asilo durante uma visita, mas revisitamos todos os lugares que lhe foram marcantes através das imagens que ela rememorou durante nossa conversa. Em sua narrativa muitas foram as lembranças e reflexões sobre o Lar e suas experiências. Eu, ao transcriar sua narrativa assim a organizei: **Como tudo começou...** relata, brevemente, como a egressa chegou ao Lar e os motivos que fizeram com que ela lá estivesse; **O labor**, neste item condensei as narrações sobre o trabalho no Lar, suas tarefas, suas obrigações, desde fazer colchões para enxoval de casamento até cantar no coral do Asilo nas missas; **A escola**, narra a curta trajetória escolar que lhe foi ofertada no Asilo; **Nutrir-se (por fora e por dentro)**, refere-se à relação de D.L. com o alimentar-se no Lar, às refeições e às brincadeiras, a segunda como forma de manter-se com a mente ‘saudável’, nutrindo sua auto-estima,

⁴⁹ A partir deste ponto sempre que me referir no texto a egressa Lenir constará a abreviatura D.L., pois a trato carinhosamente de Dona Lenir.

seus desejos e sua individualidade; e a última consiste na revelação de suas **Confissões**, a qual apresenta a percepção da protagonista referente a suas experiências, sua relação com outras asiladas, com as freiras, com o que lhe era ofertado no Lar, ela expõe suas aflições e reflexões.

Seu relato⁵⁰ foi intenso, assim como sua passagem pelo Lar⁵¹.

OS CONTOS E CANTOS DO LAR DE MENINAS

Como tudo começou...

A mãe era muito jovem, já tinha eu e a minha irmã quando ficou grávida e meu pai morreu quando eu nasci. Meu pai era muito rico, mas nós éramos pobres porque nós não podíamos aparecer, meu pai tinha outra família. Ele se juntou com a minha mãe, levou minha mãe para estância de empregada e fez filho nela. Eu nasci e ele morreu. Minha mãe ficou grávida de novo, mas ela já trabalhava em uma casa de família, de gente rica daqui, foi essa gente rica que conseguiu colocar eu e minha irmã no Asilo.

Naquela época tinha algumas pessoas que comandavam o Asilo, era o mordomo; Todos os meses era um mordomo e dizia no quadro: 'O Mordomo Odilo Marques Gonçalves'...

O labor

Nós levantávamos de madrugada, sem tomar café, que as vezes nós desmaiávamos, para ir para a missa, para rezar, cantar, porque as freiras cobravam. Uma missa rezada, uma

⁵⁰ Os trechos da narrativa negritados serão posteriormente analisados.

⁵¹ A entrevista narrada ocorreu na casa de D.L.

missa cantada... Eu era do coro. E nós rezávamos na igreja da Santa Casa, na igreja Imaculada Conceição e rezávamos o terço nas catacumbas e era tudo cobrado.

As pessoas iam no Asilo e encomendavam terço para catacumba tal, aí elas pegavam um grupo de meninas, que sempre eu estava no meio porque sempre fui espoleta, e nós íamos. Eu era cantora do coro, eu era primeira voz e minha irmã era segunda. Além de cobrar para cantar, elas cobravam para rezar missa e para rezar o terço.

Cada menina tinha a sua profissão. Minha profissão era na horta. Então quando eu não estava capinando o jardim, capinando a horta, eu estava na igreja rezando o terço ou no cemitério... Nós combinávamos assim: vamos rezar bem rápido para sobrar tempo para nós brincarmos e para poder dar uma voltinha no cemitério e poder captar tudo que nós achássemos.

Era tudo as freiras que recebiam, uma freira nos acompanhava, mas nessa época ainda era bom. Quando tinha as freiras.

As maiores eram obrigadas a cuidar das menores e depois com o tempo elas foram saindo, começaram a mandar as mães velhas embora, a colocar em casa de família. Teve uma que casou no Asilo, casou vestida de noiva e nós fomos aia dela. Isso no tempo das freiras, que era bom.

Eu nunca estudei em outro colégio sem ser nas freiras. Não lembro muito dessa época quando era bom com as freiras, porque nós passamos pro colégio quando nos levaram as seis freiras. Era uma da lavandeira, uma da cozinha, uma da horta, uma da costura, a Madre e uma da rouparia.

Então nós íamos para a lavanderia e ficávamos toda tarde, lembro bem, engomávamos toda tarde. E elas nos davam umas 'coisas' duras, então nós tínhamos que ficar na lavanderia engomando, elas botavam todas a engomar.

Eu nunca dei para costura, a minha irmã era da costura, mas também não era boa... eu tenho mais habilidade que ela, porque eu faço tricô, crochê, costuro, a minha irmã não tem habilidade para nada.

Sei dizer que no fim de tarde nós íamos para a horta e no verão íamos de manhã, no inverno eu não lembro... No inverno eu não lembro porque tem uma parte que eu não recordo como foi quando as freiras foram embora, antes das freiras irem embora onde nós estudávamos? Eu não lembro!

Eu nunca roubei, graças a Deus, nunca roubei nada. A única coisa errada que nós fazíamos era, quando uma freira pegava seis meninas e ia lá no Uruguai buscar sacos de pão, eu era muito esperta e ia mais na frente, até chegar lá eu comia um pão sovado inteiro, era uma delícia, hoje nem existe mais, isso aí eu me lembro.

Ah e me lembro que nós usávamos umas capinhas de feltro, era umas capas de feltro pro inverno. Lembrei porque nós íamos no Uruguai com essas capas e nós escondíamos o pão de baixo das capas.

Nós tínhamos uniforme de festa, de natal, era um xadrezinho. Um xadrez bonito assim, com uma camisa branca.

Trabalhar eu acho que nos fizeram sim, como vou dizer... eu acho normal, mas eu saí do Asilo com 11 anos e não sabia lavar a minha calcinha, não sabia fazer nada.

Nós fazíamos colchões e acolchoados maravilhoso para as noivas. Nós passávamos as tardes encerradas em uma peça, porque tinha o Asilo dos velhos e o Asilo das crianças e tinha uma peça lá e nós íamos para aquela peça e elas montavam o tamanho de um acolchoado, colocavam o tecido ali, e tinha a máquina de abrir lã, nós abria a lã na máquina e a esparramava, depois botava outro tecido que era o forro e depois mais o que tinha e nós ficávamos na volta costurando em cima do giz que elas riscavam, ficava a coisa mais bonita, acho que se eu fosse fazer hoje eu saberia fazer.

Os nossos colchões eram de crina ou de lã, mas mais era crina, o nosso colchão era de crina... Crina era como um pasto, não tipo estopa, pasto mesmo, pasto dentro de uma capa, aí elas davam e faziam nós costurar as beiras, aí ficava o colchão, nós costurávamos no meio, mas era tudo a mão, não tinha máquina, tudo era a mão.

A escola

Fiz a primeira série no ano de 1953, não esqueci nunca. A professora quebrava a régua em nossas cabeças. Ela era uma freira. Mas era colégio pago só de riquinho e onde estávamos nós misturadas, que nós éramos as fedorentas, as fedorentas do Asilo, as ladras do Asilo e as mijonas do Asilo.

As riquinhas que eram minhas colegas até hoje me cumprimentam, eu subí na vida e muita gente diz que eu sou rica.

Tinha material escolar, elas davam.

Minha irmã mais velha fez dois anos a admissão. Por que não passavam ela para o primeiro normal? Por que ela era do

Asílo. Eu não fiz, saí na quarta série, porque tu fazias a quarta e a quinta depois fazia a admissão, minha irmã fez dois anos de admissão, e porque que não colocaram ela no normal, se ela passava? Por que era do Asílo e era pago, o uniforme era caro também.

Tinha umas gurias que roubavam a merenda dos alunos e roubavam o dinheiro, não sempre, de vez em quando, roubavam o dinheiro que eles levavam para pagar o colégio, as gurias roubavam. Lembro uma vez que uma roubou e comprou leite condensado e pediu para eu mentir dizendo que era minha mãe que tinha trazido, porque a única do Asílo que vinha a mãe e trazia coisas era a minha, eu caí na asneira de mentir, apanhei... apanhamos né, juntas! Apanhamos um monte, a guria que roubou, e a que roubou foi a menina que mijava na cama!

Nós levantávamos de manhã bem cedo e íamos primeiro na missa, depois voltávamos e tomávamos café. Isso no tempo das freiras, depois que elas foram embora nós íamos primeiro para missa e depois pro colégio das freiras tomar o café, para depois ir para aula.

A aula era de manhã, mas nós ficávamos todo dia lá. As vezes de tarde nós tínhamos aulas de trabalhos manuais, aula de canto, aula de religião, nós tínhamos alguma coisa de tarde, se não nós ficávamos brincando por lá.

A roupa era uniforme. Uma saíinha bem fininha, meia comprida e um blusão azul marinho com uma camisa branca e uma gravata, esse era o uniforme do colégio das freiras, porque eu só estudei no colégio das freiras, depois que eu saí as meninas

passaram a estudar em colégio da prefeitura, ali no Marcílio Dias, mas aí já foi outra época, já moravam no Asilo novo.

Teve a época boa, foram os primeiros anos, eu acho que 6, 7 e 8; 9, 10 e 11 já foi a época ruim, pois com 11 anos eu fiz a quarta série, terminei a quarta série e com 11 anos, que eu tinha feito em agosto, no fim do ano eu saí, saí em pleno verão.

O curso normal, era o único curso que tinha em Jaguarão, então as riquinhas tudo faziam normal, todas que se formaram, se aposentaram como professora, que era o máximo naquela época era as riquinhas casadas com os riquinhos, que eram as professoras, eu já era empregada de "turco" ninguém nem olhava para mim, porque eu era empregadinha de turco. Quando eu era mocinha, sociedade nem pensar, porque não tinha nome, porque era pobre, porque era grossa, mas a vida passa e passa rápido e as coisas mudam...

Nutrir-se (por fora e por dentro)

A comida era assim: café era muito caro, então elas pegavam um saco de erva e botavam dentro do leite, com a cascarilha, que é a casca do cacau que todo mundo botava no mate e tem um gostinho bom, então nós botávamos um saco de cascarilhas e era o nosso café. Já a nossa comida era farinha de mandioca todos os dias.

O almoço era um pãozinho... Era obrigado a comer a comida, não podia levantar da mesa ou tinha que ir de castigo quem não comesse tudo e eu sempre fui muito delicada, sempre fui, até hoje, mas é que a pessoa não é que quer ser assim, nasce assim, né... eu não queria ser enjoada, eu nasci enjoada. Sempre fui muito

delicada e eu não comia, então o que eu fazia, eu pagava a guria do meu lado para comer a minha comida para mim. Nós adorávamos o pão, então eu dizia: 'Come minha comida que eu te dou meu pãozinho!' A que ponto chegou. Eu não fazia todos os dias porque as vezes dava para comer a comida... mas as vezes eu não conseguia comer... mas eu sempre fui assim.

A minha mãe quando vinha de fora nos trazia um ovínho, açúcar, nos dava algum dinheiro, umas moedinhas, mas tudo escondido. Nós comíamos debaixo das camas de noite, porque se não tinha que colocar na dispensa. O que ela trazia o que nós pedíamos era açúcar, farinha, que nós misturávamos e comíamos. Ela fazia uma farinha que se chamava 'góssio', era uma delícia, era um tipo de um milho torrado e moído, aí botávamos açúcar ficava uma delícia, agora não se vê mais falar nisso. E com o dinheirinho nós comprávamos bala, rapadura, essas coisas. Nós fugíamos pelas paredes, passávamos um arame que tinha e íamos na vendinha que tinha pertinho, fugia e comprava, uma fugia e comprava, as outras cuidavam...

A minha irmã não tem nada a ver comigo, ela é daquelas pessoas que desde pequena eu sempre passava ela para trás, eu era a mais nova. Minha mãe mandava uma mulher todos os sábados nos levar um pão e uma rapadura no Asilo, porque ela morava para fora, aí vinha a rapadura e era eu que tinha que partir, então eu cuidava quando ela não estava olhando para eu partir um pedaço maior para mim, nunca me esqueço disso, eu sempre passava ela para trás.

No natal ia um papai Noel lá com um saco e dava uma bonequinha e um saquinho de bala para cada uma. Brinquedo

para brincar nós ganhávamos só no natal alguma coisinha. Festa de aniversário ninguém sabia quando era. Só tinha um ovinho na páscoa e no natal ia o papai Noel com uma boneca, nós fazíamos fila e cada uma ganhava uma bonequinha, outra ganhava um carrinho, nós ficávamos feliz com as balinhas.

Confissões

No início nós tínhamos uma madre e seis freiras só que levaram todas embora, então nós ficamos assim: com uma mulher e uma freira que era do colégio das freiras. Nós levantávamos de manhã e íamos pro colégio das freiras, lá nós tomávamos o café da manhã, recebíamos a merenda, o almoço, o café da tarde e a janta e íamos dormir no Asilo, quando nós íamos dormir é que nós apanhávamos.

Na primeira época era bom, mas depois quando colocaram a freira com a mulher nós começamos a padecer, elas nos assustavam, se vestiam de múmia e nos assustavam.

De noite elas nos deixavam nos corredores de joelho no inverno. Tinha uma menina que urinava muito na cama e além dela apanhar, colocavam ela de baixo do chuveiro com água fria porque ela fedia, fedia, fedia... O colchão dela era podre, mas em vez de darem algo quente para ela se aquecer, batiam ela, ela tinha a bunda cheia de feridas de tanta vara de vime que ela levava. Não esqueci nem o nome dela, essa menina apanhava muito e já era uma menina grande.

Eu apanhei pouco. Só uma vez eu apanhei porque eu falei no coro quando nós estávamos cantando, eu falei que nós íamos fugir e a freira do coro, que não tinha nada a ver, contou! Aí a freira

chegou de noite e disse: 'Que se apresente quem foi que falou que ia fugir se não todas vão apanhar' então eu me apresentei, ela mandou eu ir na mesma hora cortar a vara de vime com a boca, porque o vime tu não cortas, tem que ser com os dentes...

Na época das freiras, como eu disse, a gente não era judiada, claro tinha um castigo que outro. As freiras, por exemplo, uma freira pegava quatro, cinco gurias e fazia subir nos paus da obra e nós íamos lá nos telhados caçar pomba para elas fazerem fritinha, porque quinta-feira o padre ia rezar a missa no Asilo e elas esperavam o padre com pomba fritinha, então elas faziam nós caçarmos pomba de noite.

O Asilo em si no início até que não dava para se queixar, só que nós sofriamos, pois não tinha um tênis, não tinha uma meia, não tinha um soquete, não tinha uma calça. Deus te livre que tu fosse usar calças, mocinha não podia usar calça porque naquela época quem usava calça era prostituta, só que não se dizia a palavra prostituta naquela época a palavra era china, se tu fumavas na rua tu eras china, se tu usavas uma calça tu eras china.

A gente passava tanto e tanto frio! Eu tinha tanto frio nos pés... Todo mundo tinha frieira, porque não tinha água quente, no verão nós tomávamos banho, mas no inverno quem é que iria para debaixo de um chuveiro, eu acredito que não exista alguém que entre de baixo de um chuveiro no inverno, eu nunca entrei! Nós molhávamos a ponta dos cabelos para dizer que tínhamos tomado banho, ou molhávamos só o cabelo para mentir para as freiras.

Eu lembro que tudo para nós era roubar. Então nós tínhamos que se confessar, nossa confissão era sempre: 'Padre eu roubei!' Mas o padre nunca perguntou o que nós tínhamos roubado. Nós roubávamos caixa de fósforo do cemitério, velas, flores... porque nós desmanchávamos e fazíamos de novo, com a cera que nós tirávamos fazíamos bonequinhos. Tudo para nós brincarmos, nós não tínhamos brinquedo e com a cera nós fazíamos bonequinhos, com os fios de luz, que nós pegávamos do baú da igreja e com aqueles papeizinhos de bala, nós fazíamos buquê de flor, era o nosso entretenimento.

Ah tem uma coisa para contar! Na mesma época que as freiras faziam pombinha frita tinham dois padres irmãos: o padre Ângelo Gurgel e o outro não lembro o nome, esse eu não esqueci o nome: padre Ângelo Gurgel. E ele ia lá levar balinhas para nós, nós adorávamos, então nós parecíamos uns 'pintinhos' na volta dele e ele tocava na nossa bunda e tocava nas nossas calcinhas, pois nós usávamos saia. Foi uma coisa que me marcou, nunca esqueci, a gente vinha para ele e ele já passava a mão... Quando ele ia para clausura as freiras saíam de lá bem vermelhinha... tinha gurias grandes que falavam e a gente era pequena não sabia o que era, mas que o padre fazia de tudo em nós e nós deixava porque nós achávamos que era normal! Eles nos massageavam toda, mas sempre aqui na parte de baixo, porque seio nós não tínhamos, então era nas calcinhas ou na bunda, e nós ganhávamos balinha e nunca ninguém falou, nunca ninguém reclamou, aquilo me ficou na mente e não me saiu mais.

As freiras eram muito boas, a madre era maravilhosa conosco, era uma santa pessoa, a madre Afra, nunca esqueci, já o

nome da mulher ruim que nos dava pau eu não lembro. Lembro da boa.

E tem outra coisa, foi bom porque a gente aprendeu a ler e a escrever, que era o que a minha mãe queria, porque a minha mãe não sabia ler e escrever, a minha mãe não teve mãe, não teve pai, foi criada como escrava...

O mais ruim foi, por exemplo, nós não ter um banho quente, na época ninguém tinha porque a luz era cara, nós tínhamos um monte de chuveiro, mas todos gelados. Papel higiênico nós não tínhamos, nós limpávamos com jornal, a parede do banheiro ficava toda suja de cocô, todas as semanas tínhamos que fazer faxina. Era nós que fazíamos, porque as gurias se limpavam com o dedo e passavam nas paredes, não tinha papel nem jornal, papel higiênico nós nem conhecíamos.

O ruim que eu lembro era o frio que nós passávamos nas mãos, nos pés, nas pernas, elas revisavam cama por cama e nos obrigavam a tirar as calcinhas e não podia dormir de calça, tinha que tirar toda roupa, e aí quando elas davam boa noite e fechavam a porta nós nos vestíamos de novo porque nós sentíamos muito frio. Tinha aqueles cobertores antigos que, hoje, eu compro pros meus cachorros! Isso era no tempo que tu te levantavas quebrando gelo!

Tinha uma baíta escada e um espaço escuro onde metiam dentro da escada as gurias de castigo todo o dia. Embaixo da escada elas usavam para nos encerrar, era um castigo. Aquilo ali era o inferno para nós, nós tínhamos um medo dali...

Eu fui visitar o Asilo novo um dia, disse para a freira que eu queria conhecer, que eu tinha morado no antigo. Fui ali e as

meninas tinham boneca nas camas, as camas bem arrumadinhas e dentro do dormitório aquele monte de chuveiro quente, vê se teria mudado!

Eu pensei que aquele Asilo novo era um céu aberto, assim eu imaginava, porque as gurias já não andavam de uniforme, elas podiam sair, as gurias saíam eu via elas na rua, nós não podíamos sair. Elas iam para o colégio, mas nós não podíamos nem sair para comprar uma balinha e tudo que nós comprávamos nós tínhamos que esconder, tudo ficava em baixo das camas para comer de noite.

O dormitório das pequenas era lá em cima naquelas janelinhas e lá em cima também era a rouparia. Na rouparia tinha uns ganchos e cada uma tinha o seu número. 28! Nunca esqueci do meu número!

Na minha época não tinha nenhuma menina responsável por nós.... Só lembro de uma vez, sei que chamaram as maiores, tem uma que é a Clair, ela que cuidava de mim, ela é bem mais velha do que eu, foi a que casou no Asilo...

A história da varinha de vime foi assim: tinha um pé de vime na beira da obra, então as freiras mandavam nós lá de noite cortarmos com os dentes para apanhar. Nos diziam que tinha diabo, que o diabo nos fincava com o garfo, que tinha fogo, nós acreditávamos em tudo, nós tínhamos muito medo, medo do escuro, porque elas diziam que no escuro tinha fogo, diabo... Vê se tem cabimento uma coisa dessa na cabeça de uma criança...

Diziam que não era para nós se encostar em homem porque nós ficaríamos grávidas, que nós não podíamos sentar na mesma cadeira, que nós não podíamos secar com a mesma toalha, que nós

não podíamos... tudo nós ficaríamos grávida e eu acreditei, eu era tamanha guria e seguia acreditando, eu tinha um medo, um medo de homem... Eu não sabia que menstruava, eu não sabia como é que era ter um filho, eu não sabia que nós tínhamos ovário, nada eu sabia...

As freias vendiam flores na minha época. Nós plantávamos, capinávamos e virávamos a terra... Nós adorávamos, porque nós roubávamos frutas, cenouras, batata doce e comia tudo. As frutas nós arrancávamos, bergamota e laranja nós comíamos e mastigávamos eucalipto para tirar o cheiro, tudo isso nós fazíamos, então nós adorávamos ir para a horta, nós comíamos batata-doce crua, cenoura crua, laranja e bergamota, mas tudo escondido. Tinha um pé de ameixeira e nós roubávamos as ameixas verdes e para isso não acontecer elas nos encerravam no refeitório e diziam: 'Agora vamos lá botar veneno nas ameixas para vocês não comerem!' Nós íamos arrancávamos, lavávamos e comíamos, porque guria junto sai de perto, quando uma diz: Vamos fazer? As outras dizem: Vamos fazer!

Nós subíamos lá em cima onde nós fazíamos os acolchoados e os colchões, era um pouco alto, de lá nós subíamos não sei como pro telhado para ver quem é que tocava no fio de alta tensão só para ver a sensação do choque e depois nós fazíamos quem é que pulava lá de cima... lembro de pular lá de cima, que sensação horrível quando chegava no chão, nós pulávamos lá de cima. Ah nós fazíamos arte.

Tinha um cego no Asilo e uma menina era escolhida para levar e trazer ele da missa e ele ganhava dinheiro, muito dinheiro na igreja e nós dizíamos para ele: 'Fulano tu tens que dar um

tanto de dinheiro para nós! E quando ele ia tomar banho num chuveirinho que tinha no pátio lá atrás do Asilo, que eu não sei porque que ele tomava banho lá, nós todas queríamos espíar ele, mas não dava porque nós não enxergávamos nada, bem coisa de criança, isso aí também eu não me esqueço que eu espíava o cego, que eu pulava e tocava no fio de alta tensão.

Eu lembro também que meu joelho esquerdo inchou duas vezes e uma vez me levaram pro hospital e tiraram uma radiografia, nunca fiquei sabendo por quê.

Quando alguém passava mal elas levavam pro hospital, mas eu nunca lembro de alguém passar mal, não lembro. Passar mal de frio era normal, nós andarmos roxa de frio era normal, não sei se no Asilo novo as meninas tinham mais roupa, só sei que um soquetezinho nós não conhecíamos. Nós não recebíamos doações e as roupas eram feitas ali mesmo, nós tínhamos que ir pro colégio com o uniforme de festa e depois usávamos os trapinhos. As freiras sempre mandavam nós pedirmos para a minha mãe... minha mãe mandava vestidos ou sapatos para nós, porque para elas nós éramos as únicas que éramos bem de vida, mas nós não éramos bem de vida, nós éramos tão pobres quanto as outras.

Muitas tinham mães, outras não, tinha umas que eram da família Carvalho, eram duas irmãs Carvalho, Neiva Carvalho e Cláudia Carvalho, a Cláudia entrou bem pequenininha, era a mais pequenininha do Asilo, e as freiras davam carinho para ela e tudo.

Não lembro de receber carinho delas, carinho assim não, elas só contavam histórias para nós, nós tudo na volta de noite e elas contavam história, nós ficávamos bem quietinha escutando

história até a hora de nós dormirmos. Tinha as freiras e tinha uma mulher que era quem contava história. Além das irmãs nós tínhamos uma mulher que dormia no dormitório das mais velhas e as coisas dela era separado, comida era separado, cama era separado, não sei se ela ganhava alguma coisa. Eu lembro dela porque nós a apelidamos de 'Pixoca', ela não era ruim, a ruim se chamava Lenir, que é o mesmo nome meu, eu não sabia fui saber aos 19 anos quando fui tirar a carteira de identidade, eu quis borrar o R e não deu porque eu já tinha uma casa no meu nome e eu não tinha dinheiro para fazer outra escritura e a escritura era muito antiga era junto com a da minha irmã...

Depois de não sei quantos anos passei mal, nós chamamos nossa mãe: 'Mãe nos tira se não nós vamos fugir!' Porque nós apanhávamos muito, mas a mãe não sabia o que estava acontecendo lá.

E depois quando eu saí do Lar deu uma revolução, porque antes de ir embora eu pedi para falar com a Mãe e levei a menina que estava com a bunda em ferida e mostrei para ela, disse que eu estava saindo porque nós apanhávamos e que ela olhasse a bunda da menina como estava de tanto apanhar, aí estourou a bomba em si!

A nossa Mãe foi embora e a Mãe ficava só no colégio, quando a Mãe foi nos entregar para a mãe perguntou: 'Porque ela ia nos tirar dali onde nós estávamos estudando?' e eu falei que nós apanhávamos muito, mas quando nós saímos acho que mudou, porque aí já passaram pro prédio novo.

Eu não lembro o que a Mãe falou quando eu mostrei a menina, lembro dessa parte porque eu sempre fui uma pessoa de

muita coragem, eu tenho muita coisa positiva e tenho coragem de enfrentar as coisas, tinha quantas mais velhas do que eu no Asilo e não fizeram nada e eu me animei, fui ali e falei com a Madre. Minha irmã saiu junto comigo, entrou dois anos primeiro, porque ela é dois anos mais velha do que eu, mas saiu junto comigo!

A coisa mais importante que eu nunca consegui tirar da minha cabeça foi que o meu coração parecia que saía fora da boca quando diziam assim: “A tua mãe está chegando”! Para visita né. Mas quando ela me dava um beijo e ia embora e eu via ela saindo do portão... Que tristeza aquilo era, me dava uma tristeza, uma tristeza que eu não tinha chão. Essa com certeza foi a recordação que mais me marcou, não foi a saída, nem o ‘pau’ que as freiras me deram, nem tudo errado que me ensinaram, isso a gente aprende na vida né. Eu tenho 68 anos e tenho na minha mente que o coração saía pela boca quando diziam para mim “A tua mãe chegou”! E a visita durava 15 minutos. Ela levava um troquinho, levava coisas que nós pedíamos, e ia embora...

Hoje eu vejo que meus filhos me tratam com indiferença porque eu nunca dei carinho para eles. Por que eu não dei carinho? Porque eu só queria trabalhar, fazer dinheiro, para poder dar para eles aquilo que eu não tive, mas eu não pensei na outra parte... Hoje eu consigo perceber que os bens materiais estão em segundo plano, primeiro o amor, depois os materiais e eu coloquei o material na frente. Por quê? Porque eu não sabia o que era o amor, não sabia o que era um carinho.

Dona Lenir, 22-07-2013

Como apresentado na transcrição acima, a passagem de D.L. pelo Lar se divide em duas etapas. A primeira corresponde ao período em que as irmãs, seis no total, regiam a administração do Lar diretamente. Eram elas que cuidavam das meninas, da manutenção e das condições de subsistência do Lar. Este período a egressa considera como ‘bom’, pois as irmãs cuidavam das meninas com maior zelo. Depois de um tempo de estadia no Lar – que ela não consegue determinar precisamente, mas que é entre dois e três anos – seu gerenciamento ficou sob responsabilidade apenas de uma mulher e uma irmã, foi quando sua estadia no Lar ficou insuportável, o que a fez solicitar à sua mãe para retirá-la do Asilo.

- Como tudo começou...

D.L. conta sua história abertamente desde o princípio e revela a sofrida vida de sua mãe até a decisão de deixá-las no Asilo frente às necessidades de sustento⁵².

O desejo de sua mãe em ver suas filhas alfabetizadas aliado às grandes dificuldades financeiras pelo qual a família passara na época, fizeram com que D.L. passasse quatro anos de sua infância do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas. Ela lembra de sua mãe com muito carinho e apreço, demonstra compreensão perante a atitude dela e expõe as grandes dificuldades enfrentadas por sua família: *“a gente aprendeu a ler e a escrever, que era o que a minha mãe queria, porque a minha mãe não sabia ler e escrever, a minha mãe não teve mãe, não teve pai, foi criada como escrava...”* (D.L. 22/07/2013).

- O labor

D.L. ao relatar suas atribuições no Lar é detalhista. Ela relata minuciosamente cada função por ela executada: o canto no coral durante as missas; a confecção de colchões e acolchoados para o enxoval das noivas; a reza do terço no cemitério diante das catacumbas; o trabalho na horta plantando e colhendo. O Asilo, segundo o relato, era mantido pelo trabalho das egressas, pois as irmãs cobravam pelo trabalho das meninas do Lar⁵³.

⁵² Relato presente na narrativa transcrita de D.L. p. 96.

⁵³ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 96, 97.

Havia a clara divisão das tarefas, assim como para as outras egressas relatadas anteriormente, mas o que aparece de distinto nesta narrativa é o destaque dado à cobrança em cima de todo trabalho realizado pelas meninas: *“Era tudo as freiras que recebiam, uma freira nos acompanhava”* (D.L. 22/07/2013). D.L. lembra que entre essas orações ela e as outras meninas aproveitavam para colher materiais que lhes serviriam de entretenimento, elas imaginavam e recriavam materiais simples, o relato de D.L. é singelo assim como os brinquedos confeccionados com os materiais recolhidos no cemitério⁵⁴.

A tarefa de D.L. específica era relacionada a horta, mas ela desempenhava muitas outras funções, como já fora exposto: *Cada menina tinha a sua profissão. Minha profissão era na horta. Então quando eu não estava capinando o jardim, capinando a horta, eu estava na igreja rezando o terço ou no cemitério”* (D.L. 22/07/2013).

Em seu relato ela enuncia a tentativa de subversão das regras ao contar as estratégias utilizadas pelo grupo de meninas para que houvesse o mínimo de lazer durante a execução das tarefas: *“Nós combinávamos assim: vamos rezar bem rápido para sobrar tempo para nós brincarmos e para poder dar uma voltinha no cemitério e poder captar tudo que nós achássemos”* (D.L. 22/07/2013).

No Asilo as meninas confeccionavam colchões e acolchoados para as noivas da cidade, porém suas condições de vida no Lar eram distantes da vida das destinatárias de seus trabalhos artesanais. Para as noivas colchões confeccionados com lã e bom tecido, para as meninas do Lar colchões feitos de crina⁵⁵.

D.L. reflete que apesar de ter trabalhado muito durante sua estadia no Lar, saiu de lá sem saber o que realmente considerava necessário para sua vida fora do Lar, pouco serviram-lhe os conhecimentos sobre horta e costura: *“Trabalhar eu acho que nos fizeram sim, como vou dizer... eu acho normal, mas eu sai do Asilo com 11 anos e eu não sabia lavar a minha calcinha, não sabia fazer nada”* (D.L. 22/07/2013).

⁵⁴ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 104, 105.

⁵⁵ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 98, 99.

- A escola

O que mais se evidencia neste trecho da transcrição da narrativa biográfica é a distinção na escola entre as meninas do Asilo e as que não faziam parte daquele contexto, as 'riquinhas', como D.L. se refere. Em 1953 ela ingressou na escola e seus relatos são de uma escola que rejeitava as condições das meninas do Asilo, onde o desrespeito sofrido partia, em grande parte, dos colegas, onde as punições recebidas pela professora eram físicas. Estes relatos são referentes a segunda etapa de sua estadia no Lar, em que este era regido por uma freira e uma mulher.

A rotina vivida era regrada e rígida. Isto configura-se na fala de todas as protagonistas desta pesquisa. As aulas eram ministradas em outro prédio, por outras freiras⁵⁶.

Aqui aparecem outros mecanismos que as meninas encontravam para fugir desta rotina regrada e sentir que há formas de resistir ao que lhes era imposto. D.L. relata os furtos que suas colegas executavam na escola, de lanche e até mesmo de dinheiro, atitude aparenta um subterfúgio utilizado pelas meninas para se singularizarem perante os colegas da escola. Ser conhecida como a 'mijona' e a 'ladra' do Asilo deixou marcas significativas que até hoje transparecem em suas relações sociais⁵⁷.

D.L. estudou até a quarta série e optou por não realizar o exame de admissão para o curso normal. Já sua irmã mais velha tentou durante dois anos o acesso ao curso, porém não conseguiu a aprovação. D.L. reporta tal acontecimento ao fato de sua irmã não possuir as mesmas condições financeiras das outras Normalistas.

- Nutrir-se (por fora e por dentro)

Neste item aparecem outras estratégias de D.L. para burlar as regras. A relação com a comida aparece muito forte em sua narrativa⁵⁸, para além das trocas de comida entre as colegas ela revela esconder comida embaixo do colchão para comer durante a madrugada, principalmente quando sua mãe levava mantimentos que ela e sua irmã gostavam. A egressa revela que se as

⁵⁶ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 99, 100.

⁵⁷ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 99, 101.

⁵⁸ Relato presente na narrativa transcrita de D.L. p. 101, 102.

freiras vissem tais alimentos os colocavam na dispensa para que fossem divididos com todos do Lar. Quando sua mãe dava dinheiro a elas a estratégia era mais elaborada e o trabalho era em equipe, pois enquanto umas cuidavam rondando as freiras, outra ia na venda comprar guloseimas.

A presença de sua mãe nos relatos é constante. Ela ia visitá-las sempre que podia, pois morava e trabalhava na zona rural, quando não podia ir pessoalmente levar os pequenos agrados às suas filhas solicitava que uma conhecida o fizesse. Entre a partilha de pães e rapaduras as meninas partilhavam a saudade de sua mãe.

Diferente das outras egressas, a estadia de D.L. no Lar foi no primeiro prédio, fundado em 1938, o que torna tanto a relação com as freiras, como com as colegas e os acontecimentos relatados um pouco distintos das egressas apresentadas anteriormente. Ela relata a forte repressão vivida pelas mulheres em seu tempo, o que era aceito e/ou rejeitado por uma sociedade em que as mulheres eram pouco valorizadas, principalmente se fossem pobres.

No que tange a realização de festas e comemorações, apenas o natal é relatado, em que as meninas recebiam algumas balas e um brinquedo, que por mais singelo que fosse, pelo relato, fazia a alegria das meninas⁵⁹.

- Confissões

Durante seu relato D.L. aponta várias vezes a grande diferença entre a primeira fase do Asilo, em que era gerenciado pelas irmãs, e a segunda, em que ele era gerido por uma mulher e uma irmã. A primeira é identificada pela egressa como a melhor fase, em que mesmo com toda repressão e acúmulo de tarefas, as meninas conviviam em harmonia. A segunda é expressa como rejeição, ela revela as turbulências vividas no Lar após a saída das irmãs. As agressões físicas são relatadas com detalhes, que passavam pelo banho frio, pela varinha de vime e por ficar de joelho, tudo como punições pelo comportamento indesejado⁶⁰.

⁵⁹ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 102, 103.

⁶⁰ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 103, 104, 106.

Embora na primeira fase, com as freiras, as meninas tivessem que trabalhar, tivessem que ir pegar pão caminhando ao Uruguai⁶¹, tivessem que caçar pomba para fazer frita para os padres, não havia a agressão física que elas sofreram na segunda fase. Ela fala com carinho das freiras desta época, relatando que elas eram *“muito boas, a madre era maravilhosa conosco, era uma santa pessoa, a madre Afra, nunca esqueci”* (D.L. 22/07/2013).

O fato de ser conhecida como as ‘mijonas’ do Asilo, como narrado, deve-se ao fato de as meninas do Lar não tomarem banho durante o inverno. D.L. afirma que *“Passar mal de frio era normal, nós andarmos roxa de frio era normal”*. No Lar a água do banho era gelada, pois não havia eletricidade, que na época era muito cara, e as meninas não tinham roupas nem cobertas suficientes para se aquecer e durante a noite tinham que se despir para dormir, sob ameaça de punição⁶².

Estes relatos demonstram as dores, nem sempre físicas, que as meninas/crianças passavam no Lar. O desleixo para com as condições mínimas de vida, das necessidades básicas, as condições eram precárias ou inexistentes: *“Papel higiênico nós não tínhamos, nós limpávamos com jornal, a parede do banheiro ficava toda suja de cocô, todas as semanas tínhamos que fazer faxina”*.

As meninas colhiam as frutas da horta para comer, o que D.L. reconhece como uma parte boa de morar no Lar, porém as freiras coíbiam esta ação colocando veneno nas frutas. O que chama atenção neste relato é a união das meninas para o bem comum, elas se uniam para colher, lavar e poder consumir as frutas: *“nós íamos arrancávamos, lavávamos e comíamos, porque guria junto saí de perto, quando uma diz: Vamos fazer? As outras dizem: Vamos fazer”* (D.L. 22/07/2013). As brincadeiras e as armações eram realizadas em grupo, como subir no telhado e pular ou tocar no fio de alta tensão⁶³. Brincadeiras perigosas? Talvez. As leio como uma estratégia para fugir e romper com o instituído, como uma forma de sobreviver as dores.

A relação das meninas com a igreja também se faz presente na narrativa. Para além das orações do terço, cantos e participações nas missas,

⁶¹ País vizinho ao Brasil, na qual Jaguarão/RS faz fronteira.

⁶² Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 104, 106.

⁶³ Relatos presentes na narrativa transcrita de D.L. p. 108.

D.L. revela que a freira e a mulher, da segunda etapa de sua estadia no Asilo, as amedrontavam com imagens, planejando assim conquistar o respeito e controle das meninas: *“Nos diziam que tinha diabo, que o diabo nos fincava com o garfo, que tinha fogo, nós acreditávamos em tudo, nós tínhamos muito medo”* (D.L. 22/07/2013). Percebo, a partir deste e de outros relatos, que o medo era a forma de conter os ânimos das meninas: *“Diziam que não era para nós se encostar em homem porque nós ficaríamos grávida, [...] que nós não podíamos sentar na mesma cadeira, [...] secar com a mesma toalha, [...] tudo nós ficaríamos grávida e eu acreditei”* (D.L. 22/07/2013).

Um dos relatos mais impactante da narrativa foi o do abuso sofrido pelas meninas pelos padres, o relato revela o fato que D.L. jamais esquecerá: o fato de ter seu corpo invadido por outrem⁶⁴.

D.L. e sua irmã saíram do Asilo por iniciativa dela. Quando ela passou mal chamaram sua mãe e ela solicitou que ela as retirassem do Lar devido aos muitos maus tratos sofridos. Ao sair D.L. relata ter falado com a Madre Superior e ter exposto todos os maus tratos recebidos por ela e pelas colegas do Lar, ao denunciar ela revela a rejeição e compreensão de uma pequena menina frente às suas experiências no lar.

Ir de castigo de baixo da escada, comer – mesmo sem gostar –, desempenhar tarefas domésticas e de plantio na horta, utilizar uniforme, passar muito frio – sem roupas adequadas nem cobertas –, estudar na escola das freiras sofrendo discriminação por parte dos colegas, ganhar brinquedo no natal, sofrer agressões físicas, realizar orações no cemitério, aprender a ler e a escrever, cantar no coro da igreja nas missas, confeccionar colchões e acolchoados para enxovais, não poder sair do Lar sem as irmãs, receber visitas – cronometradas – de sua mãe, as roupas eram separadas por números – o dela era 28 –, comer frutas direto da terra, sexualidade reprimida, abuso – invasão – do corpo, separação da ocupação do espaço – o das freiras e o das meninas –, a falta de carinho, as histórias de noite antes de dormir. Estas são representações das ressignificações que apreendo a partir das leituras da narrativa biográfica de D.L.

⁶⁴ Relato presente na narrativa transcrita de D.L. p. 105.

Ao reler sua narrativa transcrita D.L. lembra de fatos que não havia relatado anteriormente, e reconhece como um dos momentos que ela nunca conseguirá esquecer as breves visitas de sua mãe. Ela relata ficar com o coração na mão quando ela chegava e sem chão quando sua mãe ia embora, tamanha era a tristeza sentida por ela. D.L. afirma que *“Essa com certeza foi a recordação que mais me marcou”* (22/07/2013).

A egressa segue sua reflexão sobre sua vida e revela que sua relação com seus filhos também é fruto de suas experiências e relação com sua mãe durante o período vivido no Lar. E é esta a imagem que apreendo como fundante em sua vida proveniente de sua experiência asilar e que é reportada por ela como determinante de sua relação com sua família. Ela relata não ter uma relação de amorosidade com seus filhos e com seu marido, consequência, segundo sua reflexão, da falta de carinho que tivera na infância. D.L. expõe que na infância de uma criança jamais deve-se separá-la da mãe, pois esta é uma tristeza sem medida, e assim como a egressa C., ela afirma que por mais pobre que seja a família só haverá felicidade se a criança for mantida no núcleo familiar, ela revela que carregará consigo esta tristeza para sempre.

No capítulo que segue apresentarei os processos educativos encontrados a partir da análise dos dados, que emergiram dos eixos de análise, conforme detalhado no capítulo metodológico.

2.2.4 Exercício de sótão e de porão

Ao realizar o exercício de análise transcorri a casa habitada pelas egressas. Passei por suas alegrias, suas tristezas e suas experiências de vida no Lar. Durante o processo de leitura, transcrição e apreensão das narrativas percorri das mais risonhas lembranças às recordações relatadas com lágrimas nos olhos.

De uma extremidade a outra da flor (folha e raiz) e de uma extremidade a outra da casa (sótão e porão), percorri as narrativas das egressas em seus extremos no árduo e recompensador processo de garimpagem do pesquisador. Bachelard em sua ‘Poética do espaço’ (1978) afirma que o espaço é vivido na

Imaginação e que nós estamos presentes nas imagens da casa, assim como as imagens casa estão presentes em nós, pois “todo espaço verdadeiramente habitado traz a essência da noção de casa” (op. Cit. p. 200). Foi esta a essência que encontrei no Lar das meninas Felisbina Leivas.

Essência esta que apreendi a partir da conjuntura feita pelos eixos de análise (conforme anexo A) e pelos processos educativos fortemente marcados na fala das três egressas, os quais apresento a seguir:

- a aprendizagem e **incorporação das regras** para que este sujeito se faça pertencente ao grupo em que ingressa era feito pela interação. Todas as egressas, segundo as três narrativas, eram inicialmente apresentadas ao grupo e uma menina mais antiga ficaria responsável pela adaptação desta no ambiente novo. Apreendo que fazer-se pertencente a este grupo era o primeiro passo a ser dado, apreender as regras, a rotina, os lugares (acessíveis ou não) se fazia essencial para convívio no Lar. Nesta relação com as egressas mais antigas as ingressantes aprendem a distinguir as pessoas que as rodeiam, a função de cada uma (tanto das irmãs como a de suas colegas), as relações de subordinação, seus direitos e obrigações e, até aqueles (pessoas ou lugares) que faz-se necessário evitar.
- o trabalho também é presente na **rotina** das meninas. Suas obrigações no Lar variavam de acordo com a idade, exemplo disso é que as pequenas não realizavam afazeres na cozinha. Tanto a limpeza como o serviço na horta e com os animais eram realizados pelas meninas, em horários contrários ao da escola, e suas tarefas tinham que ser diariamente cumpridas. Elas aprendiam a realizar afazeres domésticos, lidar com a terra, com os animais, a fazer tricô, crochê, além de estudar.
- ao passo que apreendiam as regras da instituição, as meninas percebiam que para fugir do rigor que lhes imposto seria necessário aprender e criar estratégias, estas serviriam para **romper com o instituído**, sejam elas em forma de brincadeira (de noite com os porcos, como relata Ana Paula), sejam elas para esconder comida (como relata Dona Lenir) ou para evitar punições (escondendo que urinou na cama,

como relata Carla); Mesmo com o temor da punição elas criavam seus meios de burlar as regras.

- os momentos de brincadeira, de festas, de descontração são relatados como os mais prazerosos. Principalmente aqueles que eram realizados na simplicidade. Aprender a sobreviver com o mínimo possível de dor era necessário.
- as relações eram hierárquicas. Alguns processos se manifestavam na atenção das mais velhas para com as novatas, ou das freiras para com as meninas, pois muitas eram as atividades desempenhadas no Lar – desde jogos, brincadeiras, refeições, até as tarefas na horta, na limpeza, no estudo – e muitas as aprendizagens necessárias para lá se viver. Aprende-se a plantar plantando, a limpar limpando, a costurar, ordenhar, colher, fazendo, observando, interagindo. Aprender a prática, aprender na prática e aprender a partir da prática.
- a **escola** se fazia presente no cotidiano das meninas e é fortemente valorizada, pois cada espaços por onde as meninas transitavam serviam como ponto de apoio e referência para novas aprendizagens, escolares ou não.
- lidar com a ausência também se fez necessário para as egressas do lar. Falo aqui não somente da ausência da família, do afeto, mas também das condições de higiene (como para Dona Lenir), do alimento (para Carla), até mesmo depois da saída do Lar, lidar com a mudança (como para Ana Paula).

Os processos educativos identificados nas narrativas refletem a formação que o sujeito teve durante sua estadia no Lar e as aprendizagens a partir de tais experiências, sendo que estes estão diretamente ligados às intimações do meio em que estamos inseridos e que se relacionam com a constituição de nosso Imaginário.

Os momentos de brincadeiras, de estudo, de execução das tarefas, as festas, refletem momentos em que estabelecia-se uma intensa interação entre menina e menina, e entre freiras e meninas, através dessa interação davam-se os principais processos educativos, pois desde a aprendizagem da rotina, a

internalização de regras, até as estratégias para burlar tais regras eram incorporadas pela interação com o outro. Neste sentido o processo se faz auto-formador na medida que eu modifico meus pensamentos e ações a partir desta aprendizagem. São as intimações do meio postas, partilhadas e apreendidas.

Os processos educativos apontados relacionam-se diretamente às interações presentes e identificadas no Asilo a partir das narrativas. Compreendo que os processos educativos no Lar são constantes e vivenciados a partir da interação entre os sujeitos que lá partilharam suas vidas. Aqui pauto a compreensão de educação como um processo essencialmente social, que permite com que possamos compreender com clareza que as práticas sociais estão continuamente permeadas por processos educativos.

3 IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas

Clarear pelo Imaginário! É como Bachelard anuncia em sua poética do espaço (1978) o que sinto frente as palavras finais deste trabalho. Pude clarear através do Imaginário minhas íntimas inquietações de pesquisadora.

Sendo assim, ao me dirigir ao fim deste caminhar, aponto meus achados nesta pesquisa em que busquei encontrar as marcas vinculadas à estadia das egressas no Lar de meninas Felisbina Leivas, a fim de compreender como as imagens fundadoras, a partir do Imaginário, impulsionam/influenciam suas vidas, reconstruí as memórias a partir de narrativas por mim transcritas e deparei-me com imagens enraizadas e que se relacionavam diretamente com sua experiência institucional.

Machado da Silva (2006) afirma que o pesquisador está no pesquisado. Sendo assim primeiramente tornei claro as aflições pessoais que fazem esta pesquisa significativa para mim, pela íntima ligação que tenho com o lugar e sinto pelas mulheres que dela aceitaram participar e partilhar suas vidas. Assim histórias de vida se entrelaçaram e, ambas – minha e delas –, aparecem como propulsoras de significado existencial, estimulando assim a autoformação e o autoconhecimento, na medida em que o narrar e o refletir sobre suas vivências se fazem fundamentais para a redescoberta das dimensões do vivido, que mesmo encoberto pelo tempo tornam-se essenciais para reafirmar que as experiências de vida continuam vivas em nós e alimentam significativamente nossa existência.

Narrar, refletir e dar sentido ao relato de sua própria vida, como processo auto-formativo, foram etapas constituintes deste trabalho que buscou ampliar a visibilidade frente a um universo feminino que fora constituído em instituições de acolhimento. Mulheres (meninas) que no Lar encontraram proteção e amparo para sua sobrevivência. Tornar visíveis estas histórias de vida, por vezes ocultas, acredito ser fundamental para a compreensão dos sujeitos singulares, de suas individualidades como peças fundamentais para a compreensão do coletivo, partindo assim do micro para o macro.

Neste trabalho tal visibilidade se concretizou através das narrativas biográficas, que constituíram a principal ferramenta metodológica. Por meio delas pude conhecer e compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem que as egressas vivenciaram no Lar, com a prerrogativa de que uma narrativa biográfica não é um ‘simples’ amontoado de fatos despejados a um pesquisador, pois o processo individual (e coletivo) de síntese destas recordações que ocorre no pesquisado tem intermédio de uma vida (FERRAROTTI, 2010), sendo assim, por este intermédio, clarificam-se os conhecimentos de si.

Falar das histórias de vida que se contextualizaram no Lar de meninas Felisbina Leivas é falar da sociedade em que este estava inserido. Uma pequena cidade que, mesmo com todas as negatividades, proporcionou às meninas que necessitavam de um Lar, moradia, estudos e a possibilidade de seguir suas vidas, isto se evidencia fortemente nas palavras reflexivas de A.P.: “se tem uma coisa boa que eu passei na minha vida foi ter ido pro Lar” (10/06/2012).

Assim leio e interpreto a partir das narrativas que a mim, ou a pesquisa, foram concedidas. Recordo que minha primeira hipótese, anterior a coleta dos dados, era a de que a experiência de institucionalização para estas meninas/mulheres teria sido marcante de forma traumática, isto pelas imagens de que meu reservatório era impregnado. No entanto já no primeiro encontro com A.P. recebi declarações de que esta experiência asilar teria sido a melhor coisa que lhe houvera acontecido.

Perguntas fervilhavam em mim a respeito desta afirmação. Agora, depois de ter clareadas minhas aflições sobre a vida das meninas/mulheres que viveram no Asilo de Órfãs Felisbina Leivas e como elas se constituíram, quais influências sofreram e o quanto a instituição está presente em suas vidas hoje, compreendo que a positividade de ter passado pelo Lar consistiu na possibilidade de ter uma vida distinta daquela que lhe fora proporcionada pela família de origem: “[...] foi bom porque a gente aprendeu a ler e a escrever” (D.L. 22/07/2013). Estudar, aprender um ofício, ter um convívio considerado por elas ‘familiar’, valorizar o trabalho, dividir espaços e partilhar aflições, cultivar amizades, são algumas possibilidades que ficam claras nas narrativas.

O autoconhecimento, gerado a partir das narrativas de histórias de vida geradas no Lar, proporcionou a imprescindível reflexão das vivências das pessoas pelas próprias pessoas (PERES, 2008), das egressas pelas egressas. Ao narrar sua vida institucional elas apontaram suas recordações-referência (JOSSO, 2010^a), fatos que apresento a seguir e que surgiram em suas vidas como experiências formadoras, e que tornaram-se referências em sua existencialidade atual.

É neste ponto de reflexão das egressas que a Imaginação se revela como um fator de equilíbrio psicossocial que advém das intimações de toda ordem do vivido (culturais, sociais, psíquicas), pois é no Imaginário que o real se reinventa. Neste contexto as imagens tornam-se ferramentas do Imaginário, como reservatório do vivido, impulsionadoras de vida e a imaginação como possibilidade de re-invenção de si, pois é pelo Imaginário que o homem constrói-se e constrói, é por meio do Imaginário que o ser encontra reconhecimento no outro e reconhece a si mesmo.

O Imaginário proporciona a conexão dos indivíduos com suas experiências. Imaginário que incorporamos ao longo de nossa trajetória de vida, que é nosso e que é preexistente, que se caracteriza por esta vasta gama de imagens que pertencem ao nosso reservatório e que são alicerce de nossas ações, assim reafirmo que “O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais e sempre diferentes” (MACHADO DA SILVA, 2006, p. 9).

Assim as imagens fundantes identificadas nas narrativas, de uma forma ou de outra, estão fortemente associadas ao papel de mãe, a imagem de mãe, a grande função desta para a formação dos indivíduos em questão, nas palavras intensas das três egressas:

Com quatro anos perdi a mãe e não tive apoio de pai [...] Aqui foi minha família, foi minha casa, eu saí daqui com 14 anos [...] Eu digo para os meus filhos [...] cuidar da mãe, porque mãe é tudo [...] (A.P. 10/06/2012).

Foi uma experiência de vida para mim em todos os sentidos, Deus me livre eu não abandono meus filhos [...] Deus me livre ver eles passarem trabalho sem mãe, sem pai... longe de casa. [...] É essa a lição que eu tenho: nunca abandonar os filhos. (C. 22/06/2012)

A coisa mais importante que eu nunca consegui tirar da minha cabeça foi que o meu coração parecia que saía fora da boca quando diziam assim: “A tua mãe está chegando!” [...] quando ela me dava

um beijo e ia embora e eu via ela saindo do portão... [...] me dava uma tristeza [...] Essa com certeza foi a recordação que mais me marcou (D. L. 22/07/2013)

Como vimos as três mulheres, hoje mães, se constituíram pela ausência, seja física ou afetiva, de um ser que lhes fosse referência de acolhimento e amor. Esta imagem impregnou-se em seu cerne e refletiu fortemente sobre suas ações e sobre a forma de criação de seus filhos. No campo do Imaginário a imagem só se torna real e concreta no interior de um campo significativo e, acrescento eu, de ressignificação.

Ressignificações que foram amplificadas pela Imaginação. Reviver momentos de vida pelas recordações torna-se um ato revelador de imagens que em nosso íntimo ser são imperecíveis, assim o foi com as egressas. Ao recordar e narrar suas experiências do Lar as egressas buscaram em seus reservatórios as representações mais significativas de sua vida, e ao refletir sobre o papel delas em sua trajetória, identificaram as que foram propulsoras de ações, como as já citadas representações do papel de mãe.

Bachelard (1978) afirma que temos microfimes que não podemos 'ler' senão quando os focamos com a luz da imaginação, que dá novo significado ao vivido.

Ao voltar com os dados às egressas a fim de cotejar o que tinham dito e dar novo significado ao vivido, retomei com uma segunda questão detonadora – O que das experiências narradas você pensa estar presente em você hoje?⁶⁵ – eis os fatos considerados, pela egressa, como grávidas e que decorreram da apropriação delas de sua narrativa transcrita.

Ana Paula – gratidão pela possibilidade de uma vida melhor. Nos relatos da relação maternal que o que ela menciona é a compreensão da importância deste laço para a vida de uma pessoa, ela reconhece que ter perdido sua mãe muito cedo a faz ser protetora de seus filhos e batalhadora para que eles possam ter um destino diferente do dela, isto sempre regado de muito amor.

Carla – responsabilidade para com seus filhos. Sua mãe e a relação com ela não é mencionada em nenhum momento durante sua narrativa, a única relação maternal relatada é a dela para com seus filhos. Ela fala, indiretamente,

⁶⁵ Conforme capítulo metodológico p. 56.

da compreensão sobre seu abandono no Lar, ao falar que “filho nenhum aceita” ser abandonado, rejeitado seja pelo motivo que for.

Dona Lenir – valorização do amor acima dos bens materiais. Essa é a egressa que relata com mais intensidade a relação com sua mãe, ela menciona a todo momento a relação que tinha com ela, e ao refletir sobre essa relação maternal, se remete aos filhos dizendo que sempre trabalhou muito para lhes proporcionar os bens materiais que lhe foram ‘negados’, apreende também que por não ter recebido carinho, atenção e amor não o soube dar a seus filhos, o que hoje lhe é muito caro.

É neste bojo de representações maternais que julgo estar presente o Imaginário mais pulsante das egressas referente ao Lar, é ele que se sobressai frente às outras imagens presentes nas narrativas, como a do trabalho por exemplo. Nas três narrativas são três os polos que posso inferir referentes a relação das egressas com a imagem maternal: a supervalorização da presença da mãe em sua vida; a percepção do abandono, em que por motivo algum a mãe deve abrir mão de um filho; e a última refere-se ao reconhecimento do amor dedicado às filhas por uma mãe que almejava que elas conquistassem uma vida digna.

Impregnada pelas narrativas afirmo que o Lar de meninas Felisbina Leivas constituiu-se e representou um Lar para as meninas que lá residiram e que integraram esta pesquisa. No Lar os medos eram menores e maior era o amparo, tanto que elas reconhecem as relações que lá se estabeleciam como familiares: “Aqui foi minha família, foi minha casa” (A.P. 22/06/2012); “Era como uma família, porque nós morávamos todos juntos. Nós éramos uma família sim!” (C. 22/07/2012).

Nestes destaques podemos evidenciar o quanto a história de vida narrada proporciona a mediação do conhecimento de si na sua existencialidade, na medida que possibilitou a egressa a reflexão e a conscientização sobre diferentes passagens de sua vida no Lar e, até mesmo, de representações de si, caráter fundamental da autoformação. Assim, a análise das histórias de vida permitiram colocar em evidencia a pluralidade, a fragilidade e a mobilidade de nossas identidades ao longo da vida, vida que nos é cara pelos detalhes significativos do vivido, pela sutileza dos laços

estabelecidos, pela fúria, pela mágoa, pelos sentimentos abandonados ou/e trazidos, vividos como se lá (no passado) ainda estivéssemos, pelas imagens, em nós, indeléveis.

Dentro destas representações, imagens, vivências narradas aparecem os processos educativos que refletem fortemente a formação que os indivíduos tiveram durante sua estadia no Lar. Tais processos apresentam-se intimamente ligados às intimações do meio em que as egressas estavam inseridas e que se relacionam diretamente com a constituição de seu Imaginário. E foi nesta interação, como já visto, que deram-se os principais processos educativos, já que é na interação que o humano constitui-se e constitui cultura podemos inferir que, potencialmente, todos os espaços e tempos da vida são espaços e tempos de formação e transformação humana (BRAGANÇA, 2011), assim os processos educativos permeiam todos os espaços humanamente habitados.

Dentro deste universo a mim narrado pude identificar, para além das imagens fundantes e dos processos educativos, ações que agora dou destaque:

- A igualdade entre as egressas: Igualdade tanto no quarto, como nas camas e colchas iguais (Carla), como no uniforme (Lenir). É a uniformização pelo uniforme. Porém Ana relata em sua narrativa ter sido mimada por uma das freiras, o que aponta para a distinção no tratamento, embora as oportunidades, vestimentas, dormitório fossem padronizados, o lado afetivo era distinto de acordo com a freira e com a menina.
- Rompimento com o instituído: Mesmo com todas as regras, com horários rígidos da rotina e tarefas pré-determinadas estipulada pelas freiras, as meninas sempre conseguiam arquitetar uma maneira de burlar tal rigidez. Seja pela fuga para ir à venda pelos buracos da tela que cercava o Asilo, seja escondendo comida de baixo do colchão, lavando no banho apenas a ponta do cabelo ou pulando do alto do prédio para ter a sensação de adrenalina (Lenir); Seja pelas brincadeiras noturnas com os animais, ficar escondida dentre os morangos ou pelas apostas durante as refeições do domingo (Ana Paula); Seja ingerindo frutas estragadas, brigando ou escondendo o que fez de errado (Carla). Eram formas simples que elas

encontravam de quebrar com o instituído que lhes era imposto e resistir às imposições.

- A relação das meninas com a sociedade Jaguareense: esta é marcada de várias formas e em diferentes contextos. Ana Paula expõe sua gratidão pelas doações recebidas da comunidade, roupas, brinquedos, ela foi retirada do Lar por uma família que a ‘pegou’ para ser sua ‘pretinha’, nesta casa ela passou a desenvolver atividades domésticas e lá permanece até hoje e lhe é muito gata por isto. Para Carla a relação aparece como exploração, em que as famílias abastadas utilizavam a mão de obra das meninas para trabalhos em suas casas, em dias de festas ‘pegavam’ meninas para que trabalhassem em suas casas seja no trabalho doméstico, seja como babá. Para Lenir, a mais velha das protagonistas, a relação é marcada pela disparidade social, ela relata a discriminação sentida por ela e suas colegas do Lar e menciona como as relações mudaram em sua vida depois que ela ascendeu socialmente.

Há muitas similaridades entre as narrativas biográficas. Tanto Dona Lenir, como Carla e Ana Paula relatam experiências no Lar que se aproximam, tais como: a obrigação em comer a comida, as punições frente aos desrespeitos das regras, a rotina e divisão do trabalho, a escolarização, o relacionamento de proteção – apesar das disputas – entre as egressas. A diferença mais significativa que pude constatar pauta-se nas condições de subsistência do Lar, de condições de vida, as meninas que residiram no Asilo novo tinham chuveiro quente, roupas, cobertores, coisas simples que não se tinham no Lar em que Dona Lenir residiu.

A partir das visitas às memórias da institucionalização, posso perceber o quanto essa experiência marcou a vida dessas mulheres. Positiva ou negativamente, isto deu-se a medida da importância e das ressignificações que estar no Lar se constituíram para elas em cada momento de sua vida.

A partir do estudo realizado pude ampliar a visibilidade das mulheres Jaguarenses que residiram no Asilo de Órfãs Felisbina Leivas; evidenciar os reservatórios do Imaginário e as experiências de vida dessas mulheres;

apontar quais eram os principais processos educativos que se constituíram no Lar; identificar imagens fundantes das egressas.

O empírico da pesquisa, apontado neste trabalho, mostrou que mesmo com todos os 'contras', todas as negatividades das experiências vividas no Lar, este constituiu-se como um lugar de proteção, que proporcionava segurança à quem recebia resguardo para a sua vida.

Com isto, penso que como uma variável independente da pesquisa, este trabalho pode possibilitar a reflexão e problematização sobre o papel da educação e de educadores de crianças que passaram/passam, atualmente, pela experiência da institucionalização em casas lares, visto que a escola e a educação tornam-se imprescindíveis para a conquista da autonomia e da individualidade destes sujeitos.

Muitas são as diferenças entre os antigos Asilos, como o exposto nesta pesquisa, e as atuais casas de acolhimento⁶⁶. Atualmente meninos e meninas residem em uma mesma casa, os moradores são em número reduzido, há vários educadores responsáveis pela manutenção da casa e pela educação das crianças, há uma preocupação com a singularidade (os uniformes já não existem), a responsabilidade de manutenção desta casa é do Estado, tem-se uma superação do antigo formato das instituições de acolhimento.

Porém as vozes de quem lá reside/residiu ainda é negligenciada, isto porque compreendo que há aspectos que só são compreensíveis quando se leva em conta o ponto de vista dos abrigados (AGUIAR, WÜRDIG, 2011), de quem passou pela experiência asilar, pois na medida em que compreendemos seus modos de viver, agir e compartilhar, há a possibilidade de tornar visível e discutível as infâncias desse grupo social.

Entendo que torna-se necessário dar continuidade as reflexões aqui apresentadas sobre as memórias biográficas de histórias de vida com entendimento na abordagem do Imaginário, pois muito ainda há para ser compreendido a partir das relações que deram-se nos abrigos. Conhecemos a história das instituições de acolhimento no Brasil, mas pouco se fala das vidas que lá transcorreram, menos ainda a partir de suas vozes.

⁶⁶ Os dados apontados sobre as atuais casas de acolhimento foram coletados e retirados da pesquisa em que fiz parte intitulada: "Infâncias abrigadas: estudos compreensivos com crianças sob a tutela do estado.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. ***História Social da Criança e da Família***. 2.ed. Rio de Janeiro, 1981. 196p.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Elizeu Clementino de Souza e Maria Helena Menna Barreto Abrahão (org.). 2006. P. 149-170.

BACHELARD, Gaston. ***A poética do espaço***. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). 181-349p.

_____. ***A Poética do Devaneio***. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 205p.

BAUER, M., GASKELL, G. ***Pesquisa qualitativa com texto imagem e som***. Petrópolis, Vozes: 2002. 516p.

BOSI, Ecléa. ***Memória e sociedade: lembrança de velhos***. 7.ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. ***Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica***. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011.

BRANDÃO, Cláudia Mariza Mattos. **Entre Photos, Graphias, Imaginários e Memórias: a (re)invenção do ser profess@r**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, linha de pesquisa Cultura Escrita, Linguagens e Aprendizagem, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Pelotas, 2012. 150p.

BRASIL. Lei n. 8.069/90, de 13 de julho de 1990, **Estatuto da Criança e do adolescente**, Brasília. Câmara Federal.

CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999. 133p.

DEL PRIORI, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. ***História oral: memória, tempo, identidades***. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136p.

DURAND. Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução: Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 114p.

DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

FALCÃO, Adriana. **Mania de Explicação**. Ilustrador: Mariana Massarani. Salamandra/Moderna. 2001. 48p.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Antônio Nócoa e Matthias Finger (org.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 31-57p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

JAGUARÃO. **Estatuto da Associação Protetora dos Desvalidos**. Jaguarão: Liv. Tip. De Souza Resem: 1939. 18p.

_____. **Estatuto da Associação Protetora dos Desvalidos**. Jaguarão: Typ. D'ó Commercio: 1904. 18p.

JOSSO, Marie-Chistine. **A experiência de vida e formação**. Tradução: José Cláudio; Júlia Ferreira. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010a, 341p.

_____. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Antônio Nócoa e Matthias Finger (org.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b. 59-79p.

_____. A imaginação e suas formas em ação nos relatos de vida e no trabalho autobiográfico: a perspectiva biográfica como suporte de conscientização das ficções verossímeis com valor heurístico que agem em nossas vidas. In: Peres, Lúcia Maria Vaz (org.) **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos, 2009. 118-147p.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (org.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. 90-113p.

KUREK, Deonir Luís. **Ensaio sobre a dor na docência: uma escrita antropológica**. 2009. (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

_____. Essas coisas do imaginário. In: Lúcia Maria Vaz Peres, Edla Eggert e Deonir Luís Kurek (org.) **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos, 2009. 31-40p.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU. 1986. 99p.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina. 2006, 111p.

MARQUES, Mario Osório. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. 5.ed. Ijuí: Ed. Unijui, 2006. 154p.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. António Nóvoa e Matthias Finger. (org.) Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010. 155-187p.

PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. 347-375p.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, (tese de doutorado), 1999. 159p.

_____. No vai e vem da vida: a escrita de si como um processo de (auto) formação. In: **Escritas de Autobiografias educativas**. Lúcia Maria Vaz Peres e Andrisa Kemel Zanella (org.). 2011. 65-78p.

_____. O imaginário como matéria sutil e fluida fomentadora do viver humano. In: Lúcia Maria Vaz Peres, Edla Eggert e Deonir Luís Kurek (org.) **Essas coisas do imaginário**: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras. São Leopoldo: Oikos, 2009. 103-117p.

_____. Apontamentos sobre Polarizações Mítico-Simbólicas: matriciando a escrita (auto)biográfica de estudantes de pós-graduação. In: DIAS, Cleuza Maria Sobral & PERES, Lúcia Maria Vaz (org.). COLEÇÃO PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA: temas transversais. **Territorialidades: imaginário, cultura e invenção de si**. EDUFRRN | ediPUCS | EDUNEB Natal, Porto Alegre, Salvador, 2012, p.269-300

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2º Ed. São Paula: Contexto, 2012.

PRIORE, Mary del (org.). **História das crianças do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. 448p.

RIZZINI, Irene. **O século perdido**: raízes históricas das políticas públicas para a infância no Brasil. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2011, 200p.

_____, Irene e PILOTTI, Francisco (org.) **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, 335p.

_____; RIZZINI, Irma. **A Institucionalização de Crianças no Brasil**: Percurso. Histórico e Desafios do Presente. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo, Loyola, 2004. 96p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELLOS, Vera Maria R. de; SARMENTO, Manuel J. (org.). **Infância (in) invisível**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2007. 25-49p.

SOARES, Eduardo Alvares de Souza. **Um Século de Beneficência**. Pelotas: EDUCAT, 2004. 116p.

SOUZA, Elizeu Clementino de. História de vida, narrativas (auto) biográficas e docência na educação infantil. In: **Reinvenções do sujeito social: teorias e práticas biográficas**. Norma Missal Takeuti e Christopher Niewiadomski (org.). 2009. 256-268p.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez; ARAÚJO, Alberto Filipe. **Gilbert Durand: Imaginário e educação**. Niterói: INTERTEXTO, 2011, 116p.

TIMM, Edgar Zanini. Histórias de vida: alguns aportes filosófico-literários como contribuição à reflexão. In: **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica**: Tomo I. Maria Helena Barreto Abrahão, Maria da Conceição Passeggi (org.). Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 159-198.

VERGARA, S. A Gestão da Política de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Revista de administração pública** – v 26, n.3, jul./set. 1992

DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

AGUIAR, Priscila de Souza de; WÜRDIG, Rogério Costa. **O olhar das crianças e dos jovens acerca de uma instituição de abrigo**. In. XX Congresso de Iniciação Científica UFPel. Pelotas, 2011. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CH/CH_00797.pdf> Acessado em: 23/01/2014.

BORRIONE, Roberta; CHAVES, Antonio Marcos. **Análise documental e contexto de desenvolvimento: estatutos de uma instituição de proteção à infância de Salvador, Bahia**. Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 17-27, maio/agosto 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n2/a02v21n2.pdf>> Acessado em: 08/11/2011.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2741/2088>> Acessado em: 08/11/2011

MOTA, Catarina Pinheiro; MATOS, Paula Mena. **Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação**. Universidade do Porto, Porto, Portugal. Psicologia & Sociedade; 20 (3): 2008. 367-377p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n3/07.pdf>> Acesso em: 25/10/2012.

PEREIRA, Rita de Cássia Ferreira; FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino; WÜRDIG, Rogério Costa; AGUIAR, Priscila de Souza. **Pesquisa com crianças e adolescentes numa casa-lar**: percursos metodológicos. In. XIX Congresso de Iniciação Científica UFPel. Pelotas, 2010. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2010/cd/pdf/CH/CH_00720.pdf> Acessado em: 23/01/2014.

PERES, Lúcia Maria Vaz. **Narrativas como “retalhos das imagens” (auto) formadoras**: Matriciamento em movimento. Atos de pesquisa em educação – PPGE/ME FURB. v. 3, nº 2, p. 309-322, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewArticle/943>> Acesso em: 08/11/2011.

_____, Lúcia Maria Vaz; KUREK, Deonir Luis. **Teias de anima**: contribuições dos estudos do imaginário para a educação. Revista @ambienteeducação, volume 1, número 1, Jan/Julho 2008. Disponível em: <http://www.cidadesp.edu.br/old/revista_educacao/index.html> Acessado em: 02/01/2013.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. **Internatos, asilos e instituições disciplinares na história da educação brasileira**. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n7/numero7-artigo_1_internatos_asilos_e_instituicoes_alessandra_f_m_de_schueler.pdf> Acesso em: 08/11/2011.

WATHIER, Josiane Lieberknecht; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. **Sintomas depressivos e eventos estressores em crianças e adolescentes no contexto de institucionalização**. Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – SPRS. 2007; 305 – 314p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rprs/v29n3/v29n3a10.pdf>> Acesso em: 25/10/2012.

ANEXOS

ANEXO A – Eixos de análise

Ana Paula

Escola e trabalho

- Trabalho para a subsistência das meninas e do Lar (venda de flor);
- Trabalho doméstico de limpeza do Lar e das próprias roupas;
- Plantio na horta e criação de animais para a alimentação farta no Lar;
- Divisão das tarefas e das roupas igualmente;
- Saída do Lar para trabalhar em casa de família;
- Rotina rígida e regrada, adequada aos horários da escola;
- Estudo na escola com reforço no Lar;
- Divisão do espaço (freiras e meninas).

Família

- Ausência da família;
- Relação maternal com as irmãs;
- Famílias ricas acolhiam as asiladas em suas casas.

Pares (colegas e freiras)

- Privilégios recebidos devido a relação maternal com uma irmã;
- Relação de união com as colegas do Lar, amizadas constituídas pela convivência;
- Brincadeiras e diversão tanto em festas como no dia-a-dia (praça);
- Punição (tirar o que gosta ou ficar de joelho) para quem burlasse as regras;
- Sistema de igualdade entre as meninas;
- O Lar se constituía como uma família;
- Briga entre as internas pelos brinquedos.

Eu

- Gratidão e reconhecimento do Lar como imprescindível em sua vida;
- Suporte maternal emocional de uma freira;
- Supervalorização do papel da mãe para um filho.

Carla

Escola e trabalho

- Trabalho como obrigação (horta);
- Trabalho para a higienização do Lar;
- Divisão do trabalho das meninas de acordo com a idade e das freiras por setor;
- Estudo na escola e reforço no Lar;
- Rotina rígida nos horários e nas regras;
- Divisão do Lar, locais permitidos e proibidos;
- Ensino de trabalhos manuais, como: tricô e crochê;
- Igualdade entre as meninas, quartos iguais, numeração para as roupas.

Família

- Presença dos familiares no Lar para visitas;
- Relação de abandono familiar;
- Reconhecimento do Lar como família;
- Sentimento de solidão por estar longe dos familiares.

Pares (colegas e irmãs)

- Asiladas mais velhas responsáveis pelas meninas mais novas;
- Amizade e cumplicidade entre as meninas;
- Relação de cuidado, tanto das freiras com as meninas como entre elas;
- Carinho pelas freiras que a tratavam com amorosidade;
- Interação positiva entre as meninas;
- Brinquedos e brincadeiras partilhados com harmonia;
- Castigos frequentes, frente a indisciplina.

Eu

- Valorização da família;
- Percepção de exploração das meninas do Lar pelas 'famílias ricas';
- Sentimento de repulsa ao Lar, relacionado ao afastamento de sua família;
- Forte sentimento de abandono e rejeição;
- Reconhecimento da experiência como aprendizagem de vida.

Lenir

Escola e trabalho

- Trabalho realizado pelas meninas, cobrado e recebido pelas freiras;
- Trabalho aprendido considerado inútil para sua vida fora do Lar;
- Divisão das funções a serem desempenhadas, tanto das meninas como das freiras;
- Realização de brincadeiras entre os afazeres;
- Estudo no colégio das freiras, relações conturbadas com professoras e colegas;
- A escola marcava a distinção entre as classes sociais;
- Valorização da alfabetização;
- Discriminação sofrida pelas meninas do Lar na escola;
- Roupa: uniforme, do dia-a-dia e de comemorações.

Família

- Sentimento de tristeza pela falta do convívio com sua mãe;
- Presença e cuidados de sua mãe, apesar da ausência física;
- Cuidado fraternal entre Lenir e sua irmã.

Pares (colegas e irmãs)

- Forte distinção entre os dois períodos do Lar: o primeiro com as seis freiras foi bom, já o segundo foi um período árduo;
- Controle pelo medo e repressão, castigos e agressões físicas;
- Relação de cuidado e cumplicidade entre as meninas;
- Falta de afeto;
- Relação de compaixão, união e cumplicidade com as colega;
- Violação do corpo.

Eu

- Esquecimento de alguns períodos vividos no Lar;
- Responsabilidade por sua saída do Lar;
- Pequenas alegrias conquistadas com a simplicidade dos brinquedos e brincadeiras;
- Criação de estratégias para romper com o instituído, frente a ausência das mínimas condições de vida.

ANEXO B – Turma da pré-escola da creche Casinha de Maria em 1995.
Matheus, meu irmão, situa-se bem no meio da foto, aos pés da imagem de
Maria (arquivo pessoal).

Fonte: Fotografia do arquivo pessoal de Matheus Aguiar.



ANEXO C – Camas do Asilo, iguais a que tive em minha infância.
Fonte: Fotografia do arquivo pessoal de Andréia Knorr, ex professora da escolinha Casinha de Maria.



ANEXO D – Torneira localizada no refeitório do Asilo, onde minha avó lavava louça.

Fonte: Fotografia registrada por Priscila Aguiar em 26/05/2012.



ANEXO E – Parede da antiga cozinha do Asilo, hoje revestida.
Fonte: Fotografia registrada por Priscila Aguiar em 26/05/2012.



ANEXO F – Ficha de Estudo Social da egressa Carla.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas deste trabalho.

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE Cel AUGUSTO CESAR DE LEIVAS
L A R D E M E N I N A S - J A G U A R A O
F I C H A D E E S T U D O S O C I A L
* * * * *

IDENTIFICAÇÃO Nº _____

NOME DO MENOR CARLA REJANE ALMEIDA IDADE 6

DATA DE NASCIMENTO 22/06/1982 LOCALIDADE Jaguarão

REGISTRO DE NASCIMENTO Nº _____ CIDADE DE _____

CARTORIO _____ FOLHA _____ LIVRO _____ COR _____ SEXO _____

RELIGIAO Cat. ANO ESCOLAR 1a. S. Esc. que frequentou _____
Já esteve em instituições _____

Doenças que teve Nenhuma Saúde atual bom

Motivo do internamento Pobreza

Requerente Pai da criação (tutor) Regime Internato

Data de entrada 1º/01/89 Saída _____
* * * * *

F I L I A Ç Ã O

Nome do pai Francisco Correa (tutor) vive Sim Idade 45

Naturalidade Jag. Instrução Prim. Religião Cat.

Profissão Aposent. Ordenado 49.00 Instituto INPS

Endereço profissional N/ tem

Nome da mãe Mara Rejane Almeida vive Sim Idade 25

Naturalidade Jag. Instrução Prim. Religião Cat.

Profissão Dom. Ordenado _____ Instituto -

Endereço profissional N/ tem fixo

Casados Sim Situação atual _____ Mãe: _____

Nº de filhos -, empres 1 Maiores _____ dependentes _____

Tipo de habitação est. Regime de posse cedida

Nº de peças 3 água tem luz Sim Gastos Mensais _____

Responsável pelo menor Pai adotivo (tutor) Parentesco _____

Endereço Vila Dina (corredor do Lines) Nome e residência
que o responsável autoriza para a saída do menor Pai

Outras referências _____

NOME DOS FILHOS IDADE ESCOLARIDADE PROFISSAO

ANEXO G – Documento que registra a saída de Carla do Asilo sob
responsabilidade de seu tutor.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas
deste trabalho.

DE MENINAS FELISSINA LEIVAS

DECLARAÇÃO

Eu Francisco Correa (tutor) abaixo assinado, respon-
sável da (s) menor (s) Carla Rejane Almeida declaro que
recebi as referida (s) menor (s) que se encontravam internadas na
ASSOCIAÇÃO BENEFICIENTE GENERAL AUGUSTO CÉSAR DE LEIVAS, departamento
" LAR DE MENINAS".

Passarão a residir em minha companhia à rua Vila Dias
Corredor do Linez, 145

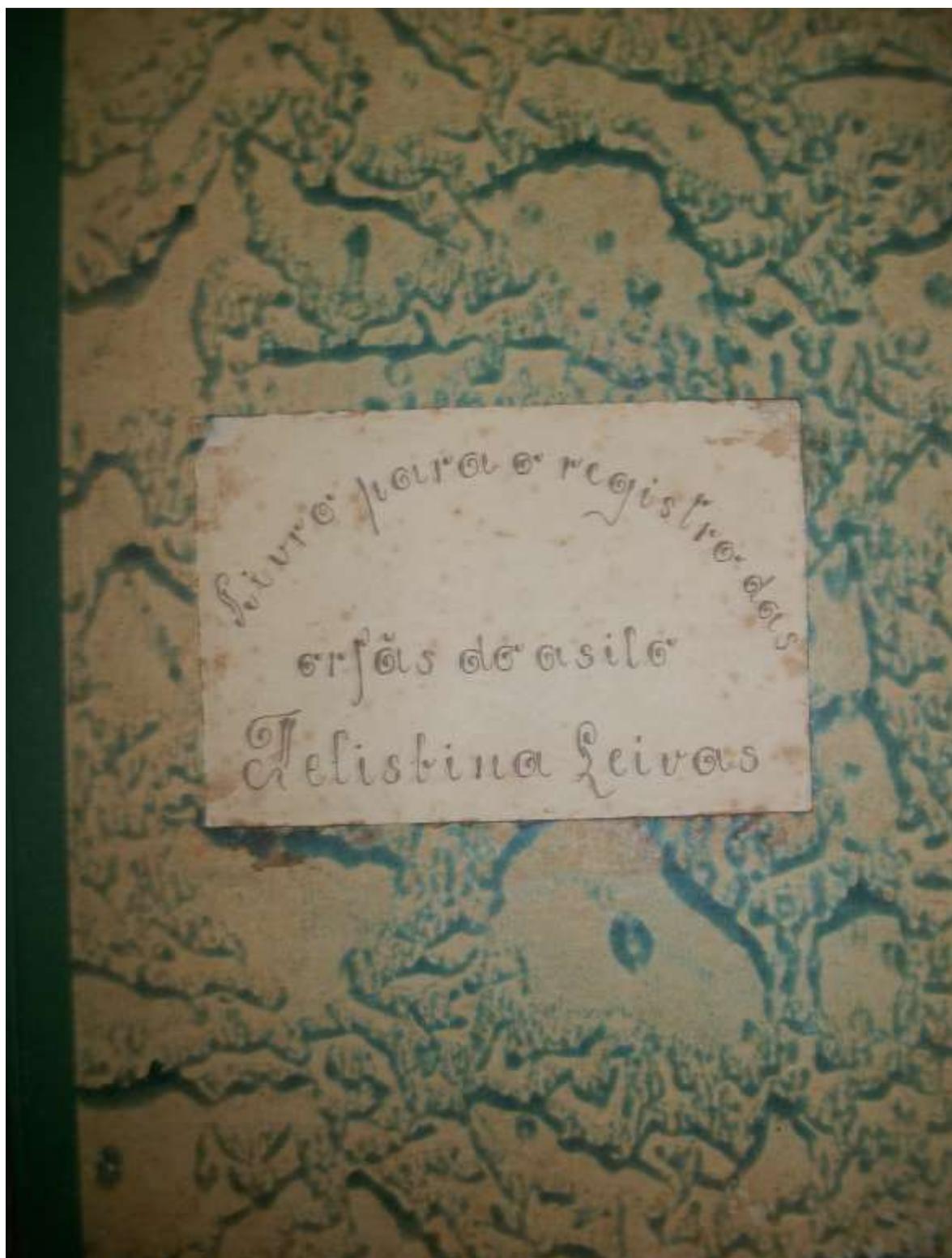
Francisco Correa
RESPONSÁVEL

JAGUARÃO 27 DE 02 DE 1991

INGRESSARAM NO LAR: 10/03/1989.....
SAIU: 27/02/1991.....
MOTIVO: Para morar com o seu próprio
tutor Sr. Francisco Correa.....

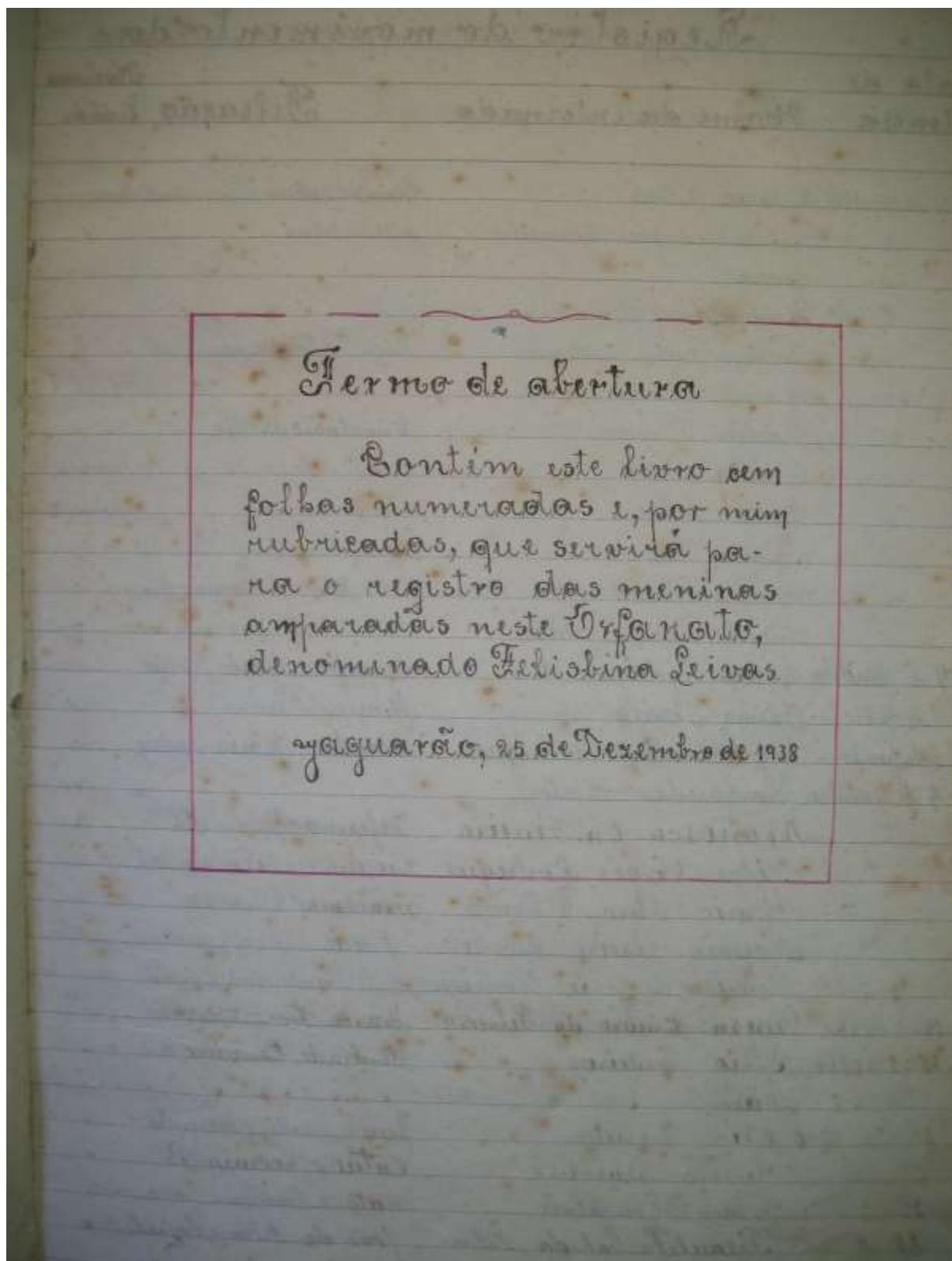
ANEXO H – Capa do livro em que eram feitos os registros de entrada e saída da egressa do Lar.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas deste trabalho.



ANEXO I – Termo de abertura do livro de registro.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas deste trabalho.



ANEXO J – Folha de registro da entrada e saída da egressa Carla Rejane Almeida.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas deste trabalho.

Entrada	Nome	Resumo de Movimento das Meninas 1949 do Lar de Filiação	Nome Mãe	Meninas Co.	Idade	Felicitimo Leivas - Responsável	Observações
05/04/1949	Irma Paula D. Ferreira	Alfonso Ferreira	mar	mul	24/11/1930	R. Possivel	Observação: saída em 10/11/1950
22/01/1951	Cláudia de F. Barragão	Manuel, Maria F. Barragão	ben	ben	01/11/1932	Alfonso Ferreira	
01/01/1951	Paula Estere Soares	Diadora Soares	ben	ben	21/07/34	Genival Barragão	
19/01/1951	Christina Ribeiro Soares	Leopoldo P. Soares	ben	ben	02/02/36	Dolores Soares	
01/02/1952	Edlene Silveira Silva	Solange S. Guterres	ben	ben	24/04/1931	Leopoldo P. Soares	
12/03/1952	Luiz Helene dos S. da Silva	Adão - Cláudia dos Santos	ben	ben	25/11/1932	Solange S. Guterres	
02/03/1952	Edle Luciano dos S. da Silva	"	ben	ben	01/11/1933	Adão e Cláudia dos Santos	
08/03/1952	Alfonso Rodrigues Sabate	Lula Rodrigues	ben	mul	01/02/1933	Lula Rodrigues	
15/03/1951	Suzely Soares Costa	João e Elizabeth Porto	ben	ben	25/12/1935	João e Elizabeth Porto	Observação: saída em 05/02/1952
22/03/1951	Rita Helena Porto	"	ben	ben	08/11/1934	"	Observação: saída em 23/01/1952
02/03/1952	Rosemary P. Gomes	Adelajde Vasconcelos	ben	ben	04/02/1935	Adelajde Vasconcelos	
01/03/1952	Elizabeth P. Gomes	"	ben	ben	04/11/1935	"	
04/03/1952	Francine Quilb. Aires	Georgina A. S. Aires	ben	mul	31/01/1936	Georgina A. S. Aires	
01/03/1952	Francine Turcato Aires	"	ben	mul	20/04/1936	"	
30/03/1952	Fernanda R. de Silva	Mile R. da Silva	ben	ben	22/07/1938	Mile R. da Silva	
30/03/1952	Marice da Silva Lima	"	ben	mul	04/04/1941	"	
01/04/1951	Margarete Barbosa	Dina Ferranicles	ben	ben	12/06/1935	Dina Ferranicles (mãe)	
04/04/1951	Helene J. Costa	Ados - Emília Costa	ben	mul	04/06/1934	Emília J. Costa	
01/04/1952	Leandine P. da Silva	M. Leandine P. da Silva	ben	ben	22/10/1934	M. Leandine P. da Silva (mãe)	
21/04/1952	Luiz Wander de Silva	Widal, Leocimar de Silva	ben	ben	10/01/1933	Widal de Silva	
03/04/1952	Luca Aires Costano	Luca A. - Wale Costano	ben	ben	01/07/1933	Luca Aires Costano	
01/04/1952	Francine Soares	Dolores Soares	ben	ben	01/07/1932	Dolores Soares	
02/04/1952	Francine Costa Luciano	Emília - Aires Luciano	ben	ben	09/11/1932	Emília Luciano	
15/04/1952	Patrícia Lúcia Barcellos	Rui Pinheiro	ben	mul	25/04/1933	Luiz Pinheiro	
09/04/1952	Juliana Machado	Rosa Machado	ben	mul	01/03/1939	Rosa Machado	
06/04/1952	Estiane Machado	"	ben	mul	22/11/1930	"	
04/04/1952	Patrícia da Silva Lima	Dinacis R. da Silva	ben	ben	05/11/1935	Dinacis Rodrigues da Silva	
11/04/1952	Carla Rejane Almeida	Francine Soares (mãe)	ben	mul	22/04/1932	Francine Soares (mãe) e M. Lima	

ANEXO K – Listagem das meninas conforme sua data de nascimento e a série que frequentavam.

Fonte: Documentos coletados na ADP e pertencentes a uma das protagonistas deste trabalho.

NOME DA MENINA	NASCIMENTO	SÉRIE que estuda
01 - Ana Paula Dorneles Ferreira	23/11/1974	5a.Série
02 - Ana Paula Ferreira Gusdes.....	22/03/77	1a.Série
03 - Carla Rejane Almeida.....	22/06/ 82	2a.Série
04 - Cátia Silvana Silveira Gutierrez.....	21/08/78	5a.Série
05 - Daiane Mendes da Silva.....	14/08/1990	1a.Série
06 - Elida Cristina dos Santos da Silva.....	18/11/78	4a.Série
07 - Fátima Machado.....	07/08/79	5a.Série
08 - Flavia Helena Dias Soares.....	07/05/81	1a.Série
09 - Fernanda Machado.....	28/11/71	1a.Série
10 - Gicilene Pereira da Costa.....	13/07/79	4a.Série
11 - Josiane Soares.....	10/01/82	2a.Série
12 - Lidiane Silveira da Silva.....	06/09/81	2a.Série
13 - Maguiliane Lima Barbosa.....	12/04/75	5a.Série
14/- Rosimere Vasconcelos Gomes.....	08/06/78	5a.Série
15 - Suze Helena dos Santos da Silva.....	25/08/77	5a.Série
16 - Silvana Rodrigues Calvete.....	19/09/80	2a.Série
17 - Simone Gonçalves Alves.....	17/01/83	1a.Série
18 - Tatiane Machado.....	29/12/80	3a.Série
19 - Vera Beatriz Rodrigues Carvalho.....	08/03/82	2a.Série
20 - Zélia Terezinha de Oliveira Campelo	28/04/80	1a.Série

ANEXO L – Autorização.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE IMAGINÁRIO EDUCAÇÃO E
MEMÓRIA**

AUTORIZAÇÃO:

Eu _____ declaro concordar com a divulgação de registros iconográficos (filmagens e fotos), narrativas (orais e verbais) bem como meu nome próprio, para o estudo que dará origem a dissertação de mestrado “História de vida: narrativas biográficas de egressas do Asilo Felisbina Leivas, da mestrandia Priscila de Souza de Aguiar.

Autorizo, também, o uso em outras situações que se fizerem necessárias, tais como: eventos científicos, artigos, trabalhos, palestras e outras publicações acadêmicas.

Local e Data: _____

Entrevistadora: _____

Assinatura: _____